



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



PROPRIEDADE: U n i v e r s i d a d e d e C o i m b r a
DIRECTOR: F e r n a n d o S e a b r a S a n t o s
DIRECTOR-ADJUNTO: J o s é A n t ó n i o B a n d e i r i n h a
EDITORA: C l a r a A l m e i d a S a n t o s
DESIGN: A n t ó n i o B a r r o s
FOTOGRAFIA: J o ã o A r m a n d o R i b e i r o
INFOGRAFIA: P e d r o M i g u e l D u a r t e • ESTÍMULUS [design]
CAPA: *Salamino*, 1966, Mario Merz, Arte Povera, Pavilhão Centro de Portugal, Foto: JAR
PRODUÇÃO: Isabel Terra, Lúgia Ferreira e Luísa Lopes • Tel. 239859814
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA: I l í d i o B a r b o s a P e r e i r a
COORD. DO CADERNO TEMÁTICO: Clara Almeida Santos e João Figueira
EDIÇÃO: G C I • Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO: L i t o g r a f i a C o i m b r a , S A . • TIRAGEM: 3 5 0 0 ex.
PONTOS DE VENDA: Quarteto, XM e Livraria/Loja UC
ISSN: 1 6 4 5 - 7 6 5 x • A n o t a d o n o I C S

w w w . u c . p t / r u a l a r g a

S U M Á R I O

4 • Editorial • Fernando Seabra Santos

REITORIA EM MOVIMENTO

5 • Erasmus em Coimbra: 20 anos de sucesso • Cristina Robalo Cordeiro

7 • Apoiar o estudante • José Manuel Portocarrero Canavarro

OFICINA DOS SABERES

A c t u a l

102 • Da sala de aula ao ordenamento do território: Arquitectura da UC distinguida na Trienal de Lisboa

12 • Nuno Teotónio Pereira oferece arquivo político: CD 25 de Abril mais rico com espólio do arquitecto

15 • Diplomados em Desporto e Educação Física: dados do Observatório da Inserção Profissional

17 • Aprender a brincar: Física e Matemática contaminam Hospital Pediátrico

19 • www.uc.pt/poetas: O VI Encontro Internacional de Poetas

I m p r e s s õ e s

20 • Os 30 anos da Alternativa Zero • Isabel Nogueira

22 • Architecturas em palco • João Mendes Ribeiro e Catarina Fortuna

26 • O sentido dos sentidos • Afonso Macedo e Pedro Dias da Silva

B r e v e s

R i b a l t a

30 • Europa, arquitectura portuguesa em emissão

34 • GRID

37 • Olimpíadas de Química Júnior

C i ê n c i a R e f l e c t i d a

38 • A engenharia dos tecidos • Lino S. Ferreira

AO LARGO

R e t r a t o d e C o r p o I n t e i r o

41 • Voluntários na primeira pessoa

V i s i t a G u i a d a

51 • Tradições universitárias e patrimonialização • Paulo Peixoto

E n t r e v i s t a

57 • António Galopim de Carvalho: “Portugal é um país de faz-de-conta”

C r ó n i c a

63 • Ilha do Fogo: o “spritu de burcan” (espírito do vulcão) • Maria Helena Henriques

C r i a ç ã o L i t e r á r i a

67 • Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios – Sag’ mir, wer einst die Uhren erfund • Heine

O L u g a r d o s L i v r o s

TODAS AS RAZÕES PARA ESTAR OPTIMISTAS

FERNANDO SEABRA SANTOS

No momento em que escrevo este editorial, acaba de entrar em vigor o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior. Pela importância central que este documento inevitavelmente vai ocupar no contexto do funcionamento das universidades portuguesas, dificilmente se poderia evitar hoje uma nova referência ao tema. Esta revisita igualmente permite transmitir uma ideia que se me tem imposto com cristalina transparência: se até aqui, os universitários se bateram por uma boa redacção – e do seu empenho e da sua intervenção resultaram melhorias significativas relativamente às versões iniciais – a partir de agora a mesma determinação deverá ser canalizada para a interpretação e para a aplicação da nova lei. E sendo uma lei, em boa medida, a sua aplicação, esta segunda parte é ainda mais importante do que a primeira.

Trata-se, tão-só, de repensar o papel da Universidade e de redefinir a sua missão, de a situar no contexto do ensino superior nacional e internacional, de a recentrar em torno das actividades de investigação científica e de ensino pós-graduado, de a preparar para novos públicos, de antecipar os desafios que o futuro próximo lhe há-de colocar, de reflectir sobre o alargamento e a arrumação de saberes, de redesenhar a sua estrutura de governo, de garantir a coesão entre corpos e entre unidades, no quadro da elaboração de uma nova carta constitucional a ser concluída até 10 de Junho de 2008. Como me competia, apresentei a Senado, na reunião plenária de 10 de Outubro, o regulamento do processo de eleição dos representantes dos professores e investigadores e dos estudantes na Assembleia que há-de aprovar os novos Estatutos da Universidade e de cooptação das personalidades externas que a completam. Realizada a eleição e a cooptação, é minha intenção

que ela reúna uma primeira vez ainda antes do Natal. Se assim for, teremos cerca de seis meses para elaborar e aprovar os novos Estatutos.

Da leitura que faço da lei, é meu entendimento que a posição e a responsabilidade do Reitor no processo é muito mais do que meramente formal. Na verdade, é o Reitor que preside à Assembleia Estatutária, cabendo-lhe a responsabilidade de promover a concretização do novo modelo de gestão. Sobre ele recairá o ónus de uma eventual não aprovação injustificada dos estatutos, no prazo de 8 meses, atraso que conduziria a Universidade, para todos os efeitos legais, à situação de degradação institucional, sancionável através de encerramento compulsivo.

Nestas circunstâncias, parece-me evidente que se deve exigir ao Reitor uma atitude de procura activa de caminhos e de soluções, mobilizando a comunidade universitária para a reflexão e para o trabalho, programando, promovendo, organizando, fazendo com que as coisas aconteçam.

Pela minha parte, quero deixar claro o meu firme propósito de assumir plenamente as responsabilidades que me cabem como Reitor eleito democraticamente pela comunidade universitária de Coimbra, trabalhando desde logo para que a Assembleia Estatutária, apesar das pesadas limitações que decorrem da lei, possa ser constituída por pessoas competentes e dedicadas, com provas dadas na vida universitária e com a mais ampla representatividade.

A Universidade de Coimbra tem oito meses para mostrar o que vale. Pelo que conheço das pessoas que a compõem, temos todas as razões para estar optimistas.

* Reitor da Universidade de Coimbra

*Senhora, partem tã tristes
Meus olhos por vós, meu bem*

Os versos de Joam Roiz de Castell Branco evocam, na poesia palaciana do século XV, a nostalgia de um bem que do viajante enamorado se aparta – e, no que toca a afectos, nada parece ter mudado em seiscentos anos!

E todavia, desde sempre o desejo de rasgar horizontes e de “dar novos mundos ao mundo” foi mais forte! Quantos poetas, filósofos, romancistas não celebraram a viagem no entusiasmo da descoberta do outro, no deslumbramento da diferença, na vertigem de novas vivências, na alegria simples da partilha! E se o sentido de aventura e de achamento sempre acompanhou a experiência da partida, foi sem dúvida a irrequietude do espírito aberto ao conhecimento e a vivacidade da inteligência em busca de novos saberes que mais fortemente alimentaram o imaginário de muitas gerações de viajantes.

Um dos elos desta corrente – que atravessa, solidária, o tempo – tem o nome e o rosto da UNIVERSIDADE. Houve uma época em que a circulação, nas escolas europeias, se fazia na diversidade e na unidade do mundo cristão. Na Idade Média, Tomás de Aquino ensinava em Paris sem ter tido que solicitar a mais pequena equivalência à administração central! E Erasmo de Roterdão, grande viajante, campeão do humanismo e da tolerância numa Europa ameaçada pelo fanatismo e a guerra civil, sábio profeta da unidade e da amizade, teria podido, se o destino o tivesse permitido, frequentar a nossa casa no momento em que D. Manuel lhe conferia os seus estatutos, em 1503. Mas Erasmo encontrava-se então precisamente em Bolonha, onde, na sequência das estadias em Paris e em Londres (onde conhece Thomas More, que não tinha ainda escrito a *Utopia*), preparava e obtinha o seu doutoramento. Veneza, Cambridge, Lovaina e Basileia foram as principais etapas do seu itinerário europeu, precursor e modelo dos nossos circuitos universitários.

Ao universalismo medieval que havia já perdido brilho e poder, Erasmo substituiu um cosmopolitismo generoso e, antes de mais, corajoso. Mas o seu *Elogio da Loucura* mostra-nos sobretudo a força do espírito contra a letra, do pensamento vivo contra a escolástica: lição que devemos lembrar numa altura em que a nova universidade cada vez mais se institucionaliza, arriscando-se a esquecer a intuição criadora que a fez nascer.

Do século XVI ao século XXI muita coisa mudou, certamente, mas o espírito de Erasmo, tão justamente escolhido como símbolo epónimo de um programa de intercâmbio de estudantes, persiste e ganha corpo em cada um dos que partem movidos por uma mesma vontade curiosa e irrequieta, em golpe de asa idêntico ao que inspirou o humanista.

PONTE PARA A DIVERSIDADE E UNIVERSALIDADE

Quis o destino que a Universidade de Coimbra tivesse estado ligada desde a primeira hora ao programa que lançou e desenvolveu o intercâmbio de estudantes nas universidades europeias. O destino, ou melhor, a vontade e a determinação de quem nele vislumbrou uma imensa oportunidade e soube encontrar neste modo de internacionalização um factor determinante de mudança e de aprendizagem, de abertura e de crescimento!

De facto, o papel pioneiro do Grupo de Coimbra, então recentemente criado, na dinâmica de contactos e de parcerias entre escolas de prestígio foi crucial para o sucesso desta aventura universitária. De um pequeno núcleo inicial de instituições, rapidamente se evoluiu para a criação de uma rede sem limites nem fronteiras pronta a responder, com qualidade e imaginação, aos sonhos e às exigências dos seus estudantes. A UC esteve então na linha da frente e aí se mantém como escola de referência na mobilidade estudantil. Não é por acaso que, ao

avaliar o Programa ERASMUS em todas as universidades da Europa, a Comissão Europeia acaba de selecionar a UC como um caso de sucesso!

Ao traçar agora os grandes momentos criadores de uma história de vinte anos onde ecoa a voz determinada dos pais fundadores, quem duvidará da importância deste inquebrável fluxo de jovens que enriquecem e transformam as nossas universidades, obrigando-as a um permanente questionamento de si? E como não ser sensível, no depoimento dos nossos estudantes – que, nas mais diversas circunstâncias, quiseram que uma parte fundamental das suas vidas ficasse indelevelmente ligada ao nome do grande humanista –, a uma certa disposição de alma tecida não apenas na tolerância e no

respeito pelos valores e pela cultura do outro, mas também na firme convicção de que não há melhor arma do que o saber livremente partilhado?

Poderíamos, parodiando uma fórmula clássica de Kant, dizer que, sem afirmação metafísica do universal, a diversidade é uma intuição cega, da mesma forma que, sem a riqueza sensível da diversidade, a universalidade é um conceito vazio. O programa ERASMUS, associando a diversidade cultural à universalidade científica, tem assim o mérito singular de nos fazer viver uma síntese dialéctica e, ao mesmo tempo, uma utopia realizada.

* Vice-Reitora



APOIAR O ESTUDANTE

Chegar ao ensino superior é, como todos sabemos, uma etapa fulcral e marcante do ciclo de vida de qualquer sujeito. Enfrentá-la com determinação e apoio e transpô-la com sucesso é fundamental. Para os sujeitos e para as instituições que os acolhem e formam.

A capacidade de uma instituição do ensino superior promover o sucesso dos seus estudantes é cada vez mais um indicador de avaliação do seu desempenho, consagrado em produção legislativa. Numa primeira fase, a nossa preocupação centrar-se-á no estudante que acaba de chegar à nossa Universidade. Sem, contudo, deixarmos de cuidar daquele que, não tendo acabado de chegar, manifesta dificuldade em dobrar o primeiro pata-mar, isto é, em transitar do 1.º para o 2.º ano.

A nossa intervenção procurará envolver diferentes actores. Será centrada no estudante de forma muito clara. No entanto, em torno do estudante gravita um outro conjunto de actores que podem ajudar a que a chegada e a passagem pela Universidade constituam etapas de desenvolvimento adaptativo. Não restam dúvidas que a transição para o ensino superior confronta o indivíduo com múltiplas exigências e inúmeros desafios nas esferas pessoal, intra e interpessoal, e académica.

DIFICULDADES PARTILHADAS

A existência de dificuldades, mesmo quando são superadas no plano dos objectivos, e a existência de fracassos e de não conclusão de estudos são relevantes, em primeiro lugar, para os próprios, mas também para os professores e para os serviços da Universidade. São também relevantes em matéria de avaliação educacional de cariz institucional. Encontramos na lei todo um conjunto de critérios pedagógicos que dão também forma à avaliação das instituições.

Em suma, a preocupação com o bem-estar dos estudantes, a melhoria da sua qualidade de vida pessoal e a

JOSÉ MANUEL PORTOCARRERO CANAVARRO*

melhoria dos indicadores de desempenho institucional em matéria pedagógica motivam uma intervenção estruturada.

Uma intervenção que não se sobreponha ao valioso conjunto de dispositivos e iniciativas já desenvolvidos pelas e nas diferentes unidades orgânicas da Universidade de Coimbra, bem como ao trabalho da direcção-geral da Associação Académica e dos núcleos de estudantes.

ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO

Com o apoio do POCI 2010, após formalização de candidatura, procuraremos intervir, ao longo de 2007-2008, em quatro linhas fundamentais, que passamos a apresentar de forma sumária:

Linha de Acção 1

Levantamento e reforço dos conhecimentos dos estudantes (em transição; estudantes do 1.º ano) nos domínios da Língua Portuguesa, Língua Inglesa, sobretudo, pois são entendidas como competências gerais, e em outras áreas mais específicas em função da licenciatura frequentada – comportará uma fase de diagnóstico, directo ou indirecto, seguida de formação, a disponibilizar também pela via *online*.

Linha de Acção 2

Reforço das competências pessoais e sociais dos estudantes – incluirá formação e intervenção em “grupos-alvo” ou considerados em maior risco de abandono escolar; formação e intervenção em áreas como métodos de estudo, gestão e controlo do stresse em contexto académico, desenvolvimento de competências pessoais e sociais (esta formação já é e continuará a ser assegurada pelos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra).

Linha de Acção 3

Melhoria de rede técnica de suporte psicológico e psicopedagógico a disponibilizar aos estudantes universitários.

Linha de Acção 4

Desenvolvimento de iniciativas de discussão de temas relevantes para a melhoria da formação pedagógica dos docentes da Universidade.

RECURSOS COLECTIVOS
PARA NECESSIDADES INDIVIDUAIS

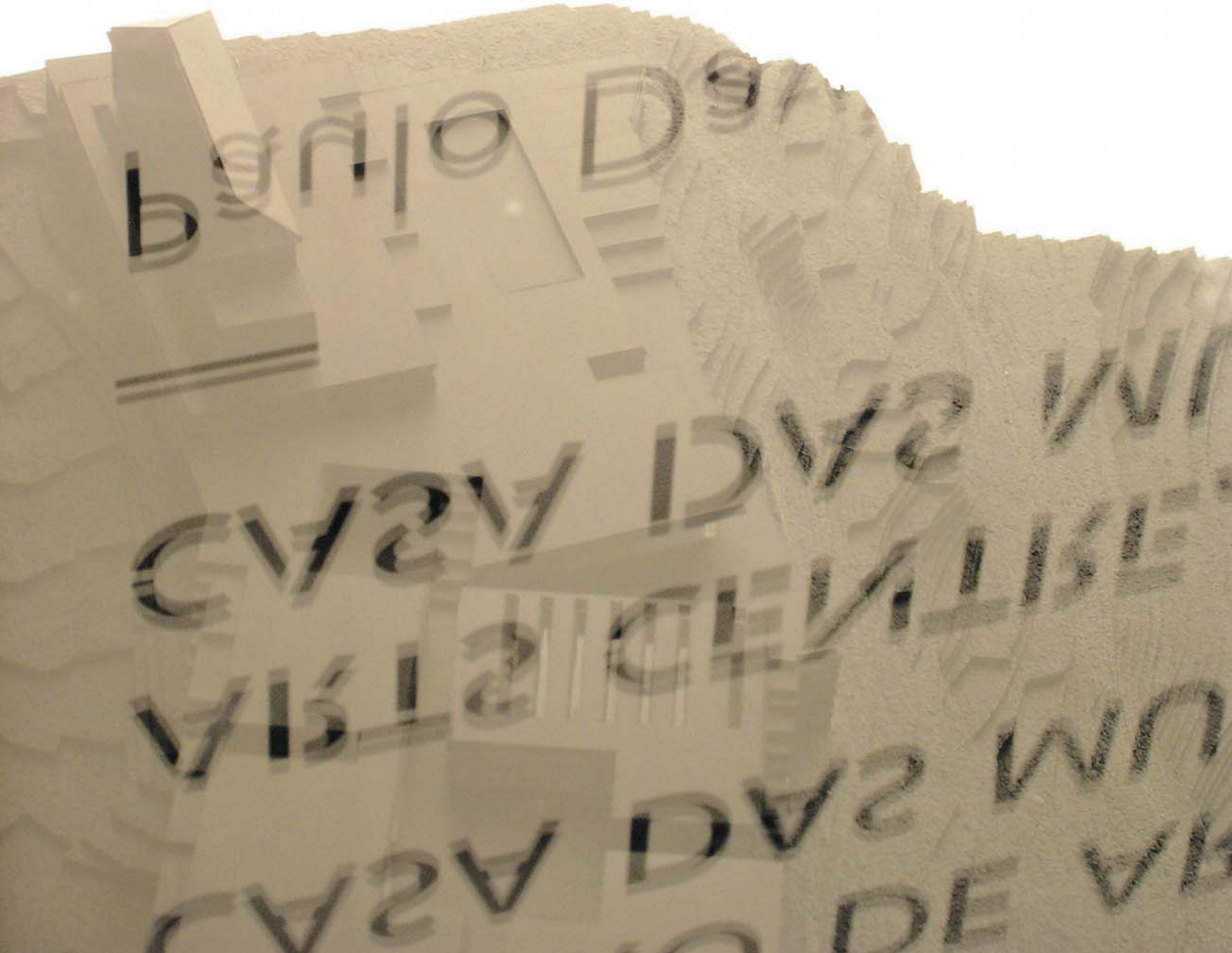
O insucesso educativo ou escolar é um problema de expressão individualizada, pelo menos num primeiro olhar ou numa primeira abordagem. O abandono escolar, que muitas vezes é sequência ou consequência, é igualmente olhado ou tratado de forma idêntica.

No entanto, para prevenir ou resolver estes problemas são necessários recursos individuais, mas também interpessoais e institucionais. Os primeiros poderão não ser suficientes, muito menos se não forem incrementados. Importa promover uma dinâmica interactiva ainda mais forte dos estudantes com os seus colegas, com os seus professores e com os técnicos das áreas da Psicologia e da Educação das diferentes estruturas existentes na Universidade.

Torna-se fundamental envolver toda a comunidade académica para que nenhum estudante da Universidade de Coimbra se sinta desapoiado na transição que decidiu fazer para junto de nós. Queremos que por cá fique com sucesso para bem da qualificação dos portugueses, tarefa a que a Universidade de Coimbra se dedica há largos séculos com a qualidade que socialmente se lhe reconhece.

* Pró-Reitor





DA SALA DE AULA AO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO ARQUITECTURA DA UC DISTINGUIDA NA TRIENAL DE LISBOA

A representação do Darq-FCTUC (Departamento de Arquitectura) na Exposição Universidades, da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007, foi construída como uma amostragem genuína do processo que a disciplina de Projecto V, sob orientação de Gonçalo Byrne, tem vindo a desenvolver ao longo dos anos, e que assenta na experimentação da metodologia do projecto de arquitectura aplicada ao Projecto Urbano. O exercício parte da análise e compreensão de uma área territorial alargada, de significativa complexidade, e o desafio colocado pela temática da Trienal de Lisboa ajustava-se bem ao programa curricular. Deste modo, lançou-se um desafio projectual para a Área Metropolitana de Lisboa, centrado no Estuário do Tejo, como fora enunciado, e cumpriu-se a metodologia normal que viu apenas ajustado o seu calendário às exigências do concurso.

SOLUÇÕES À ESCALA DE MAQUETAS

Após uma primeira fase de análise, efectuada em grupo, as diferentes turmas produziram maquetas do estuário e experimentaram estratégias globais, onde foram considerados alguns dos temas mais relevantes do actual debate sobre a região de Lisboa. Do debate não foram excluídas as polémicas e complexas questões da nova travessia do Tejo, ou da alta velocidade, do novo aeroporto de Lisboa ou das plataformas logísticas, que se deverão articular ainda com o presente, e futuro, Porto de Lisboa, que se encontra fragilizado pela má articulação com as redes de infra-estruturas, e pela sua dispersão ao longo de uma enorme e fracturada margem linear, acompanhando o estuário. As frentes ribeirinhas assumiram, naturalmente, um protagonismo importante no desenvolvimento das estratégias e cumpriram-se seguidamente, já em exercícios de grupo, projectos de intervenção sectoriais, em que os programas arquitectónicos e as suas formulações espaciais procuraram dar corpo às estratégias anteriormente desenvolvidas. Como sempre, o trabalho evoluiu depois para a definição formal e espacial do edificado e do espaço públi-

co, até à compreensão e caracterização das soluções em escalas de pormenor. Esta fase final não integrou o concurso, por decorrer já fora dos prazos compatíveis, mas responde a um programa metodológico que procura consciencializar os estudantes para a urgência e necessidade de desenhar, e implementar a arquitectura, em escalas tão diversas como as do território, da cidade e do edifício, fazendo-os compreender quais as especificidades e vantagens de cada um desses tipos de contribuição disciplinar.

MATERIALIZAÇÃO PREMIADA

A representação do Darq, que preencheu o espaço expositivo que nos foi destinado no Pavilhão de Portugal, pela organização da Trienal, incluiu uma das maquetas de turma e 44 painéis da fase de entrega intermédia, correspondentes a onze dos projectos – desenvolvidos maioritariamente em grupo. Compreendeu igualmente uma apresentação multimédia onde todos os estudantes da disciplina de Projecto V documentaram a sua metodologia e resultados, obtidos até à data, aparecendo como contribuintes activos numa apresentação disponível em monitor integrado.

O resultado desta participação converte-se, deste modo, numa validação dos objectivos e da metodologia curricular e pedagógica adoptados, que a representação procurou respeitar fielmente, fazendo transparecer com clareza – através dos instrumentos de trabalho expostos, correspondentes às fases reais e documentadas – a essência do programa curricular e os resultados naturalmente alcançados pelos estudantes nas diferentes fases do ano.

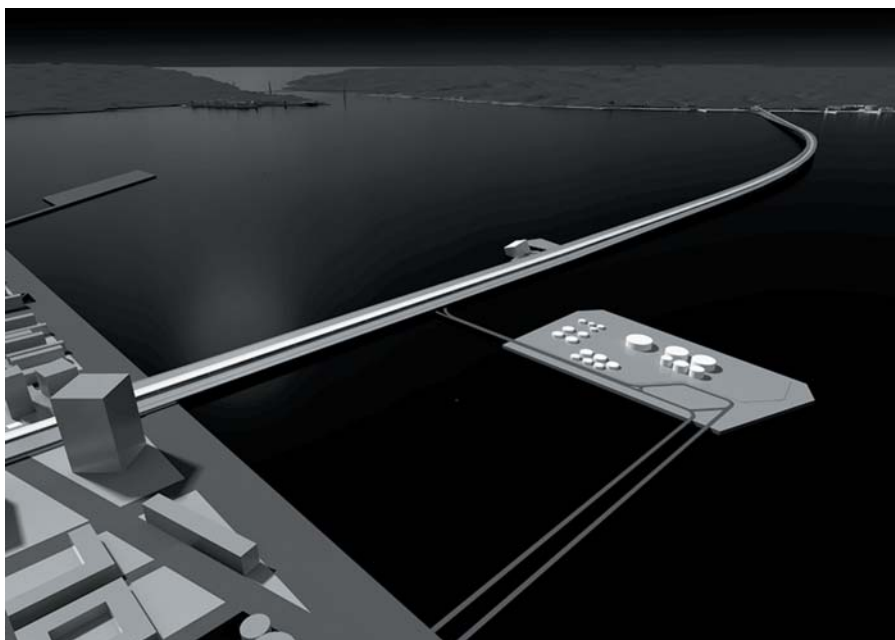
O conjunto dos projectos desenvolvidos na Disciplina de Projecto V constituem, como se procurou explicar, um verdadeiro laboratório experimental em torno de temas profundamente actuais, na transformação da Área Metropolitana de Lisboa. Não só colocam o problema da urgente necessidade de deslocalizar e reconverter algumas infra-estruturas portuárias, que persistem em criar barreiras urbanas entre a

cidade e o Tejo, como arriscam avançar com soluções em debate na actual agenda política e mediática – de que são exemplo a reconversão urbana das indústrias navais, siderúrgicas e petroquímicas na margem sul, a integração urbana da terceira travessia sobre o Tejo, ou a transformação do aeroporto militar do Montijo num aeroporto civil, em complemento da Portela ou de um novo Aeroporto Internacional de Lisboa. Face à opção desenvolvida, que se acaba de expor, o reconhecimento por parte da Trienal de Arquitectura de Lisboa não poderia ser mais oportuno e revelador.

A distinção, com o Prémio Trienal HP / Universidades – Concurso do Núcleo Universidades da Trienal da Arquitectura de Lisboa – atribuída ao Departamento de Arquitectura, da

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, reveste-se de um particular significado pois vem sublinhar, sem margem para dúvidas, por um júri inter-pares presidido pelo comissário científico da Trienal, arquitecto João Belo Rodeia, pelos representantes das inúmeras escolas participantes, e ainda, pela representação da Administração do Porto de Lisboa, a qualidade e valor do trabalho pedagógico desenvolvido na nossa universidade.

JOÃO PAULO CARDIELOS
Departamento de Arquitectura
FCTUC



NUNO TEOTÓNIO PEREIRA OFERECE ARQUIVO POLÍTICO CD 25 DE ABRIL MAIS RICO COM ESPÓLIO DO ARQUITECTO

No passado dia 25 de Abril, o arquitecto Nuno Teotónio Pereira fez a entrega pública simbólica à Universidade de Coimbra da parte política do seu arquivo privado para integração no acervo documental do Centro de Documentação 25 de Abril (CD25A).

Nuno Teotónio Pereira há muito que mantinha laços cordiais com o Centro de Documentação e com o seu director, Boaventura de Sousa Santos, e esta doação de documentos era aguardada com grande expectativa, já que reflectiria a longa, determinada e corajosa militância cívica e política do arquitecto ao longo das décadas de 60 e 70.

BIOGRAFIA BREVE

Nascido em 1922, em Lisboa, no seio de uma família estreitamente ligada ao regime, Nuno Teotónio Pereira tornou-se numa figura de referência da sociedade portuguesa, tendo o seu prestígio ultrapassado a dimensão profissional alargando-se à de interventor, cidadão activista de muitas causas sociais e políticas. “Figura referencial da arquitectura portuguesa moderna, o seu atelier constituiu um lugar de discussão e reflexão que formou como que uma escola paralela à formação académica oficial(...). Cidadão interveniente, a sua formação católica torna-o denunciador das injustiças integrando o grupo de católicos progressistas que mais activamente combateram o regime, tendo sido preso três vezes pela PIDE-DGS. Participou nas vigílias da Igreja de S. Domingos e da Capela do Rato, e foi fundador do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (1952-1971) de que foi presidente, como da Cooperativa Cultural PRAGMA, do Centro Nacional de Cultura, da Associação dos Arquitectos Portugueses e do Conselho de Arquitectos da Europa” (Cf. ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de – *Dicionário do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. Vol 2 , p. 717).

CARACTERÍSTICAS DE OFERTA

A doação do seu arquivo privado político ao Centro de Documentação 25 de Abril vem na senda das anteriores doações que fizera recentemente: os seus projectos e desenhos de arquitectura, à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e o seu espólio artístico, à Fundação Calouste Gulbenkian. O espólio recebido pelo CD25A ficou arrumado em oito caixas ocupando cerca de três metros de estante. A documentação que nos foi oferecida vinha já muito bem organizada pelo doador pelo que nos foi fácil cumprir a promessa de a colocar, quase de imediato, à consulta do público interessado. Tal como previsto, ela reflectia sobretudo a militância cívica e política de Nuno Teotónio Pereira. As secções que constavam da guia de remessa que acompanhou a doação são as seguintes:

- 1 • PRAGMA I : Documentação, Actividades e Contencioso
- 2 • PRAGMA II : Actividades, Reuniões e Exposições
- 3 • PRAGMA III : Actividades, Publicações e Recortes de Imprensa
- 4 • PRAGMA IV : Sócios
- 5 • PRAGMA V : Correspondência
- 6 • PRAGMA VI : Despesas
- 7 • Documentos pré-25 de Abril, Cooperativas e Cristãos
- 8 • Documentos políticos no salazarismo; O problema da Habitação
- 9 • Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, Centro Nacional de Cultura e Comissão Portuguesa para as Relações Exteriores
- 10 • Documentos Políticos - 1968/74
- 11 • Publicações Clandestinas: Cadernos GEDOC, Direito à Informação, Igreja Presente e BAC - Boletim Anti-Colonial
- 12 • Luta Urbana
- 13 • Documentos Políticos pós-25 de Abril

- 14 • Cristãos pós-25 de Abril
- 15 • Movimento de Esquerda Socialista: Intercâmbio político e cultural, Departamento de Relações Internacionais (DRINT) e "Um Guia para o Processo"
- 16 • Movimento de Esquerda Socialista: Cursos SIPC e Mapas
- 17 • Guerra Civil de Espanha/ Sevilha (1937) – fotos, Berliner Konferenz Katholiken Christen (RDA)/1975, Tribunal Cívico Humberto Delgado
- 18 • Recortes de Imprensa

Trata-se, pois, de uma generosa doação que muito nos honrou e muito agradecemos pois revela confiança e apreço

pelo trabalho que temos vindo a desenvolver; no sentido da preservação e divulgação das fontes documentais para a história portuguesa recente. É, além disso, uma doação que veio enriquecer profundamente o valioso acervo de arquivos privados que o Centro de Documentação 25 de Abril já tem à sua guarda. Os nossos leitores e investigadores vão ser dela os maiores beneficiários.

MARIA NATÉRCIA COIMBRA
Bibliotecária-arquivista,
coordenadora técnica do Centro de Documentação 25 de Abril



DIPLOMADOS EM DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DADOS DO OBSERVATÓRIO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL

A formação de professores exige acompanhamento e regulação constante dos processos e dos resultados obtidos. A criação do Observatório da Inserção Profissional dos Diplomados em Desporto e Educação Física na FCDEF-UC inscreve-se nesta necessidade, desenvolvendo um trabalho de recolha cíclica de informação sobre os fluxos quantitativos e a qualidade da empregabilidade dos respectivos licenciados. Recorrendo à administração de um inquérito por questionário distribuído pela internet, o observatório tem lugar em cada dois ou três anos, tendo sido realizado o primeiro no ano de 2003, com uma amostra de licenciados nos anos lectivos de 99/00, 00/01 e 01/02 e, o segundo, no ano de 2005, integrando os licenciados em 98/99, 02/03 e 03/04. Os dados foram recolhidos e tratados no âmbito de um seminário temático do ano terminal da licenciatura, dando origem a seis monografias de licenciatura (Hélder Costa, Pedro Malaínho e Pedro Chorão em 2003; Filipe Alexandre em 2005; João Monteiro e Rui Queirós em 2006).

AS VARIÁVEIS DO INQUÉRITO

Adaptado do Questionário aos Diplomados do Ensino Superior [a partir da redução, adição e alteração de itens de um questionário produzido em 2001 no âmbito do ODES (Observação de Percursos de Inserção dos Diplomados do Ensino

Superior) através de um projecto conjunto do INOFOR e do DETEFP do Ministério do Trabalho e Solidariedade e da DGES e do DAPP do Ministério da Educação], integram-se quatro dimensões de análise dos percursos socioprofissionais dos diplomados: origem social, trajectória escolar; trajectória profissional e representações e expectativas sobre o percurso educativo e profissional em três momentos posteriores à aquisição da licenciatura (seis meses, dezoito meses e no momento do inquérito).

Neste artigo dá-se conta de apenas quatro das principais dimensões analisadas – evolução das taxas de emprego nos dois primeiros anos após a licenciatura, situação dos diplomados face à actividade, profissão principal dos diplomados e opinião dos diplomados sobre o estágio pedagógico.

SITUAÇÃO DOS DIPLOMADOS FACE À ACTIVIDADE

Todos os inquiridos que obtiveram o diploma no ano lectivo de 98/99 se encontram empregados nos três períodos temporais considerados. Dos diplomados no ano seguinte, 86,6 % estavam empregados seis meses depois da conclusão do curso, aumentando esta percentagem para 93,33% um ano e meio depois. Dos diplomados em 2000/01, 88,89% estavam empregados seis meses depois e na sua totalidade passado um ano e meio. Finalmente, entre os diplomados em 01/02,

Amostra de 2003

	Inquéritos Enviados		Inquéritos Recebidos		Penetração
2000	40	33,90 %	15	28,30 %	37,50 %
2001	33	27,97 %	9	16,98 %	27,27 %
2002	45	38,14 %	29	54,72 %	64,44 %
Total	118	100 %	53	100 %	44,92 %

Amostra de 2005

	Inquéritos Enviados		Inquéritos Recebidos		Penetração
1999	27	24,45 %	18	23,60 %	65,30 %
2003	38	34,40 %	33	44,95 %	88,05 %
2004	46	41,15 %	24	31,45 %	51,65 %
Total	111	100 %	75	100 %	67,60 %

79,31% dos indivíduos estavam empregados após seis meses, sendo que dois meses depois, momento em que foram inquiridos, aquele número subira para 89,86%.

Quanto aos diplomados no ano lectivo de 02/03, apresentam uma distribuição diferenciada ao longo dos períodos temporais, com uma percentagem de 87,9% empregados, 9,1% inactivos e 3% desempregados nos seis meses seguintes à conclusão da licenciatura, tendo, um ano e meio depois, aumentado para 12,1% de desempregados, encontrando-se, no entanto, todos empregados no momento em que foram inquiridos. O contraste entre os diplomados em 03/04 e a relativa estabilidade dos grupos tratados anteriormente é nítido, quando se compara a situação dos licenciados nos seis meses seguintes à conclusão da licenciatura. Assim, apenas 25% dos recém-licenciados obtiveram empregos, 58,3% encontravam-se desempregados e 16,7% inactivos.

RELAÇÃO DOS DIPLOMADOS FACE AO PRIMEIRO EMPREGO

Por outro lado, verifica-se uma alteração significativa na relação dos diplomados face ao primeiro emprego. Enquanto entre os licenciados nos anos lectivos de 98/99 a 01/02 o primeiro emprego foi quase exclusivamente obtido após a conclusão da licenciatura (97,9%), no caso dos licenciados dos anos lectivos 02/03 e 03/04, 57% e 25% dos respectivos diplomados estavam empregados antes da conclusão do curso. Embora esta tendência paradoxal reflecta sobretudo uma alteração do perfil da oferta de emprego, com o aparecimento do fenómeno da segmentação e da precarização no subsector do emprego desportivo e de lazer, ela reflecte também uma crescente empregabilidade dos perfis formativos da faculdade. Observamos, ainda, que na totalidade dos grupos de diplomados estudados, independentemente do período temporal, a profissão predominante é a de professor de Educação Física, sendo que, logo nos seis meses seguintes à conclusão da licenciatura, se verifica uma elevada percentagem dos licenciados entre 98/99 e 02/03 a exercer a profissão docente (78,8% em 98/99, 53,85% em 99/2000, 75% em 00/01, 65,22% em 01/02 e 89,7% em 02/03). Porém, os licenciados

empregados em 03/04 exerciam exclusivamente a profissão de instrutor; dada a diminuição das possibilidades do mercado escolar, mantendo-se a situação até ao momento em que foram inquiridos, com as principais profissões exercidas a serem a de instrutor (57,1%) e de treinador (21,4%). O pluri-emprego entre os licenciados continua a ser uma realidade, sendo significativa a quantidade de licenciados que desempenham actividades secundárias.

IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO E OUTRAS CONCLUSÕES

Finalmente, verifica-se uma elevada percentagem de indivíduos que considera o estágio pedagógico preponderante para o seu futuro profissional, confirmando-o como o período em que, pela primeira vez, o sujeito considera que aprende a desempenhar uma dada actividade profissional. Por outro lado, a situação face ao emprego dos inquiridos condiciona grandemente a sua opinião verificando-se uma clara tendência dos indivíduos inactivos ou desempregados expressarem uma opinião negativa sobre o estágio. A maioria dos sujeitos que não considera o estágio pertinente está entre os indivíduos desempregados (30% do total de sujeitos), o que nos permite inferir que a opinião negativa está relacionada com o facto dos sujeitos não terem tido qualquer oportunidade de dar continuidade às aprendizagens realizadas no estágio. Apesar dos condicionalismos que ainda permanecem, pode dizer-se que o licenciado em Ciências do Desporto e Educação Física pela FCDEF-UC corresponde ao perfil terminal desejado. A demonstração mais notória deste facto resulta da observação dos elevados resultados obtidos pelos alunos nos estágios pedagógicos nos seus vários parâmetros e da apreciação que as instituições empregadoras fazem dos nossos licenciados. O Observatório tem-se revelado um importante instrumento de regulação das ofertas formativas e a experiência adquirida na sua administração tem tido bom acolhimento entre as universidades europeias com quem a FCDEF-UC mantém acordos.

APRENDER A BRINCAR

FÍSICA E MATEMÁTICA CONTAMINAM HOSPITAL PEDIÁTRICO

A hospitalização é, sobretudo para as crianças, um momento agressivo, doloroso e assustador e nem sempre atitudes puramente farmacológicas são suficientes para suprimir esse desconforto. Cientes desta realidade, muitos investigadores têm dedicado o seu tempo a estudar estratégias não farmacológicas no combate à dor. Uma dessas estratégias é a atenção dirigida, que consiste em focalizar a atenção do doente em algo que não seja a sua dor, como, por exemplo, ouvir música, ver televisão ou ler. Este método pode reduzir a intensidade dolorosa ou aumentar a tolerância à dor, tornando-a menos incómoda. Nesse sentido, muitos hospitais, um pouco por todo o país, têm desenvolvido projectos, em parceria com várias instituições, especialmente ligadas ao meio artístico, que visam minorar o desconforto dos seus doentes.

GOSTO PELAS CIÊNCIAS PARA ATENUAR A DOR

Em Coimbra, na sequência de conversas informais tidas entre enfermeiros do Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC), professores do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra (DMUC) e alunos da Physis (Associação Portuguesa de Estudantes de Física), surgiu a ideia de desenvolver um projecto que tivesse como objectivo promover, junto das crianças internadas no Hospital, o entusiasmo pelas ciências, em particular pela Matemática e pela Física.

Tanto o DMUC como a Physis desenvolvem, há já vários anos, actividades destinadas aos mais jovens. O desafio consistiu em adaptar essas actividades à realidade hospitalar. Daí à concretização de um projecto Ciência-Viva foi um passo. Para isso, foi importante reunir um conjunto de parceiros interessados em colaborar nesta iniciativa. Para além do HPC, do DMUC e da Physis, associaram-se, como parte integrante deste projecto, o Agrupamento de Escolas Martim de Freitas, o Núcleo de Estudantes de Matemática e Engenharia Geográfica da Associação Académica de Coimbra e o Núcleo de Estudantes do Departamento de Física da Associação Académica de Coimbra.

Na hora de definir objectivos concretos, o mote foi dado pelo próprio Hospital que sugeriu chamar ao projecto "Aprender a Brincar". A ideia não seria a de inundar os meninos e meninas hospitalizados com complicados problemas ou com longas sessões expositivas mas, pelo contrário, pretendia-se que a Matemática e a Física se assumissem como companheiras, fluindo no meio de várias actividades lúdicas.

COMO SE APRENDE... A BRINCAR

Em termos mais concretos, o programa que actualmente está a ser desenvolvido nas instalações do HPC consiste em sessões semanais, dinamizadas por alunos dos Departamentos de Matemática e de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e acompanhadas pelos educadores e enfermeiros do Hospital. Este acompanhamento é crucial, uma vez que também se pretende que estas actividades possam ser continuadas na ausência dos estudantes universitários envolvidos no projecto.

As actividades desenvolvidas exploram diversas áreas das quais se destacam: jogos de estratégia, teoria dos grafos, paridade, divisibilidade, grandes números, óptica, astronomia, electricidade, electromagnetismo, mecânica clássica e termodinâmica, entre outros. Nas chamadas "Oficinas de Matemática e de Física" os jovens que se encontram internados no HPC e, eventualmente, os seus pais são convidados a participar num conjunto de actividades lúdicas. Como a debilidade física em que se encontram as crianças não é acompanhada por uma diminuição das suas capacidades intelectuais, as brincadeiras, neste contexto, são pensadas como fortes estímulos intelectuais onde a Matemática e a Física assumem protagonismo.

Para além dos objectivos já anunciados, este projecto tem também uma clara vocação social. A simples presença dos alunos nas enfermarias e a sua disponibilidade para ouvir as crianças e as suas famílias contribuem para a humanização dos serviços hospitalares. Por outro lado, o facto de todos

colaborarem em regime de voluntariado desenvolve, nos seus intervenientes, uma forte consciência cívica. Também não é de desprezar o carácter formativo do projecto para os alunos que nele intervêm, muitos deles futuros professores.

UMA IDEIA COM FUTURO

Numa segunda fase, que começa agora a ser desenvolvida, pretende-se envolver toda a comunidade hospitalar. Para isso, vão ser elaboradas brochuras com problemas que irão estar disponíveis em todo o Hospital e que poderão ser usadas, não só no contexto das actividades previstas neste projecto, mas também em muitas outras situações. Os desafios propostos funcionarão, por um lado, como um estímulo intelectual que contribuirá para minimizar o desconforto inerente à própria hospitalização e, por outro, como forma de apresentar a Matemática e a Física de forma lúdica a todos quantos frequentam o Hospital.

As brochuras terão como figura principal uma personagem especialmente criada para o efeito. O Zéfiro é um jovem simpático e muito curioso que irá propor a todos os utentes, médicos e enfermeiros do HPC, desafios diversos. O nome

desta personagem, criada por Yann Thual, vem da palavra árabe para zero, *sifr*, que significa vazio e que, por tradução, se transformou, no Latim, em *zephyr* or *zephyrus*. Com a vulgarização do uso do zero, surgiram palavras derivadas de *sifr* e *zephyrus* para referir cálculo, bem como o conhecimento privilegiado ou códigos secretos, como, por exemplo, cifra (que significa dígito, algarismo ou número) e cifrar (codificar ou encriptar).

Numa última fase, a Matemática e a Física irão invadir todo o HPC. Salas de espera, consultas externas, urgências, jardins, todos estes espaços irão ser contaminados. Quem, brevemente, visitar o Hospital irá encontrar torres de Hanói, labirintos e relógios de sol que, para além do seu carácter meramente lúdico ou decorativo, também funcionarão como desafios aos visitantes.

Não se engana quem diz que todas as crianças da região de Coimbra já foram, por algum motivo, ao HPC. Nesse sentido, esta unidade hospitalar é um dos espaços mais democráticos da cidade. É por isso também o local ideal para democratizar a Matemática e a Física.

ADÉRITO ARAÚJO,
Dep. Matemática/FCTUC

Foto cedida pelo autor



O VI Encontro Internacional de Poetas teve lugar de 24 a 27 de Maio de 2007. Subordinado ao tema geral “Poesia e Violência”, o VI Encontro reuniu 41 poetas de 20 países e quatro continentes, e suscitou grande interesse por parte do público, maioritariamente estudantil.

Além das várias sessões de leitura de poesia nas línguas originais, que tiveram lugar em recintos tão mágicos como a Biblioteca Joanina, a Sala dos Capelos, o Parque Mondego, o Jardim da Sereia, o Cárcere Académico, e ainda o Hotel Costa de Prata e o Palácio Sotto-Mayor na Figueira da Foz, o VI Encontro incluiu duas mesas-redondas de reflexão teórica, apoiadas por tradução simultânea, uma delas dedicada ao tema geral do Encontro, outra, à obra multifacetada de William Blake nos 250 anos do seu nascimento.

A conferência inaugural, a cargo de C. D. Wright, poeta e professora de poesia e poética (Universidade de Brown), captou brilhantemente o espírito do VI Encontro. Passando em revista alguns dos momentos mais difíceis da humanidade-esquecida-de-si por força da violência dos últimos cem anos, que tão insistentemente convida a um silêncio comodamente envergonhado, C. D. Wright mostrou como a verdadeira poesia, repudiando o privilégio da torre de marfim, sempre ousa falar de novo e sacudir as consciências.

Foram os seguintes os poetas que deram voz ao VI Encontro: Nicole Brossard, Nadine Ltaif (Canadá); John Taggart, Stephen Rodefer, Forrest Gander, Joan Retallack, C. D. Wright (EUA); Helena Villar Janeiro, Alexandre Nérium, Jesús Munárriz, Xesús Rábate Parede, Ramiro Fonte, Miro Villar (Espanha); Rita Dahl (Finlândia); Chó do Guri (Angola); Pedro Marques d’Armas (Cuba); Arjen Duinker (Holanda); Myriam Diaz-Diocaretz (Chile/Holanda); Cristina Babino, Alessandro Seri (Itália); Maxim Amelin (Rússia); José Luís Tavares (Cabo Verde); Jonathan Morley, Maggie O’Sullivan (Reino Unido);

Cláudia Roquette Pinto, Márcio-André (Brasil); Zehra Çirak (Alemanha); Macdara Woods, Eiléan ní Chuilleanóin (Irlanda); Faiha Abdulhadi (Palestina); Xiao Kaiyu (China); Yitzhak Laor (Israel); Gastão Cruz, Sandra Guerreiro, Regina Guimarães, João Rasteiro, Feliciano de Mira, António Jacinto Pascoal, Alberto Pimenta (Portugal). De salientar a performance clássica oferecida por este último poeta português no Teatro Gil Vicente. Depois de uma diátribe deliberadamente exasperante contra os “parasitas da poesia”, Alberto Pimenta leu dois belíssimos poemas longos, com a violência por pano de fundo: *Marthiya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta* (2005) e *Indulgência Plenária* (2007).

O VI Encontro foi ocasião de outras efemérides: a apresentação da antologia bilingue, *Poesia do mundo 5*, que reúne dois poemas, no original e em tradução, de cada um dos 39 poetas que participaram no V Encontro (2004); apresentação do número especial da revista dirigida por Graça Capinha, *Oficina de Poesia*, nos seus dez anos de existência; exposição, no átrio da Faculdade de Letras, comemorativa dos dez anos de “Oficina de Poesia”, o primeiro curso de escrita criativa em Portugal, igualmente da responsabilidade de Graça Capinha. No âmbito do VI Encontro, foi ainda assinado um importante protocolo entre a Universidade de Coimbra e a Câmara de Idanha-a-Nova, com vista à concretização do Programa de Residências para Artistas na aldeia histórica de Monsanto. Antes de encerrado o VI Encontro, procedeu-se à entrega do Prémio Vítor Matos e Sá ao poeta Xavier Zarco (pseudónimo de Pedro Manuel Martins Baptista), pelo livro intitulado *Varições sobre tema de Vítor Matos e Sá: Invenção de Eros*. Encerrou o VI Encontro um animado espectáculo do Rancho Folclórico Adufeiras de Monsanto.

MARIA IRENE DE CARVALHO
Presidente da Comissão Organizadora

Nas palavras que proferiu este ano na sessão inaugural, a Senhora Vice-Reitora, em representação do Magnífico Reitor, salientou a importância desta iniciativa, que desde 1992 o Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra se vem esforçando por tornar realidade de três em três anos. Teve a Professora Doutora Cristina Robalo Cordeiro a gentileza de elogiar a Comissão Organizadora, presidida por mim própria e constituída por Adriana Bebiano, Graça Capinha, Isabel Caldeira, Isabel Pedro, João Paulo Moreira e Maria José Canelo, e de se referir aos Encontros, muito sugestivamente, como “obras-primas estratégicas renovadas de três em três anos”. Obras-primas — talvez. Estratégicas — sem dúvida. Como bem sublinhou Cristina Robalo Cordeiro, em tempo de tamanho desrespeito pelas humanidades, deixar cantar a poesia é um desafio “lançado à miséria espiritual, à submissão e ao desespero”. Expulsa da cidade e relegada para o falso e o supérfluo, a poesia não pode senão assumir-se como insubordinação e violência. A poesia sabe da impossibilidade de representar a violência, ao mesmo tempo que reafirma a necessidade absoluta de a denunciar. Em seu “nada dizer”, a poesia faz estremecer a razão e os sentidos. A construção do humano ser, que compete à Escola, não pode prescindir da poesia. A Universidade de Coimbra tem de continuar a acarinhar, cada vez mais e por formas diversas, os seus Encontros Internacionais de Poetas.

OS 30 ANOS DA ALTERNATIVA ZERO

«Todos os caminhos vão dar a um estado zero.

Por enquanto... Os bigodes que Duchamp pôs na Gioconda não foram apenas o resultado de uma atitude de irreverência, mas o começo da grande libertação semântica que preside às novas ciências humanas, e nomeadamente à semiologia».

Ernesto de Sousa

A *Alternativa Zero* (Galeria Nacional de Arte Moderna de Belém, Lisboa, 1977) constitui-se como um marco no panorama cultural e artístico português, na medida em que, por um lado, se assume como um evento catalisador da actividade criativa do período; por outro, inaugura de modo consistente uma opção curatorial, manifestada na acção do seu organizador; José Ernesto de Sousa (1921-1988) – crítico, jornalista e cineasta, figura aglutinadora do modo de ver e de operar da arte dos anos setenta, inicialmente ligado ao neo-realismo, posteriormente, ao figurativismo, à arte conceptual e aos seus desenvolvimentos. Na comemoração dos vinte anos do evento (1997) o Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves organizaria a exposição *Perspectiva: Alternativa Zero*, comissariada por João Fernandes.

A exposição em causa foi solicitada pela Secretaria de Estado da Cultura (SEC) – na época com Eduardo Prado Coelho como director-geral da Acção Cultural – na sequência do Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), organizada em 1976 pela Secção portuguesa da AICA, presidida por Salette Tavares, subordinada à temática geral Arte Moderna e Arte Negro-Africana: Relações Recíprocas, e apoiada institucionalmente pela SEC, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA) e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Só depois do 25 de Abril e da derrocada do regime colonialista seria possível a organização deste congresso em solo português.

MARCAS DA ALTERNATIVA ZERO

No que respeita aos objectivos e conteúdos do evento, e segundo Ernesto de Sousa, a *Alternativa Zero* pretendeu combater o isolamento dos artistas e dos críticos portugueses, fomentando uma atitude “perspectiva e prospectiva” (*Colóquio/Artes*, n.º 34, 1977), reunindo para tal cerca de cinquenta participantes, ou “operadores estéticos”, – entre os quais o próprio organizador, Helena Almeida, Julião Sarmento, Alberto Carneiro, João Vieira, José Carvalho, José Conduto, Ana Hatherly, Clara Menéres, Júlio Bragança, Robin Fior, Fernando Calhau, António Palolo, Leonel Moura, Jorge Peixinho, Armando Azevedo, Túlía Saldanha, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, Vítor Pomar, entre outros –, e obras que cobrem o período entre 1969 e 1977. Os intervenientes vieram de pesquisas individuais e de experiências colectivas anteriores, tais como, *Do Vazio à Pró-Vocação* (AICA/SNBA, Lisboa, 1972), *Agressão com o Nome de J. Beuys* (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra – CAPC, Óbidos, 1972), *Projectos/ Ideias* (AICA/SNBA, Lisboa, 1974), *1.000.011.º Aniversário da Arte* (CAPC, Coimbra, 1974), ou *Semana da Arte (da) na Rua* (CAPC, Coimbra, 1976), e pretenderam formar um grupo “representativo de si próprio” (catálogo da exposição, 1977). Mas acabaram por ser mais do que isso.

A *Alternativa Zero*, embora comumente seja definida como exposição de artes plásticas, na verdade, ultrapassou largamente esta designação, uma vez que conseguiu juntar diversos suportes e abordagens além da pintura e da escultura, como foram o filme, o vídeo, a instalação, a música, a performance – destacando-se as intervenções do CAPC e do *Living Theatre*, que pela primeira vez se deslocava a Portugal e que iria ainda ao Porto e a Coimbra –, oficinas de crianças e conferências – por exemplo, a comunicação proferida por André Gomes sob o título, adaptado de Oscar Wilde, *O culto da vanguarda or the importance of being Ernest*.

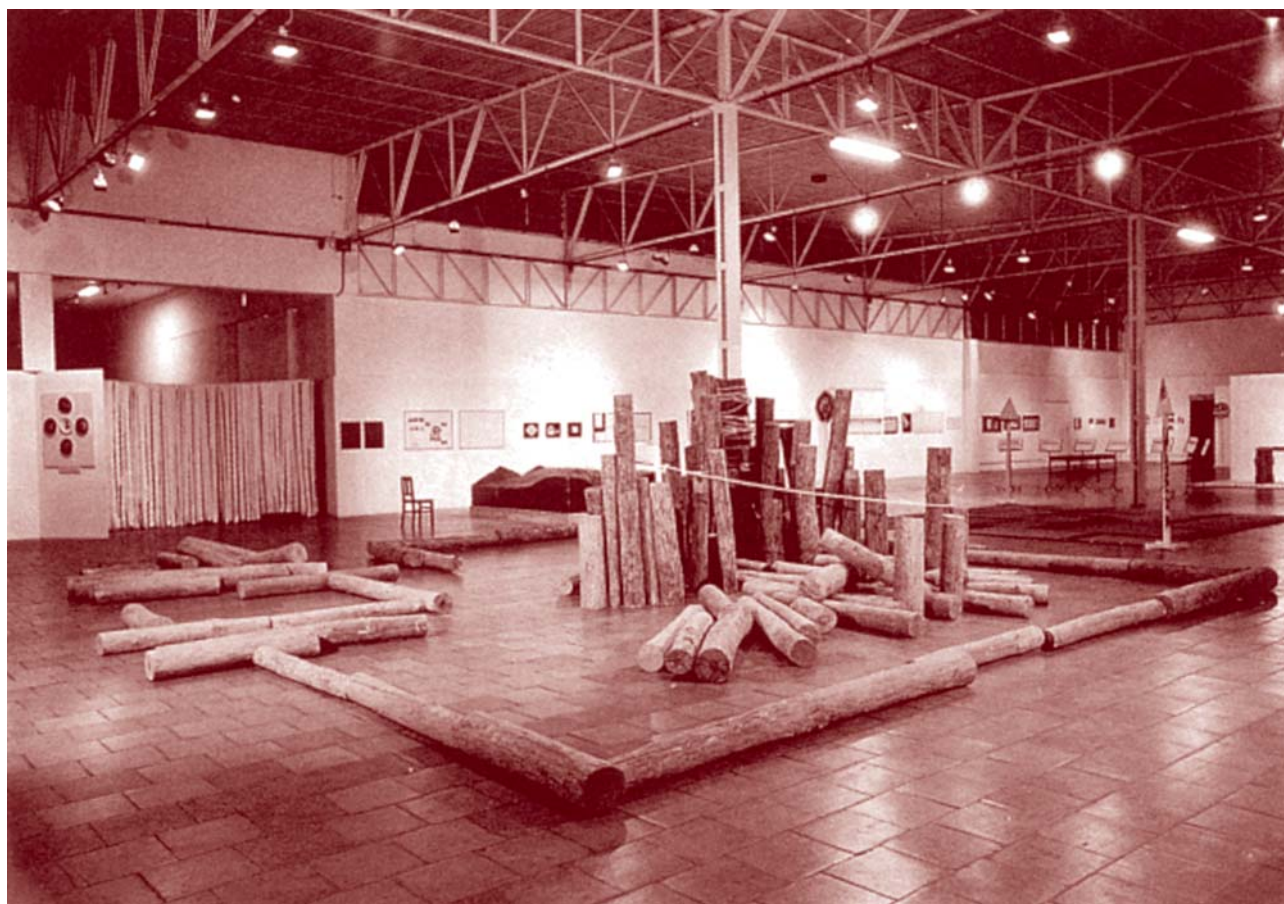
A ideia de tudo isto seria, na esteira de Umberto Eco, conceber a obra de arte aberta, anti-elitista, participada, enfim, a *Festa*, como Ernesto de Sousa lhe chamava, um espaço de pesquisa e de comunhão. Como o próprio escreveu no catálogo da mostra: «As concepções de uma arte aberta, de uma arte-participação, continuam nos nossos dias as descobertas dadaístas».

À exposição afluíram mais de dez mil visitantes, contrariando uma ideia de arte elitista, *salonard*, a que o seu organizador se opunha. No que respeita à recepção crítica da *Alternativa Zero*, apesar de alguns silêncios, a exposição foi discutida e pouco pacífica. Helena Vaz da Silva escrevia que tinha sido “uma pedrada no charco” (*Expresso*, 25/03/1977), Jorge Alves da Silva considerou que se tratou de uma “sub-desactualizada Kassel” (*Expresso*, 25/03/1977). A questão talvez mais

pertinente que se pode colocar é o facto de a exposição ter sido, de facto, atípica e importante no contexto português, mas, tratando-se de um evento que ergueu o estandarte da vanguarda acabou por, em larga medida não se debruçar sobre a arte conceptual, mas sobre o conceptualismo – que não são categorias coincidentes. José Luís Porfírio escreveu, na altura, que Ernesto de Sousa “ensaiara o processo de dar a modernidade, ou a pós-modernidade, como alguns lhe chamavam já, a Portugal” (*Brotéria*, n.º 5/6, 1977). E a *Alternativa Zero*, mais do que fazer um balanço do seu tempo, faz antever os desenvolvimentos que a arte tomara ao longo da década de oitenta, nomeadamente com o pós-modernismo.

ISABEL NOGUEIRA
Colaboradora do CEIS 20

Foto: João Freire. Uma floresta para os teus sonhos, Alberto Carneiro, 1970.



Arquitecturas em Palco foi o tema proposto para a representação portuguesa na 11ª Quadrienal de Cenografia e Arquitectura Teatral de Praga. Este conceito prende-se com a identificação de soluções formais e estéticas, linhas de actuação e metodologias comuns em intervenções que privilegiem o cruzamento disciplinar e definam territórios de contaminação entre as artes de palco. A linha conceptual que preside à selecção dos diversos projectos procura reflectir o espírito contemporâneo de hibridação e experimentalismo, as questões da efemeridade e transformação, assim como o cruzamento de matérias ou conhecimentos provenientes de diferentes áreas disciplinares. Pretende-se expor a apetência relacional dos espaços cénicos no contexto de uma clara disponibilidade de referências que transcorre diversos campos disciplinares e cuja amplitude se estende do universo significativo da encenação, do ritual, do simbólico, ao território de valores virtualmente abstractos, como os de um certo funcionalismo racionalista decorrentes da arquitectura modernista ou da radicalidade das vanguardas artísticas do século XX. Cruzando um vasto e diversificado quadro disciplinar, os objectos expostos permitem explorar, em diferentes contextos, o corpo e o espaço, as relações de escala, a gestualidade e plasticidade inerentes às práticas artísticas e arquitectónicas contemporâneas, integrando as questões da percepção e representação, bem como os processos de comunicação. Cabe ainda salientar as intervenções em que a abordagem de temas do quotidiano questiona as hierarquias ou os lugares tradicionalmente consignados às diversas formas de arte e cultura, assim como aos mecanismos de percepção e apreensão dos fenómenos quotidianos.

OUTROS PALCOS DA ARQUITECTURA

A cenografia é, neste contexto, abordada do ponto de vista da experimentação de processos e linguagens comuns à arquitectura, nomeadamente no que toca à modelação dos espaços a partir de temas como a escala, os aspectos compositivos e construtivos ou o recurso a dispositivos geométricos e modulares. A componente humana e vivencial dos espaços, tema central em arquitectura, é também determinante na definição dos projectos cenográficos seleccionados. Essa característica traduz-se na estreita relação do objecto cénico com o corpo ou as características dos seus utilizadores. Os dispositivos são catalisados pela sua presença, desenhados à sua medida e em função dos seus movimentos em palco. Não obstante o grau de verosimilhança e precisão arquitectónica na definição dos elementos cenográficos, é no contacto com os intérpretes que se revela, efectivamente, a habitabilidade dos espaços cenográficos e que estes se convertem em objectos reconhecíveis, em signos comunicantes. Por outro lado, a arquitectura fornece os instrumentos que permitirão dar forma aos diferentes mundos contidos na dramaturgia ou sugeridos nas intenções coreográficas. Através do contraste de escalas e volumes ou da reinterpretação de objectos comuns em novos contextos, frequentemente inusitados, redefinem-se as coordenadas para a apreensão do real e os elementos familiares tornam-se assim entidades invulgares ou estranhas. A questão da flexibilidade é também um tema recorrente e corresponde à experimentação em torno da transmutação e metamorfose dos objectos cénicos e da sua manipulação, em sistemas dinâmicos e progressivos que permitem (re)configurar permanentemente o espaço do





palco e, conseqüentemente, cada cena. A concepção de cenários dinâmicos, multiformes e multioperativos vai ao encontro do modelo *action design* e das premissas de Jaroslav Malina, segundo as quais a cenografia dá forma à acção dramática e funciona como o motor da evolução de todo o espectáculo. Os objectos cénicos retratados remetem, recorrentemente, para uma visão global do espectáculo e, em certa medida, utópica, relativa à construção do mundo como um todo regulado e belo, constituído a partir da convergência de saberes e métodos das várias práticas criativas, na configuração da obra de arte total. Na tradição de Appia e Wagner ou dos precursores da Bauhaus, trata-se de acrescentar um novo sentido e reinterpretar formalmente o princípio da *Gesamtkunstwerk*, informado agora, transcorrido quase um século, pelos postulados plásticos das neovanguardas, pela reformulação dos meios de expressão artística a partir dos anos 60 ou pela preponderância actual do corpo na sua dimensão não apenas material ou biomecânica, mas também metafórica, como entidade existencial e politicamente significante.

REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA NA QUADRIENAL

Seguindo as premissas que orientam os projectos cenográficos, também o projecto para o espaço expositivo pretende condensar na forma construída a linguagem simbólica de

cada peça/projecto e concretizar uma aproximação ideológica ao tema da exposição *Arquitecturas em Palco*.

Nesse sentido, foi criado um dispositivo ou sistema de objectos, constituído por duas peças distintas, ambas denotando uma clara propensão cenográfica. A cada peça corresponde um núcleo expositivo específico. Distinguem-se estes núcleos pela sua caracterização plástica e cromática, com um módulo branco composto por um sistema modular de objectos multi-funcionais e portáteis – painéis e malas-mesa – consignado à exibição dos trabalhos cenográficos e um outro módulo caracterizado por um objecto autónomo, na forma de um monóculo habitável, que encerra um pequeno auditório para projecção do filme *A Sesta*, de Olga Roriz. Este filme, realizado a partir de um trabalho coreográfico original, integra os próprios dispositivos expositivos, nomeadamente as malas-mesa onde se expõem os projectos.

Quer em termos formais ou visuais, quer ao nível simbólico, o projecto para o espaço expositivo pretende operar a convergência dos vários elementos numa totalidade coerente e eficaz, determinada pelas premissas de flexibilidade, mobilidade e transformação, comuns à orientação conceptual da exposição.

JOÃO MENDES RIBEIRO (Darq/FCTUC) e CATARINA FORTUNA

Fotos cedidas pelos autores

A primeira representação oficial portuguesa na 11.ª Quadrienal de Praga conquistou a medalha de ouro na categoria "Best Stage Design", o mais importante galardão atribuído a nível individual do evento.

O projecto *Arquitecturas em Palco* foi organizado e produzido pela Direcção-Geral das Artes/Ministério da Cultura, e é da autoria de João Mendes Ribeiro – com colaboração de Catarina Fortuna, Pedro Grandão e FBA.

O júri justificou ter atribuído o prémio a "um arquitecto que compreende verdadeiramente o espaço cénico teatral."

O SENTIDO DOS SENTIDOS

O ciclo *Senses* decorreu no Teatro Académico Gil Vicente entre Janeiro e Junho de 2007 e surgiu a partir de um convite da direcção do TAGV ao colectivo Cosa Nostra para organizar uma mostra centrada na nova música electrónica de características ambientais e experimentais, com especial incidência em projectos com complementaridade visual, a incluir no âmbito programático do TAGV Digital, dedicado a explorar a relação entre as artes do espectáculo e as novas tecnologias.

OS NOMES DO CICLO

O evento inaugural contou com a presença de destacados nomes da editora inglesa Type Records. Xela e Helios deliciaram o público presente com concertos distintos e representativos de duas das escolas estéticas dominadoras na editora. O primeiro, John Twells, dono e mentor da Type, através de tumultuosas envolvências conceptuais convocou o público para uma viagem de cariz surrealista centrada no álbum *The Dead Sea*, espécie de poema épico recheado de contornos algo macabros. Quanto aos irmãos Kenniff, no papel de Helios criaram atmosferas subtis e harmonias cálidas de reverência minimalista, numa presença sonora contida de contornos claustrofóbicos, suportada por uma imagem quase imutável ao longo de uma hora de serena introspecção performativa.

A primeira presença portuguesa aconteceu no segundo momento do ciclo, com texturas electrónicas a delinear as interrogações relacionais de Vítor Joaquim presentes no trabalho *Flow*, publicado pela portuguesa Crónica Electrónica. Responsável pelos Encontros de Música Experimental de Palmela, Joaquim colabora com produtores musicais como Scanner ou Phil Niblock, além de desenvolver intervenções multidisciplinares no campo do teatro, dança, cinema ou vídeo. A acompanhá-lo na manipulação visual esteve o projecto *3Leds* de Laetitia Morais, com um trabalho onde as imagens surgiam como seres vivos em constante mutação, de acordo com o espectro sonoro sugerido. Na segunda parte

deste dia assistiu-se ao mais doce de todos os reportórios explanados, da responsabilidade dos ingleses Isan, ligados à Morr Music. Robin Saville e Antony Ryan transformaram o seu esculpir detalhado de melodias “ingénuas” em algo intenso e de dinamismo surpreendente, vislumbrando-se influências *dub* e *noise*, habitualmente mais discretas nos eloquentes registos *pop* de estúdio.

No terceiro mês apresentou-se Vicki Bennett com o projecto *People Like Us*, naquele que foi o primeiro espectáculo mais centrado na manipulação de imagens. Uma excelente reciclagem de memórias visuais da cultura popular e a sua recontextualização contemporânea, geradora de encantatórios universos plásticos, suportados por uma banda sonora que flutuou entre subversivos momentos *kitsch* e *easy listening*. A complementar a noite, os alemães executaram aquele que terá sido o espectáculo menos enquadrado no propósito de *Senses*: apesar de parecer deslocado, canções assumidamente *pop*, lideradas por uma voz bela e invulgar, onde a electrónica passou para segundo plano e se deixou ofuscar por guitarras devedoras dos anos oitenta, contagiaram o público de forma terna.

Abril, quarto mês e quarto evento, proporcionou uma noite de contrastes, com a urbanidade eléctrico-industrial de Kemikafields a materializar-se em incursões com estruturas rítmicas próximas da génese do electro, melodicamente devedor ao primeiro *tecno* de Detroit. Uma abertura perfeita para o espectáculo de Vítor Gama, criador dos instrumentos *Pangeia*, dispositivos acústicos e instalações construídas através de um processo de experimentação, que teve como ponto de partida o fenómeno de metamorfose e evolução de instrumentos musicais, desde a Pré-História até aos dias de hoje. Na companhia de Tiago Cerqueira apresentou um espectáculo onde o minimalismo de origem ritual se cruzou com música tradicional de diversas partes do globo, induzindo num estado catártico os que se deixaram envolver por este transe primordial.

Murcof, projecto do mexicano Fernando Corona, foi responsável pelo melhor espectáculo do ciclo. Uma harmonia

perfeita entre elementos étnicos, neo-classicismo e electrónica inebriante eleva a música de Murcof a patamares de exigência únicos, num equilíbrio singular das diversas estéticas presentes na sua obra que, ao vivo, transportou os presentes para um universo de sonhos sombrios e tortuosos. Como se a dor e as lamúrias do mundo se transformassem em notas soltas fugindo à "ordem" da pauta. Inesquecível.

A encerrar o evento, os FM3, projecto dos *noise poets* Christiaan Virant e Zhang Jian, desenvolveram dois dos contextos subjacentes à sua vasta discografia. A primeira metade consistiu num exercício lúdico de manipulação das famosas Buddah Machine, com *loops* sonoros em mutação e interacção a substituírem peças de um eventual jogo de tabuleiro. Já na segunda parte, apesar de marcada pelo mesmo perfil de repetição melódica, assitiu-se à utilização de instrumentação mais

convencional: o exercício Plan Marshall partiu do conceito *wall of sound* e foi-se transformando, paulatinamente, com o adicionar regular de diversas fontes sonoras, num crescendo de intensidade. Evocação *drone* da música microtonal e minimalista da escola americana de Terry Riley ou Brian Eno.

Em suma, disponíveis para a alucinação ou para a poesia digital, algures entre a arte e a festa, ao longo do Ciclo *Senses* músicos-produtores-artistas, trabalhando fontes sonoras concretas e aleatórias, expuseram ruídos microscópicos, tonalidades *pop* ou sonoridades de cliques, tendo obtido, no mesmo espaço físico, reacções frias e distantes e reacções curiosas e hedonistas, resultado de uma intensa exploração dos sentidos.

AFONSO MACEDO, Programador do Ciclo *Senses*
com PEDRO DIAS DA SILVA (TAGV)



Links:
www.uc.pt/tagv
www.cronicaelectronica.org

www.cnostra.net
www.typerecords.com
www.morrmusic.com

www.karaokekalk.de
www.peoplelikeus.org
www.pangeiainstrumentos.org

www.myspace.com/kemikafields
www.murcof.com
www.fm3.com.cn

ENCONTRO DO LIVRO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA 2007

Entre 15 e 26 de Outubro, a Imprensa da Universidade de Coimbra organiza, em parceria com a Coimbra Editora, o Encontro do Livro Universitário de Coimbra que tem lugar na Coimbra Editora, na Rua Ferreira Borges, em Coimbra, onde, além da divulgação e venda de inúmeros livros universitários, com a participação de outras editoras universitárias nacionais e estrangeiras, realizam-se diversas actividades culturais, como sejam conferências, debates e apresentações de livros.

PRÉMIO UC 2008

Estão abertas até 23 de Novembro as candidaturas para a edição de 2008 do Prémio Universidade de Coimbra. Esta distinção, patrocinada pelo Banco Santander-Totta e com o apoio do *Jornal de Notícias*, é atribuída anualmente "a uma pessoa de nacionalidade portuguesa que se tenha destacado por uma intervenção particularmente relevante e inovadora nas áreas da cultura ou da ciência". O regulamento do prémio constituído por um diploma e por uma dotação no valor de 25 mil euros pode ser consultado na Internet em www.uc.pt/premiouc.

28

O júri desta 5.^a edição é constituído por Fernando Seabra Santos (presidente), António V. Monteiro e Alexandre Nilo Fonseca (vice-presidentes), Abílio Hernandez Cardoso, António Dias Figueiredo, António Pinho Vargas, Armando Porto, Carlos Fortuna, Emílio Rui Vilar, Fernando Bianchi de Aguiar, Maria Irene Ramalho, Maria João Seixas e Paula Moura Pinheiro.

Os vencedores das anteriores edições foram Fernando Lopes da Silva (2004), António Manuel Hespanha e Luís Miguel Cintra (2005), Maria Helena da Rocha Pereira (2006) e Marcelo Viana (2007).

RELIGIÕES ANTIGAS EM ANÁLISE

No âmbito do projecto internacional *Fontes Epigraphici Religionum Antiquarum Celticarum*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto, realizou-se, de 9 a 12 de Maio de 2007, em Gargnano, sob os auspícios do Dipartimento di Scienze dell'Antichità da Università degli Studi di Milano, o workshop anual (que em 2006 se organizara entre nós).

Subordinado ao tema "Dedicantes e cultores – alguns aspectos", este VIII *workshop* contou com a presença de 28 participantes (de 7 nacionalidades) e 23 comunicações.

O realce dado aos dedicantes acabou por sublinhar que os ex-votos a divindades indígenas partiam, substancialmente, de dedicantes com onomástica latina: é que os romanos cedo compreenderam quanto uma boa política de coexistência, religiosa era fundamental para a coesão do Império. No caso da Lusitânia, exemplificou-se com o culto a Endovélico, onde, na verdade, o número de devotos com elevado grau de 'romanização' é bem significativo.

BOAVENTURA SOUSA SANTOS PREMIADO

Boaventura Sousa Santos recebeu, no passado mês de Julho, a menção honrosa do "Prémio Libertador ao Pensamento Crítico 2006".

O galardão, atribuído pelo Presidente da República da Venezuela, Hugo Chávez Frías, distinguiu a obra *Conhecer desde o Sul*. O diploma da "menção honrosa" foi entregue pelo próprio Hugo Chávez ao embaixador de Portugal em Caracas, João Caetano da Silva.

O galardão principal, na sua segunda edição, foi entregue ao professor equatoriano, Bolívar Echeverría, pela obra *Vuelta de Siglo*, de um prémio monetário no valor de cerca de 100 mil euros, além da garantia de publicação da obra pelo Ministério do Poder Popular para a Cultura da Venezuela.

REABERTURA DA LIVRARIA DA IMPRENSA DA UC

Reabriu, no passado dia 3 de Setembro, a Livraria da Imprensa da Universidade de Coimbra. Com uma nova disposição e explorada em parceria com a Coimbra Editora, a livraria está aberta de segunda a sexta, das 9h às 19h.

Além de uma alargada oferta de livros técnicos, na livraria podem encontrar-se livros de ficção e literatura com um desconto de 40%, existindo ainda um alargado número de livros a preços promocionais.

COLÓQUIO DE OUTONO 2007

O *Colóquio de Outono* de 2007, a realizar entre 21 e 22 de Novembro no Auditório da Reitoria da UC, terá como tema “Mobilidade e Fronteiras”. A intenção é convocar um conjunto de personalidades, cujas contribuições para o tema são reconhecidas, e fomentar o cruzamento de ideias num formato de colóquio que privilegiará o diálogo. Assim sendo, em cada um dos dois dias de sessões, haverá uma conferência à qual se seguirá uma série de diálogos para debater as diversas formulações possíveis para os temas. Desde a escala mundial, que oferece uma mobilidade extrema mas que, paradoxal e simultaneamente, permanece um labirinto de fronteiras inexpugnáveis, até à escala da cidade, onde a limitação da mobilidade física cada vez mais se identifica com as fronteiras de índole social, passando pela Europa e por Portugal, pelas suas problemáticas demarcações de identidade e pelas suas barreiras de exclusão.

O colóquio celebrará duas décadas do *Coimbra Group*, bem como todos os programas de intercâmbio que a partir dele se foram desenvolvendo.

Colóquio de Outono 2007

Programa

Quarta-Feira, 21 de Novembro

9h30 – Abertura

10h00 – Conferência: *Mobilidades e fronteiras no mundo contemporâneo*

Orador: Gísli Pálsson (Un. Reykjavik)

11h15 – Diálogo 1: *Um mundo de fluxos e de cosmopolitismo?*

Apresentação: José Manuel Pureza (FEUC)

Oradores: António Sousa Ribeiro (FLUC) e Luís Moita (UAL)

12h30 – Pausa para almoço

14h30 – Diálogo 2: *Identidades e fronteiras na Europa*

Apresentação: Nuno Porto (FCTUC)

Oradores: Manuela Tavares Ribeiro (FLUC) e João de Pina Cabral (ICS)

16h15 – Diálogo 3: *Portugal à chegada e à partida*

Apresentação: José Manuel Pureza (FEUC)

Oradores: José Reis (FEUC) e Cláudio Torres

18h00 – Encerramento

Quinta-Feira, 22 de Novembro

9h30 – Conferência: *Cidades de limites movediços*

Orador: Beth Galí (BB + GG, Barcelona)

10h30 – Diálogo 4: *Os Territórios do Urbano*

Apresentação: Nuno Porto (FCTUC)

Oradores: Alexandre Alves Costa (FCTUC) e Nuno Portas (UP)

11h15 – Pausa para café

11h30 – Diálogo 5: *Fronteiras e mobilidades do conhecimento*

Apresentação: José Manuel Pureza (FEUC)

Oradores: João Ramalho Santos (FCTUC) e Maria Mota (IMM-FMUL)

12h30 – Pausa para almoço

14h30 – *ERASMUS: 20 anos em Coimbra. Do passado ao Futuro*

1. Origens e ideias • 2. Vivências e testemunhos • 3. Entrega de prémios (concursos de fotografia e texto literário)

20h30 – Jantar

22h00 – Festa transnacional de estudantes dos diversos programas de intercâmbio

EUROPA, ARQUITECTURA PORTUGUESA EM EMISSÃO EXPOSIÇÃO NA 1ª TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA

A exposição que comissariámos na 1ª Trienal de Arquitectura de Lisboa – “Europa, arquitectura portuguesa em emissão” –, constituiu, para nós, um novo desafio, face aos objectivos mais comuns de uma amostragem deste tipo de produção. As exposições de arquitectura, em Portugal, são normalmente feitas em nome de um certo proselitismo, visando convencer o público da importância da arquitectura e, por consequência, do arquitecto. Outra tipologia corrente é a da exposição documental, centrada no “projecto de arquitectura” enquanto objecto com uma determinada singularidade artística. O primeiro modelo propõe a arquitectura como missão cívica, enfatizando os aspectos de ordem “social”; o segundo enfatiza a tradição “Belas Artes” da arquitectura e pretende revelar os mistérios do desenho de projecto. A exposição que apresentamos tem, no entanto, outros propósitos.

PASSAGENS DE PORTUGAL

Em primeiro lugar, visa apresentar a arquitectura como testemunho inventivo e singular da aproximação de Portugal à “ideia de Europa”. Em segundo lugar, considera-a como elemento fortíssimo da nossa cultura visual, superando condicionalismos que nos são estruturais.

O que está aqui em questão é o lugar de permanente conflito e deslumbramento face ao “centro”, tantas vezes reflectido na literatura e ensaísmo portugueses. A arquitectura é uma chave de leitura essencial desse processo, ao remontar a modelos puros – “modernos” – que são depois reinventados localmente. No plano puramente visual ou mediático, essa “passagem” é também muitíssimo reveladora. Assim, e porque queremos introduzir uma abordagem transversal e pública, escolhemos uma temática televisiva para organizar a exposição.

Chamamos “Eurovisão” à primeira parte, mostrando imagens iconográficas de 11 edifícios que, entre 1955 e 1985 – até à assinatura do Tratado de Adesão Europeia –, foram testemunhos desse processo de passagem e transformação da

“coisa moderna” em “coisa portuguesa”. Alguns exemplos: O “Leão que Ri” (Maputo, Pancho Guedes) é a arquitectura moderna re-encenada livremente em África; o Mercado da Vila da Feira (Fernando Távora) significa o encontro da sensibilidade modernista com os temas de regresso ao “lugar” que na altura se impunham nos circuitos mais eruditos; S.Vítor (Porto, Álvaro Siza) é uma arquitectura que sai directamente do 25 de Abril, no programa (habitação social) e na linguagem (uma revisitação das propostas radicais dos anos 20/30). Nestes poucos exemplos, pode constatar-se como a arquitectura portuguesa soube assimilar e reinventar as ideias mais temerárias ou pacificadoras da vanguarda arquitectónica europeia. No seu conjunto, estes 11 edifícios localizados no território nacional, ex-colónias, e também no centro da Europa (“Bonjour Tristesse”, Álvaro Siza, Berlim), contam a história da luta, por vezes quase heróica, de recriar Portugal à margem da periferia.

As imagens destes edifícios são pontuadas por ecrãs que transmitem oito canções portuguesas do Festival da Eurovisão, um lugar privilegiado de acesso ao palco europeu durante aquele longo período. A progressão cronológica que estabelecem permite também constatar a passagem da “mensagem” para o “entretenimento”, de Paulo de Carvalho para as Doce. O que tem também muito a ver com a arquitectura...

PORTUGAL TAMBÉM FORA DE SI

À segunda secção da exposição chamámos “Euronews”. Tratamos aqui da arquitectura que está a ser feita na actualidade, indexada pelas regiões onde os diversos projectos se localizam, por referência à “Europa das regiões”. As 16 obras seleccionadas mostram a cartografia internacional da arquitectura portuguesa contemporânea (em Barcelona, Lovaina, Macau, Poitiers, Porto Alegre) mas também a sua inserção no Portugal “interior” (Aldeia da Luz, Almada, Calheta, Cartaxo, Guarda, Vila Real), lugares onde, mais do que preencher





“vazios urbanos”, as novas arquitecturas contrariam, sobretudo, “vazios culturais” cada vez mais anacrónicos no Portugal democrático.

Em “Euronews”, a arquitectura é apresentada sem filtro, nem ordem, como pura sedução, imagens sobre imagens, um “agora” sublinhado pela transmissão em tempo real, em dois grandes ecrãs, do canal televisivo europeu.

Se em “Eurovisão” e “Euronews” pontuam edifícios de pequena escala, pareceu-nos importante, por outro lado, mostrar o “fôlego” que Portugal procurou encontrar, a partir dos anos 80, para se aproximar da respiração europeia. É aí que entra a necessária ironia que o termo “derrapagem” infere, para lá das suas contabilísticas conotações usuais. Convidámos Edgar Pêra para realizar um “filme português” sobre 4 grandes projectos – o CCB, a Expo’98, o Euro 2004, e a Casa da Música – que demonstrasse as contradições deste Portugal imaginado à escala europeia, partindo também de material de arquivo da RTP.

É a partir destas grandes obras, no modo como entraram no imaginário popular e contaminaram a discussão política, que se pode avaliar mais nitidamente as glórias e os fracassos da dimensão europeia de Portugal, após a assinatura do Tratado de Adesão. Para avaliar este processo, Edgar Pêra entrevistou e filmou Nel Monteiro que surge como “cantor de protesto” e “voz *in*” do filme, abordando um tema musical remisturado por Vítor Rua. Cada uma das obras em questão é sujeita a uma denúncia de carácter político, estrofes de uma canção que o artista interpreta e que se pode ouvir projectada sobre os edifícios retratados.

Noutro plano, a motivação de alargar o campo de reflexão, a partir da ideia central da exposição, levou-nos a convidar quatro críticos – Luis Fernández-Galiano, Paulo Pereira, Paulo Varela Gomes e João Lopes –, cujas reflexões estão publicadas no catálogo da exposição, acrescentando novas perspectivas ao princípio curatorial que temos vindo a descrever. George Steiner diz, em “A Ideia de Europa”, que “a Europa é feita de cafetarias, de cafés”. Na nossa proposta, a arquitectura portuguesa é também um itinerário desta “Ideia”, contribuição específica e capital simbólico comum, seja no tempo da “Eurovisão”, seja neste agora da “Euronews”.

As imagens cruzadas de Rem Koolhaas e Nel Monteiro projectadas nas paredes da Casa da Música, no filme de Edgar Pêra, são também uma “ideia de Europa” incomum e familiar. Dá-se o caso desta exposição coincidir com a Presidência portuguesa da União Europeia, e é também nesse plano que pode ser visitada e reflectida. O próximo passo será a sua participação na Bienal de Arquitectura de São Paulo, em Novembro, enquanto representação oficial do Ministério da Cultura. Em solo brasileiro, iremos experimentar a sensação de mostrar Portugal participando na “ideia de Europa”, pela mão da arquitectura, versão “Eurovisão” e versão “Euronews”. Reivindicando abertamente, mas também com a necessária ironia, o lugar que nos pertence.

JORGE FIGUEIRA e NUNO GRANDE
Comissários do Núcleo Portugal, docentes do Darq FCTUC

GRID

REDE MUNDIAL DE COMPUTAÇÃO DISTRIBUÍDA

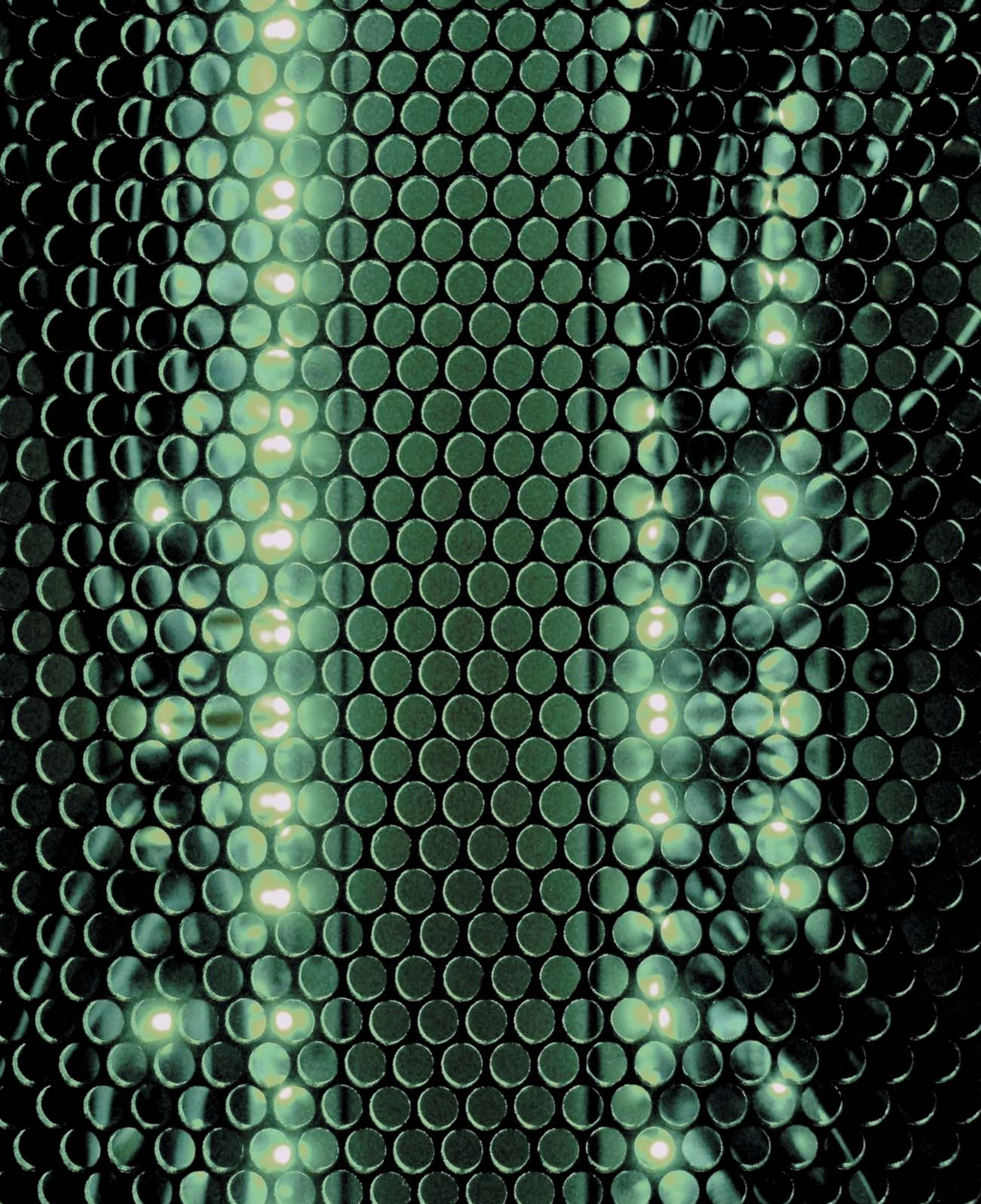
Em 1986 foi desenvolvida no Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN), junto a Genebra, a *world wide web* (www) que revolucionou a forma como partilhamos e acedemos à informação. Uma vasta fracção do conhecimento da humanidade encontra-se agora armazenada em servidores distribuídos por todo o mundo, a que acedemos recorrendo a potentes motores de busca. Depois da informação distribuída começamos agora a assistir a um novo paradigma no campo da informática, o da computação distribuída, através do conceito de GRID. Tirando partido da analogia com a rede de distribuição de electricidade, em que a fonte da energia que chega a nossa casa pode estar em qualquer local, e essa origem é totalmente transparente para o utilizador final, assim também a computação poderá ser encarada como um recurso distribuído, a que acedemos de uma forma transparente, tal como à informação na internet. Esses recursos podem ter origem em qualquer local, desde pequenos conjuntos de computadores num laboratório de investigação até enormes centros de cálculo localizados em empresas especializadas. Ao utilizador final, tal como na rede eléctrica, é cobrado de acordo com o seu consumo, sem ser preciso que ele próprio monte e mantenha um centro de cálculo para as suas necessidades de computação (tal como quase ninguém possui a sua própria fonte de energia eléctrica).

O projecto *Enabling Grids for E-sciencE* (EGEE), iniciado em 2004, envolve 91 parceiros de toda a Europa, os Estados Unidos, Rússia e diversos países asiáticos, é financiado pela Comissão Europeia e encontra-se já na sua segunda fase. Este projecto suporta a maior rede computacional para ciências multidisciplinares de todo o mundo (a EGEE é a maior GRID multidisciplinar mas em termos absolutos a WLCG, dedicada à Física de Partículas, é maior em termos absolutos já que incorpora mais recursos fora da Europa), congregando mais de 200 instituições, e permitindo a investigadores, académicos e da indústria privada, o acesso a grandes recursos com-

putacionais fora das suas instituições de acolhimento, independentemente da sua localização geográfica. Esta infra-estrutura de computação GRID é capaz de executar mais de 30 mil tarefas computacionais por dia, mais de um milhão por mês. Estas tarefas são lançadas por cientistas oriundos de vários campos de investigação, desde a simulação de compostos químicos para a criação de novos fármacos até à análise de dados geológicos para a pesquisa de novos campos petrolíferos e de gás natural. Estes cálculos são realizados por centenas, quando não milhares, de computadores localizados um pouco por todo o mundo, totalizando cerca de 25 mil processadores. Os muitos milhões de *gigabytes* de dados armazenados contribuem também para a afirmação da GRID da EGEE como a maior rede GRID mundial para cálculo científico. Uma parte importante deste projecto consistiu em produzir e desenvolver software de alta qualidade para infra-estruturas GRID, designado por *gLite*, o qual possibilita a operação deste sistema global, de uma forma homogénea e transparente, 24 horas por dia. O primeiro software GRID, designado por *middleware*, foi o *globus toolkit* e surgiu há cerca de 10 anos, e está ainda em uso em algumas aplicações.

GRID NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Após a entrada em funcionamento da Milipeia, a maior máquina de processamento paralelo do país, operada pelo Centro de Física Computacional (CFC), no Departamento de Física da FCTUC, a sua máquina anterior, denominada Centopeia, com 108 processadores, foi cedida ao Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP). Após alguns meses de trabalho de adaptação e de reforço da infra-estrutura, a Centopeia renasceu como um nó da GRID de EGEE em Junho de 2007. Juntamente com



outros nós em Portugal (nas universidades do Minho e do Porto, a Universidade Lusíada e o LIP-Lisboa, geridos globalmente por esta última instituição), o novo *cluster* GRID está já a executar cálculos para utilizadores de todo o mundo. Entre as aplicações mais importantes de momento, já que novas “organizações virtuais” (conjuntos de utilizadores que partilham entre si diversos recursos informáticos, *software* e *hardware*) estão constantemente a ser adicionadas, contam-se a física de altas energias, a biomedicina, as ciências da terra, a fusão nuclear e a química computacional, entre muitas outras. No campo da física de altas energias, a GRID vai, por exemplo, permitir analisar os cerca de 15 *petabytes* (milhões de *gigabytes*) de dados recolhidos todos os anos pelas experiências do novo acelerador do CERN, o *Large Hadron Collider* (LHC), que entrará em funcionamento em 2008. No campo da biomedicina existem inúmeras aplicações, de que podemos destacar a imagiologia médica, a bioinformática e a descoberta de fármacos, em que a GRID já provou a sua utilidade como um instrumento na luta contra doenças como a malária e a gripe das aves. Nas ciências da Terra são cobertas várias áreas relacionadas com a geologia, a atmosfera, o oceano e a sua interacção. Várias aplicações computacionais dedicadas ao novo reactor experimental de fusão nuclear (ITER), em construção em França, foram já executadas na GRID. Finalmente, no domínio da química computacional, foram desenvolvidas importantes aplicações na área da simulação molecular.

As empresas privadas começam agora a ser importantes parceiros nas aplicações GRID, não apenas os grandes produtores de *hardware* e de *software*, mas também as empresas que são importantes consumidoras de vastos recursos de cálculo, e que começam a adoptar o conceito de GRID nos seus planos de desenvolvimento e de investimento. O projecto EGEE pretende alargar a sua utilização também às aplicações comerciais e económicas, incluindo a análise financeira.

PREVISÕES PARA A GRID EM PORTUGAL

O futuro da GRID em Portugal passa pelo reforço significativo da capacidade de cálculo (número e velocidade dos processadores) e de armazenamento de dados (em disco e banda magnética) nas diversas instituições envolvidas, com a provável entrada de mais algumas. Mas também pela construção e operação de um nó central de GRID, um espaço plenamente infra-estruturado (em potência eléctrica, ar condicionado, baterias, rede informática, etc.) para acolhimento dos *clusters* de computadores das instituições interessadas, optimizando desta forma os recursos disponibilizados, e simplificando a entrada de novos recursos de cálculo e a operação de todo o sistema. O objectivo no campo da GRID para LHC é a instalação em Portugal de uma capacidade de cálculo e de armazenamento de dados equivalente a cerca de 1 por cento do total (que corresponde à percentagem da contribuição de Portugal para o CERN). Em Coimbra serão assim instalados nos próximos dois anos entre 500 e 1000 processadores dedicados a cálculos na GRID (mas não para uso exclusivo da Física de Partículas). Um importante desenvolvimento será também a disponibilização de largura de banda de comunicação por rede informática dedicada a aplicações GRID.

Em Coimbra, para além do aumento significativo da capacidade de cálculo e armazenamento de dados, que ocorrerá progressivamente durante os próximos anos, irão ser desenvolvidas novas aplicações informáticas e a difusão do conceito e capacidades da GRID para novos domínios científicos que requerem grande capacidade de cálculo. Este projecto envolve investigadores e técnicos do LIP, do CFC, do Departamento de Informática e da Critical Software SA, com o apoio do Centro de Informática da Universidade (CIUC).

OLIMPIADAS DE QUÍMICA JÚNIOR PROMOVER A CIÊNCIA EM COIMBRA

As Olimpíadas de Química Júnior, uma iniciativa conjunta envolvendo a Sociedade Portuguesa de Química e diferentes departamentos de Química do país, visa a promoção e divulgação do interesse científico, neste caso a Química, nos jovens do ensino básico (8.º e 9.º ano).

Em Coimbra, as terceiras Olimpíadas de Química Júnior (OQJr) decorreram em Abril, no Departamento de Química da Universidade. O entusiasmo que esta iniciativa motiva está bem expresso na adesão que teve. A nível nacional um total de mais de 1200 alunos. Em Coimbra foram 21 escolas, 162 alunos e 22 professores, pertencentes aos distritos de Coimbra, Leiria e Viseu. E foi assim que, no átrio do departamento de química, começaram a aparecer os "olimquímicos" e seus treinadores. Uma grande multidão cuja animação e movimentação auguravam um excelente dia. A pouco e pouco, todos foram chegando e o convívio na recepção, marcado pelo reencontro com algumas caras conhecidas de antigos alunos, agora professores, foi ajudando à gradual descontração entre participantes, mostrando que as OQJr têm sido um local privilegiado para dinamizar e reencontrar antigos alunos da UC.

A natural curiosidade inerente à idade faz com que estas provas tenham uma forte componente laboratorial, não fosse a química (também) uma ciência experimental. Foi pois de forma idêntica ao que vem sendo habitual que a prova se

dividiu em quatro partes; três destas, correspondente a actividades laboratoriais (com 12 diferentes actividades) e uma quarta parte, de perguntas com opção de escolha múltipla, projectadas em *data Show* e com temporização. Os alunos, previamente organizados em grupos de três (com um capitão de equipa) efectuaram animadamente, mas também muito responsabilmente, as diferentes provas. A muita curiosidade e animação foram a tónica sempre presente nestas actividades a que se juntou a cor resultante das diversas tonalidades apresentadas pelas *t-shirts* usadas (oferecidas pela organização e que constituíram uma forma de organizar os alunos nas diferentes provas).

No primeiro ano em que se organizaram estas Olimpíadas (em 2005) verificou-se que os mais ansiosos eram, ao contrário do que se poderia antever, não os alunos, mas os professores acompanhantes. Para colmatar esta falha, foram desenvolvidas *workshops* para os professores. Assim, os professores tiveram igualmente a oportunidade de efectuar experiências orientadas para os actuais programas de ensino e alguns puderam lembrar os seus antigos laboratórios. Após terminar a prova e um merecido almoço, foi tempo de uma visita ao Museu da Ciência de Coimbra.

J. SÉRGIO SEIXAS DE MELO

E os vencedores foram:

E finalmente os grandes vencedores do dia. Embora pareça ser um lugar comum, podemos dizer que todos os participantes foram vencedores, com classificações se situaram entre os 55 e os 80 por cento, revelando um bom nível de conhecimentos. Mas como de Olimpíadas se tratavam, a glória é devida aos vencedores. E assim na cerimónia de entrega de prémios e divulgação dos vencedores, que contou com a participação de João Gabriel Silva (FCTUC) e de Sebastião Formosinho e Hugh Burrows (DQ) as medalhas foram entregues a:

1.º lugar - Escola EB2,3/S Dr: Daniel de Matos, Vila Nova de Poiares, com a equipa constituída pelos alunos: Adriana Fernandes, Rúbem Lopes e Hugo Ferreira e como professora acompanhante Maria Maribel Dias.

2.º lugar - Escola Secundária/3 de Carregal do Sal, Carregal do Sal, Viseu, com a equipa constituída pelos alunos: Francisco Gomes, José Eduardo Trindade e Rita Ferreira e como professora acompanhante Anabela Batista.

3.º lugar - Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos Maria Alice Gouveia, Coimbra, com a equipa constituída pelos alunos: Bernardo Caridade Menezes, João Agria e João Oliveira e como professora acompanhante Maria Amélia Canelas Pais.

Ficou claro que as Olimpíadas de Química Júnior são um factor de mobilização dos jovens que gostam de ciência, para além de ter sido um dia diferente e sempre bem passado. Para muitos deles é o primeiro contacto com a Universidade. Também aqui o facto de terem podido visitar o Museu da Ciência foi por certo factor de motivação futura para quiçá uma escolha em ciências e tecnologia.

Quem sabe se num futuro próximo, será possível que os vencedores locais sejam apurados para uma grande final a nível nacional, à semelhança do que já se faz para as Olimpíadas de Química+! Seria por certo ainda mais aliciante.

A ENGENHARIA DE TECIDOS

A perda ou degeneração de um órgão ou tecido é um dos problemas mais frequentes em termos de saúde humana. O transplante de órgãos ou tecidos continua a ser a prática mais corrente para resolver este problema, embora em alguns casos, instrumentação médica como aparelhos de diálise ou corações artificiais também sejam utilizados. Embora estas terapias tenham salvo e melhorado milhões de vidas, elas representam ainda hoje soluções bastante limitadas devido à escassez de órgãos/tecidos existentes nos bancos dos hospitais. Por exemplo, nos Estados Unidos cerca de 30 mil pacientes necessitam de um transplante de fígado anualmente embora o número de doadores de fígado por ano seja somente de 3000.

O conceito de engenharia de tecidos foi proposto pela primeira vez em 1985 por Yuan-Cheng Fung. O primeiro simpósio com o mesmo nome surgiu em 1988, e com ele a definição desta nova área: engenharia de tecidos é uma área interdisciplinar que aplica os princípios da engenharia e das ciências naturais para o conhecimento da relação estrutura-função em tecidos normais ou patológicos e para desenvolvimento de substitutos biológicos que restaurem, mantenham ou melhorem a função de um tecido. Em 1993, Robert Langer e Joseph Vacanti sumariavam os avanços mais importantes realizados até à data na revista *Science*.

A engenharia de tecidos emergiu como uma potencial alternativa ao transplante de tecidos ou órgãos. Existem três estratégias terapêuticas principais na engenharia de tecidos. A primeira, através da implantação de células cultivadas *in vitro*, na presença ou ausência de uma matriz tridimensional (*scaffold*; o *scaffold* é uma matriz tridimensional porosa que pode ser composta por diversos materiais e que funciona como matriz extracelular temporária para o crescimento, migração e diferenciação celular.), com o potencial de serem

integradas e de formar tecido funcional após a implantação (por exemplo, condrócitos encapsulados num gel). A segunda, através da implantação de tecidos funcionais e “maturos” formados em laboratório pela junção de células, provenientes do paciente ou de um dador; e *scaffolds* (por exemplo, ilhéus de Langerhans encapsulados para libertarem insulina, pele artificial, etc...). A terceira, através da regeneração dos tecidos *in situ* com a utilização de *scaffolds* que promovem a migração e adesão de populações específicas de células, as quais levarão à reparação ou substituição do tecido danificado. Durante a década de 90, os progressos nesta área levaram à comercialização dos primeiros produtos tais como pele (Apligraf da Organogenesis e TranCyte da Advanced Tissue Science) e cartilagem bioartificial (Carticel da Genzyme Tissue Repairs). Nos últimos anos, a indústria de engenharia de tecidos cresceu bastante e em 2001 os gastos em investigação científica e desenvolvimento ultrapassaram os 600 milhões de dólares, a nível mundial.

COMPONENTES DA ENGENHARIA DE TECIDOS

As células são um elemento chave em qualquer estratégia de engenharia de tecidos. Elas podem constituir *per se* a solução terapêutica (terapias baseadas unicamente nas células), podem ser combinadas com *scaffolds* e transplantadas, ou podem ser recrutadas *in vivo* com a ajuda de biomateriais e/ou biomoléculas. As terapias celulares não são uma prática recente. Transfusão de sangue, transplantação de medula óssea, transplante de células estaminais do sistema sanguíneo periférico são exemplos de terapias celulares há muito tempo utilizadas no contexto médico. Terapias celulares que exijam bastante manipulação *in vitro* são consideradas produtos da engenharia

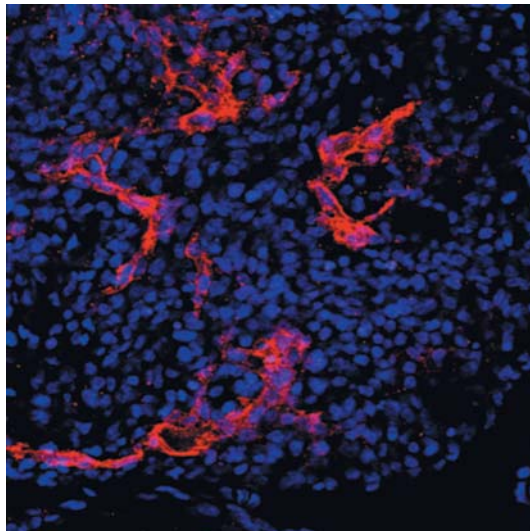
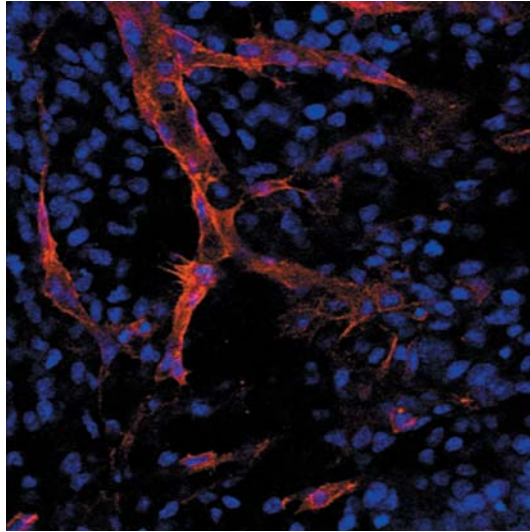


Figura 1 - Células estaminais embrionárias humanas diferenciadas em células vasculares quando encapsuladas num *scaffold* formado por um polissacarídeo.

de tecidos. Nesta área podem ser incluídos condrócitos encapsulados num hidrogel para a reparação de cartilagem, células do fígado e rim crescidas em suportes extra-corporais, células beta encapsuladas para colmatar problemas de diabetes, osteoblastos em scaffolds para regeneração óssea, entre outros.

As células estaminais são uma fonte importante de células para a engenharia de tecidos. Células estaminais são células indiferenciadas que têm a capacidade de se auto-renovarem e de se dividirem indefinidamente, e simultaneamente têm o potencial de se diferenciarem, em geral, em mais de um tipo de células. As células estaminais podem ser classificadas em três tipos: células estaminais embrionárias, células estaminais fetais e células estaminais adultas.

Múltiplas estratégias na área da engenharia de tecidos fazem uso de matrizes tridimensionais designadas por *scaffolds*. Estes materiais desempenham o papel de matriz extracelular, organizando as células tridimensionalmente, e apresentam estímulos que levam ao crescimento e formação do tecido desejado. Estes materiais podem ser utilizados para transportar células antes da sua implantação *in vivo*, ou tão-somente, servir de material bioactivo atraindo células do tecido onde é implantado. Estes *scaffolds* devem ser formados por materiais (i) biocompatíveis; (ii) porosos para permitir a difusão de nutrientes e de produtos resultantes do metabolismo celular;

(iii) degradáveis em escalas de tempo apropriadas até ocorrer a remodelação celular; promoverem, em geral, (iv) a adesão celular; possuírem propriedades mecânicas (v) apropriadas de forma a manterem a arquitectura tridimensional do tecido a ser formado e, finalmente, serem capazes de (vi) transportar biomoléculas no seu interior, tais como factores de crescimento ou outras moléculas.

A ENGENHARIA DE TECIDOS NO CNC/BIOCANT

A investigação científica actualmente a decorrer no CNC/Biocant procura desenvolver novos biomateriais para o transplante e diferenciação de células estaminais. Os constructos celulares (formados pela junção das células e *scaffolds*) podem ser utilizados para vascularização do músculo cardíaco em casos de enfarte do miocárdio (Figura 1), para a regeneração do sistema neuronal em casos de doenças neurodegenerativas, e regeneração do tecido ósseo.

LINO S. FERREIRA
Investigador no Centro de Neurociências
e Biologia Celular (CNC) e Biocant



R E T R A T O S D E C O R P O I N T E I R O

V O L U N T Á R I O S N A P R I M E I R A P E S S O A

No dicionário: "Voluntário – Pessoa que assume o cumprimento de uma missão, de uma tarefa, sem que a isso seja obrigada."

Coordenação: Maria Manuel Almeida

Este dossiê é complementado, no caderno temático desta edição, por reportagens sobre alguns projectos de voluntariado

Paulo Pereira *O espírito da missão*

Conhecer a forma de fazer voluntariado, suas dificuldades e recompensas, saber o que é sentir-se bem e angustiado ao mesmo tempo. Prosseguir com aqueles que trabalham na sombra, incógnitos. No nosso planeta existem milhões de pessoas assim. São os voluntários. Homenageados pela ONU no ano de 2001.

Poderia pensar-se que – dado o ritmo desenfreado em que as pessoas vivem actualmente, aparentemente sem tempo para si próprias e, muito menos, para os outros – não existe apetência para o voluntariado. Mas constato, felizmente, que este movimento tem conquistado um número crescente de desconhecidos protagonistas. Também eles se debatem com preocupações materiais, como casa própria ou maior, carro ou a educação dos filhos, embora não abdicuem de empreender, por vezes, pequenas acções em prol dos outros.

Nos países onde o voluntariado progrediu, este é entendido como uma forma de contribuir para a democracia, como uma forma cívica, uma questão de solidariedade ou um modo de desenvolvimento pessoal. Portugal ainda está muito longe do número de voluntários que proporcionalmente outros países apresentam, no entanto, em qualquer dos casos, terão sido necessários originalidade, um forte sentimento de pertença à comunidade local e responsabilização para com essa comunidade para que o movimento de voluntariado se consolidasse.

Quem diariamente tem que procurar responder às necessidades dos mais pobres, dos mais excluídos e assim tenta ser significativamente positivo na vida de alguém que não conhece, percebe claramente a necessidade de que cada um – “no seu mundo” onde tem sempre mais algo que fazer antes de escutar o Outro, onde o seu problema é sempre tão maior do que aquele que não tem sequer tempo para ouvir; do Outro – tem o dever de ser voluntário mesmo no seu local de trabalho. Ouvir não é o mesmo que escutar; ver não é o mesmo que olhar; perceber não é o mesmo que sentir...

SER VOLUNTÁRIO E A CONSCIÊNCIA COLECTIVA DOS PROBLEMAS

Na acelerada e brutal Revolução Global em curso (financeira, mediática, tecnológica, social, política, ética e de mentalidades...), verdadeira globalização armadilhada para a larguíssima maioria da população mundial, é urgentíssimo que todos nós cidadãos façamos a escolha certa do caminho a seguir pela humanidade. Esta escolha condicionará, penso, o futuro do nosso planeta Terra. Nenhum cidadão do mundo, cada um de nós em concreto, pode recusar, abstrair-se ou demitir-se de escolher e de participar no tipo de sociedade que pretende e na qual terá que viver. É a esta postura que se chama “assumir a sua

plena cidadania”! A abstenção de escolha (por comodismo, conformismo, desalento, cobardia, ...) será particularmente negativa e poderá comprometer irremediavelmente o futuro das próximas gerações. Assim, a opção de escolha que se apresenta, quanto a nós voluntários, será: ou nós, cidadãos deste mundo inevitavelmente global para o bem e para o mal, nos conformamos, deixando-nos anestesiar sem reagir; tornando-nos espectadores passivos, acrícticos da roleta russa em curso, em que cada um de nós é a próxima vítima potencial, caminhando “alegremente” para o caos e anarquia, só ainda aparentemente estabilizada, que os auto-intitulados “líderes mundiais” estão a construir; ou reagimos, organizando-nos numa sociedade civil aberta e atenta, garantia última de uma democracia e de um desenvolvimento com futuro.

Mas para que essa reacção seja lógica e racional, ao contrário da outra lógica que se está a espalhar por todo o mundo, é necessário que tenhamos de facto a noção de que temos que intervir no processo voluntariamente. Não pode ser necessário que seja uma qualquer lei ou governo a obrigar-nos a participar na construção de um futuro que a nós dirá respeito. Só depois de termos como certo no nosso pensamento, colectivamente, que os tempos que se avizinham serão severos demais para todos e principalmente para nós que ainda conseguimos sobreviver; poderemos avançar para a valorização do Homem actuan-



do quotidianamente, voluntariamente, na ajuda a quem mais precisa, pois os que actualmente resistem no limiar da pobreza dificilmente prosseguirão a sua caminhada arriscando-nos, a prazo, a ter uma revolta mundial violentíssima, uma autêntica Bomba Atómica Social e Global concretizada pelos famintos e miseráveis que não terão outra alternativa. Nesse dia todos seremos destruídos.

(RE)INSERIR UM – O PAPEL DO OUTRO

Só após cada um atingir a referida consciência colectiva dos problemas que nos rodeiam é possível que o trabalho daqueles que actuam (participam) possa ter algum resultado positivo que, por muito pequeno que seja ou pareça, é certamente bastante significativo para os Outros que aos Uns apelam, muitas vezes vendo neles o último garante de alguma coisa à qual já não conseguem chamar vida.

Assim, a partir da experiência que tenho enquanto voluntário que apoia pessoas sem-abrigo, menores institucionalizados quer judicialmente quer em instituições de acolhimento, vítimas de abandono e negligência e de extremas situações de pobreza., parece-me importante exaltar a importância que verifico ter a necessidade de (re)inserir efectivamente e com qualidade estas pessoas e a clara definição do papel de cada pessoa interviniente nesse processo de ajuda.

Em conjunto com outros voluntários desenvolvemos a nossa “função” após um dia de trabalho ou num dia de folga para dar apoio a quem dele necessita.

Este grupo procura disponibilizar um leque alargado de recursos, por vezes simplesmente afectivos, mas indispensáveis a estas pessoas no alimentar da esperança de que é possível uma vida melhor:

Só alguém com a perfeita noção do papel que deve desempenhar na sociedade é que incondicionalmente se disponibiliza para ajudar tirando como único benefício um bem estar interior e a certeza de que quer contribuir para um mundo melhor. Esse alguém é o voluntário.

Penso também que não é necessário que alguém que tenha a predisposição para a intervenção social voluntária, o tenha que fazer unicamente a partir de uma qualquer instituição ou serviço. Deverá fazê-lo primeiramente no dia a dia, na forma como vê e interage com o Outro, principalmente com aquele que a si se dirige na esperança de obter pelo menos o que não conseguiu com as últimas dezenas de pessoas com quem se cruzou, e das quais não conseguiu sequer um Não, pois a simples aproximação física a essas pessoas perturba pavorosamente a maioria dos mortais que são vítimas dos medos das próprias sombras pela noção de que neste mundo tudo se pode perder num segundo. Só que o Outro já viveu esse segundo só lhe restando a “vida”.

Assim, sinto que ser voluntário não significa ter que “perder” tempo precioso, que todos os dias precisamos de dar à nossa família e àquele mundo que é só nosso (como se vivessemos sozinhos), resposta essa que nestes dias damos a nós próprios para nos desculparmos e dizermos para dentro que

até somos boas pessoas e que até não fazemos mal a ninguém.

É isto que sinto quando me relaciono com alguém a quem posso dar algo em troca de um mundo onde eu possa viver melhor:

Não me é possível viver tranquilo quando tenho pessoas a viver na rua ao meu lado. Não posso estar satisfeito quando tenho pessoas com fome ao meu lado. Fico irrequieto quando tenho crianças que não conheceram os pais ou apenas o pior lado deles e representam simbolicamente em nós essa figura paternal imaginária.

Custa-me adormecer ao pensar numa criança com um olhar tão fundo e distante e que não consegue rir:

Se cada um colocar uma gota de água neste fogo social, ele alastrará mais devagar. Pode ser que um dia chova!...

Se não for por convicção que seja por inteligência.

*AMI

Vasco Gameiro *Voluntariado – voto sim*

O voluntariado começou aos 25 anos... por acaso e "sem acaso"... Começou por ser um rol de curiosidades e experiências, de vivências que nunca tinha visto nem presenciado, acompanhado por um fervor interior, em querer ser útil e poder ajudar as pessoas espontaneamente... Comecei o voluntariado com crianças ("o melhor do mundo são as crianças"...) as suas dores, o seu sorriso e um olhar luminoso encantou-me. As crianças que visitava eram crianças ciganas, pequenas na idade mas peritas nas experiências de vida, que a vida obrigou a despertar o espírito de sobrevivência... Eles eram diferentes... por vezes abruptos e impulsivos no trato mas quentes na alma e no olhar. Com o voluntariado percebi que existem outros mundos dentro dos nossos mundos. Aprendi a respeitar os outros mais. Mas também foi na "pobreza" que vi os olhos mais felizes da vida... Nunca vi tais olhos nos ricos... Como diz o Dr. Eduardo Sá, com os menores "aprendi a aprender a apanhar sol por dentro...". Fiz parte de um projecto de integração dos Monteiros (Projecto Integrado Manos do Bolão) que se encontravam sitiados junto a estação velha (nos campos do Bolão). Que bela experiência... No início parecia que entrava noutra tribo. Eu ia com duas a três voluntárias e tentávamos que os menores falassem da vida deles e que a nível escolar (sempre

com o apoio do Ministério da Educação) conseguissem ficar com a escolaridade mínima para poderem tirar a carta. Os ciganos (os Monteiros) tinham a magia da liberdade nos seus olhos, com eles senti o sentido da palavra liberdade... os menores de pés descalços em pleno Inverno eram mais felizes que os nossos filhos com os melhores ténis Nike. As danças flamengas a sua dança, os seus hábitos ancestrais (da Índia) enriqueceram-me a alma de sabores emocionais e de experiências de vida levadas ao rubro. Recordo com saudades as tardes soalheiras que passei junto do patriarca, de olho azul céu a contar história e experiências de encantar... Com o patriarca Monteiro aprendi que nós precisamos de pouco para ser felizes. Vi as pessoa mais pobres da cidade, satisfeitas com pouco. Vidas... mas como tudo o que é bom é perigoso, acabou mal... foram apanhados (quase todos) com droga e foram efectuadas buscas que os condenaram a pesados anos de cadeia. Também aqui, os voluntários foram aquelas pessoas discretas que ajudavam de forma gratuita, espontânea pessoas carenciadas, que precisavam sobretudo de calor humano. Depois de algum tempo comecei a visitar na prisão de Coimbra um italiano condenado por tráfico, mas riquíssimo em experiências e peripécias. Senti-me mais uma vez pequeno, e curioso, neste mundo de aventuras de risco e de cora-

gem. Este homem nunca tinha tido visitas e precisava de falar com alguém... O voluntário esteve lá. Chamava-se Gino, era italiano e tinha um par de anos por tráfico para cumprir. Inteligente, perspicaz, ensinou-me a ser mais avisado para o mundo... o mundo não brinca... e às vezes derruba. Em suma, tem sido muito gratificante e enriquecedor para a alma, para a minha evolução intelectual e experiência de vida, ter vivenciado a minha vida com "gente vulgar", mas que tem tudo de invulgar. Como parar é morrer, já ando a realizar novas vistas de voluntariado ao Centro Educativo dos Olivais (aos que estão detidos e internados lá a cumprir penas menores de 16 anos). E ainda com menores em IPSS, filhas de prostitutas dos PALOP. Novas experiências, novas riquezas, e somos tão bem compensados na alma, para além da camaradagem existente entre voluntários. Se algum dia vos apetecer sair do sofá... apareçam. Como um adágio cigano dizia "é preciso saber ler e escrever mas também é preciso saber quando é que os passarinhos têm frio..." e quando houver "pedras no caminho? Guardo todas, e um dia vou construir um castelo..." Um grande bem-haja a todos os Voluntários.

* Advogado

Telma Cardoso de Sousa, Catarina Neves e Tânia Morais

Voluntariado na Acreditar

Ser voluntário na Acreditar [ver caixa] é procurar proporcionar momentos agradáveis às crianças/adolescentes (ou pelo menos minorar o seu desconforto) contribuindo, desta forma, para a promoção da sua qualidade de vida e constituindo indirectamente uma fonte de apoio para os seus pais/acompanhantes. Pretendemos, dar continuidade ao lema da Acreditar “Tratar a criança com cancro, e não só o cancro na criança”.

Pode ser voluntário da Acreditar qualquer pessoa que preencha os seguintes requisitos: idade igual ou superior a 18 anos; interesse e disponibilidade temporal e emocional para o desempenho desta função.

Em Coimbra, este voluntariado pode ser realizado de duas formas: voluntariado geral – bancas de divulgação e angariação de fundos, passeios e campos de férias realizados ao longo do ano com os Barnabés (grupo de crianças e adolescentes doentes ou fora de tratamento); voluntariado hospitalar – após uma entrevista de selecção, o voluntário faz formação no Hospital Pediátrico onde, posteriormente, tendo escolhido um horário conveniente, dedica duas horas semanais ao acompanhamento das crianças ali internadas.

JÁ AGORA, VALIA A PENHA PENSAR NISTO!

Face à rotina do nosso quotidiano, somos muitas vezes alheios a outras realidades. Toda a panóplia de acontecimentos dramáticos que o pequeno ecrã faz

questão de nos mostrar, não será mais do que uma visão de situações lamentáveis, por vezes chocantes, mas tão distantes do nosso mundo pessoal e familiar que acabamos por banalizar.

Proponho que cada um de nós abra os seus horizontes, procurando estar cada vez mais próximo daqueles que, por vários motivos, necessitam da nossa atenção e de um ombro amigo. Afinal de contas, se reflectirmos bem, somos nós quem recebe com este magnífico gesto. A alegria que sentimos nestes momentos é não só enriquecedora a nível pessoal, mas revela também a nossa capacidade de dar de forma desprendida.

Porque não fazê-lo através da disponibilização de algumas horas no regime de voluntariado. Sugiro que alimentemos esta ideia e que a passemos a outro.

Deixo-vos com um testemunho de duas voluntárias da Acreditar, que com as suas palavras, espelham bem os sentimentos de que vos falo.

Telma Cardoso de Sousa
(Coordenadora do NRC)

OLÁ AMIGOS, PAIS E OUTROS QUE TAIS!!!

Somos duas jovens voluntárias da Acreditar – Núcleo do Centro.

Já há alguns anos que apoiamos esta causa, mas este foi o primeiro ano em que contactámos directamente com o Hospital Pediátrico de Coimbra.

No primeiro dia que cruzámos estas

portas, trazíamos o coração carregado de receio, mas ao mesmo tempo estava repleto de esperança e alegria para distribuir.

Após uma formação inicial que, embora tenha sido esclarecedora, nunca nos poderia preparar para a realidade com que nos deparámos, sobretudo porque aqui, no “nosso hospital”, não se tratam só as doenças, mas dá-se também um “miminho” ao coração.

Todos os dias foram diferentes, vimos lágrimas, indisposições, revolta, dor, mas também vimos muitos sorrisos, brincadeiras e a construção de grandes amizades.

Às vezes, perguntam-nos “És voluntária no hospital?! Como é que tens coragem?”. Perante esta questão, só há uma resposta possível: quem tem coragem não somos nós. Corajosos são os meninos, os pais e as suas famílias que encaram os dias neste “Hotel” (como nós em jeito de brincadeira lhe costumamos chamar) com muita força e determinação. Ao pé deles até um super herói é ultrapassado.

Assim, gostaríamos de agradecer a todos aqueles que contribuíram para que esta experiência deixasse uma marca indelével no nosso coração e para que passássemos a dar mais importância à vida, pois nós vínhamos sobretudo para DAR e acabámos por ser nós as maiores privilegiadas, porque tivemos o prazer de vos conhecer.

A todos vós, um muito obrigada!!!

Catarina Neves e Tânia Morais

Ivone Teles *Voluntariado nos HUC*

A *Acreditar* é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que pretende ajudar as crianças e as respectivas famílias a superar melhor os diversos problemas que se colocam a partir do momento em que é diagnosticado o cancro, contribuindo para fomentar a esperança.

Há, de facto, razões para fundamentar essa esperança: actualmente, cerca de 70 por cento dos cancros infantis podem ser totalmente curados e a cada dia que passa registam-se progressos na luta contra a doença. A *Acreditar* vive essencialmente dos apoios dos seus associados e amigos, do trabalho de voluntários e de um reduzido corpo de pessoal administrativo que assegura a sua gestão corrente.

O seu trabalho reparte-se por Núcleos Regionais: Norte (Porto), Centro (Coimbra), Sul (Lisboa) e Madeira (Funchal), correspondentes aos centros urbanos onde existem hospitais de oncologia pediátrica. A *Acreditar* é membro fundador da ICCCP (Confederação Internacional das Associações de Pais de Crianças com Cancro).

Quando, no início dos anos 60, comecei a minha actividade como assistente social nos HUC, tomei contacto pela primeira vez com o voluntariado. De acordo com a Lei Orgânica Hospitalar, a organização e coordenação de actividades voluntárias num qualquer hospital, eram da responsabilidade do Serviço Social.

O que me foi dado observar, na altura, não me entusiasmou, frustrando, mesmo, as minhas expectativas profissionais.

A Direcção do Serviço Social organizava, anualmente, um pequeno curso para quem, previamente se inscrevesse e fosse seleccionado para voluntário. O grupo era quase sempre constituído por seminaristas, um ou outro estudante universitário, algumas pessoas mais idosas, desfazendo-se aos poucos e chegando ao fim do ano lectivo quase sem ninguém. As tarefas executadas estavam particularmente relacionadas com o preenchimento de alguns tempos livres dos doentes, principalmente nas enfermarias de Ortopedia, onde, na época, os internamentos eram bastantes prolongados. A prática era muito "caritativa" e a sua continuidade dependia da disponibilidade pontual dos voluntários, o que causava grandes "falhas", frustrando os doentes que aguardavam diariamente essas presenças. Todas estas e outras razões levaram ao fim do voluntariado nos HUC durante alguns anos.

Na década de 70 a Inspeção Técnica de Acção Social, da então Direcção Geral dos Hospitais, alertou estes para a necessidade de, cumprindo a sua Lei Orgânica, voltarem a criar o serviço de voluntariado, caso tivesse sido extinto. Foi-me distribuída a responsabilidade de novamente implementar essa activi-

dade. Com o 25 de Abril, as enormes mudanças sentidas e a facilidade de levar à prática outras experiências, encorajou-me a propor à Direcção do Hospital a criação de um grupo multidisciplinar composto por um representante dos profissionais com um contacto mais directo com os doentes (médicos, enfermeiros, assistentes sociais) que, posteriormente, integrasse também um representante do grupo dos voluntários, pois entendíamos ser essa a melhor forma de coordenar a actividade. Igualmente se propôs recorrer a uma entidade exterior ao Hospital para a selecção e formação do grupo de Voluntariado, tendo obtido da Cáritas o melhor acolhimento. As propostas foram aceites pela Direcção dos HUC e o sistema ainda hoje se mantém.

Estou aposentada há cerca de dez anos, mas posso afirmar que, com todas as deficiências que sempre são apontadas e algumas razões de insatisfação pessoal com o funcionamento desta valência de apoio hospitalar, não existe qualquer paralelo entre o meu primeiro contacto com o serviço de voluntariado e aquele que obtive, posteriormente, ao longo dos anos em que, bem de perto, com ele trabalhei.

Julgo que, como tudo, é sempre possível melhorar, mas também acredito que, hoje, a prática do voluntariado na maioria das organizações, tem tendência para ser mais eficiente, com uma ligação estreita à comunidade onde se insere, e organizando o seu trabalho de acordo com objectivos definidos pelo grupo.

*Directora do Serviço Social dos HUC
(reformada)

Andrêa Gouvêa Ao Chico

Muita coisa podia aqui ser escrita nestas linhas que se seguem... Acho que posso dizer tudo aquilo que me fez mover e viver o voluntariado de uma maneira simples, apesar de muito mais poder ser escrito e transmitido...

Ser-se voluntário é ser-se livre e consciente de que vivemos em e na sociedade e que há pessoas que precisam de cuidados e afectos nossos, seja no plano físico mas principalmente no plano psicológico e emocional. Nunca ninguém disse que a perfeição e a justeza existem, existe sim a busca permanente delas apesar de sabermos que são de todo inatingíveis. Mesmo assim podemos sempre tentar levar a vida da melhor maneira possível e mais próxima dessa utopia.

Desde pequena que sentia que fazer algo pelos outros tinha que ser passado para o campo prático, intervir cara-a-cara com aqueles que de nós precisam, seja de um modo mais profissional ou simplesmente com um sorriso, tempo, energia e muita vontade de viver.

Comecei a fazer voluntariado desde cedo, uma meia dúzia de vezes num lar de idosos mas a minha grande paixão sempre foram os sorrisos daqueles pequenos diabretes de palmo e meio que todos os dias se levantam cedo e andam com uma enorme mochila às costas...

Assim dei por mim e estava num projecto de voluntariado da Physis que está a ser realizado no Hospital Pediátrico.

Este projecto está integrado num outro, "A Terapia da Dor", em que o objectivo principal é minimizar a dor sentida pelas crianças internadas no Hospital, recorrendo à concepção de experiências interessantes e muito acessíveis na área da Física realizadas pelas próprias crianças e quando necessário com a nossa ajuda.

Num dia em Dezembro do ano passado realizou-se a Festa de Natal do Hospital e uma das minhas tarefas era a de ir levar pequenas lembranças aos meninos que estavam internados por lá. O Chico, nome fictício, era um desses meninos. Entrei no quarto e não estava lá ninguém, nem a cama. Como não tinha a certeza a quem pertencia o quarto, não deixei prenda, encostei a porta e pus-me a caminho do próximo quarto. Entretanto a educadora que ali se encontrava viu e pediu-me para deixar algo na mesinha de cabeceira. Eu com o meu olhar perguntei-lhe porquê. "Talvez este seja o último ano que o Chico vai estar entre nós", disse. Ele foi fazer mais uma série de exames e deve estar mesmo a chegar. Eu engoli em seco, comecei a tremer, abri o saco e perguntei, "que idade tem o Chico?", ela disse, "dez anos". Um avião de papel é a melhor opção, pensei. E assim foi, lá ficou o envelope com o chupa-chupa e um avião de papel para ele construir. Mas criou-me algum desconforto não saber quem era o Chico e perguntei como é que ele era. "É grande para a idade que

tem e não tem cabelinho nenhum", respondeu a educadora.

Este tipo de vidas cria-me alguma revolta para com o mundo, continuo a não perceber muita coisa mas sei que é mesmo assim e se pudermos roubar um sorriso sincero a estes pequenos tesouros, vale por mil coisas que se possam realmente fazer ao longo da nossa vida.

Resolvi continuar a minha caminhada pelos quartos e lá fui para outra enfermaria. Quando vinha a sair de lá e a dirigir-me para a porta de saída do Hospital, deparo-me com um menino grande deitado na sua cama, enfermeiras e a sua mãe à frente a andar de costas e a falar com ele. Mãe e filho riam-se de algo com um sorriso enorme e sentido, aquele sorriso que todos temos quando estamos realmente felizes. Foi quando me deu um clique e... aquele é o Chico e a sua mãe, pensei. Fui lado-a-lado com o Chico e de repente ele olhou para mim e sorriu. Eu retribuí da mesma forma e senti-me vazia mas ao mesmo tempo cheia. Vazia por não o poder ajudar e livrar da doença oncológica, mas cheia por partilharmos ali um momento de cumplicidade e felicidade.

Saí para a rua e o ar em todo o lado era demasiado pesado. Estava a choviscar. Eu não gosto de chuva, só de me imaginar molhada fico irada. Mas pensei o quanto aquelas crianças não dariam para sair daqueles quartos e camas, correr nas poças e apanhar com aquelas

gotas de água na cara. Fui para casa a pé. A tentar arranjar sentido e explicações para coisas que simplesmente não têm essa natureza.

Só faz sentido andar aqui para ajudar quem nos rodeia, o que nos inclui a nós também. Não vivemos isolados e se pudermos partilhar o dia-a-dia com pes-

soas a quem a vida é um bocado, para não dizer grande, madrastra, é um pequeno passo para nós e um grande para eles. Ambos sentimos que estamos ali para partilhar as nossas vidas, e isso faz senti-los especiais e a nós também porque tivemos essa oportunidade. Aprendi que os faz sonhar e acreditar e isso

em mim também me faz continuar a acreditar e sonhar que talvez um dia as utopias se tornem realidade...

*Sócia da Physis
e aluna do Departamento de Física da UC





TRADIÇÕES UNIVERSITÁRIAS E PATRIMONIALIZAÇÃO POR UMA TRADIÇÃO INOVADORA

O título deste texto pode fazer supor um impulso conservador. Não é, de todo, esse ímpeto que subjaz às linhas que se seguem. Muito pelo contrário. O argumento que aqui é defendido, e o repto que com ele é lançado, assentam na ideia que as tradições e o reconhecimento formal do seu valor patrimonial podem ser a base de um progresso socialmente valorizado e desejado. No caso concreto das tradições universitárias que este texto aborda, sustenta-se que elas – se sujeitas a um processo criterioso de patrimonialização – são o suporte inevitável para assegurar a sustentabilidade cultural de uma comunidade singular e a identidade de uma cidade em busca de auto-estima. Por isso, o sentido prioritário da patrimonialização que se propõe não é o da monumentalização, da musealização ou da folclorização, mas antes o da ancoragem das tradições nas práticas quotidianas. Desse modo, pretende-se que as tradições encontrem condições para se regenerar, para que se tornam operativas no campo da transformação do presente e para que se constituam como a base que sustenta uma comunidade no tempo longo.

É tão nefasto o progresso poder ser um obstáculo intransponível e fatal para as tradições como estas pode-

rem constituir um entrave à modernização. Para as tradições universitárias analisadas, esta última vertente evidenciou durante muito tempo o peso anestesiante de um passado simbolicamente dominador e recorrentemente acusado de ser avesso ao progresso de Coimbra. Face ao duplo risco assinalado, a patrimonialização apresenta-se como uma solução desejável para vencer um dilema paralisante. A patrimonialização pode permitir ultrapassar uma situação em que não tenha forçosamente de se fazer uma opção entre o tradicional e o novo. Porque escolher a tradição contra o novo, sacrificando o progresso em seu nome, pode hipotecar o futuro. Mas escolher o novo contra a tradição, fazendo da tradição o preço a pagar pelo progresso, é colocarmos no mesmo plano daqueles que não conseguiram aprender com o passado. E quem não retira ensinamentos do passado está condenado a repeti-lo incessantemente sem grandes benefícios.

A patrimonialização das tradições universitárias, quer se faça através de formas de musealização mais ou menos organizadas e reconhecidas, quer através de formas de reificação folclórica mais ou menos espontâneas ou frívolas, tendo em vista a valorização dessas tradições como

símbolo da identificação colectiva, pode traduzir pouco mais que uma relação estética que, nas sociedades modernas e na cultura do consumo, se tende a estabelecer entre tradições e cultura. É desejável que um processo de patrimonialização não se fique por aí e que a relação entre tradição e cultura adquira não só um valor estético, mas também um valor de uso. Numa cidade que expandiu significativamente a sua área urbana nas últimas décadas, o espaço nobre das tradições universitárias viu desenvolverem-se novas centralidades e novas dinâmicas sociais que tendem a encarar a tradição como um campo que já está à margem das práticas quotidianas, mas com o qual é forçoso manter uma determinada relação. Inserida num espaço manifestamente mais amplo, uma comunidade onde a tradição universitária foi encarada, durante muito tempo, como a mais insigne das regras, como base de legitimidade, como princípio estruturante da organização social e como signo de representação exterior, pode, perante a necessidade de se pensar e de se reconhecer a si própria enquanto outra, ser tentada a adoptar uma postura tradicionalista marcada por uma nostalgia romântica, por uma mera lógica de comemoração ou por uma veneração

estética em relação à ruína. Mas a postura das novas dinâmicas face às velhas dinâmicas pode, ao invés, basear-se numa relação de desdém ou de repugnância, levando a que as tradições universitárias sejam alvo de crítica, de esquecimento deliberado, ou de uma estratégia de extinção. Nenhuma destas duas opções se afigura como desejável. Mas o conflito, não negligenciável, que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se arrisca a fazer emergir poderá ser, em última instância, balizado por estas duas posturas extremas. A primeira fechada e ensimesmada. A segunda dominada pela crença vã de ser capaz de construir um futuro risonho a partir de uma solução de tábua rasa. A patrimonialização das tradições universitárias, para ser socialmente profícua, deve fugir à mera valorização estética dessas tradições, não se confinando à opção mais fácil de querer ver reconhecido o valor patrimonial das componentes mais emblemáticas dessas tradições. Assim como deve esforçar-se por ladear os impulsos que pretendam desligar as dinâmicas que fazem o presente e que moldam o futuro da cidade das tradições que as enquadram. É esse o desafio presente da patrimonialização das tradições universitárias em Coimbra. Vale a pena recordar a fórmula amplamente difundida que afirma que o futuro sem passado é cego e que o passado sem futuro é estéril,

na medida em que ela revela que patrimonializar é um acto essencial mas que não pode nunca ser um fim em si mesmo nem, muito menos, uma forma de viver em boa consciência com o passado. As tradições a que aqui nos referimos como tradições universitárias remetem para um espaço e para práticas sociais muito sensíveis à transformação desse espaço. Por isso, o que está em causa é a utilidade social da patrimonialização para uma comunidade de geometria e de composição variáveis, nunca redutível a uma escala meramente local. O objectivo último da patrimonialização que se advoga é permitir a apropriação colectiva do que de útil tem o legado de um passado mais ou menos longínquo, mais ou menos extraordinário, mais ou menos palpável. A mera obtenção de um estatuto patrimonial, o reconhecimento formal vazio de conteúdo e de alcance, tem um interesse muito limitado se não se revestir de um carácter de utilidade para a vida quotidiana e para o futuro da cidade. A patrimonialização que se analisa tem a ver com o domínio de uma cultura vivida por uma comunidade e com o desafio da sua sustentabilidade cultural e não com o domínio de uma cultura exibida para o mercado do lazer e do turismo.

Duas perguntas breves e simples permitem-nos explanar os argumentos que acabam de ser aduzidos. O que são tradições universitárias? Porque

devem essas tradições ser patrimonializadas?

POR UMA TRADIÇÃO REVELADORA

Nas sociedades em que vivemos, as tradições tendem a ser resumidas aos seus aspectos mais mediáticos, mais celebrativos, mais fugazes, ou mais folclóricos. No concorrido mercado das tradições que se tem vindo a constituir nas sociedades de consumo, onde cada forma de manifestação cultural se procura apresentar como a mais autêntica e a mais exuberante, a folclorização e a vulgarização das tradições são riscos eminentes. Daí pode resultar um risco maior, seja o da banalização instrumental, seja o do revivalismo encenado ou ainda o da conotação negativa das tradições. As tradições universitárias, como outras tradições, não estão imunes a estes riscos. Para equacionar a patrimonialização das tradições universitárias, é preciso, desde logo, exorcizar uma visão redutora, passadista ou encantadora desse tipo de tradições, de modo a que elas não se vejam confinadas às praxes académicas ou aos aspectos monumentais. As tradições universitárias, na imensa vastidão das formas em que se manifestam, agrupam modos partilhados de pensar e de agir mais ou menos padronizados e perceptíveis, mas também, e sobretudo, os referentes espaciais que enquadram

esses hábitos e costumes colectivos. Esses princípios tradicionais mantêm-se durante várias décadas como estruturantes da vida quotidiana e tendem a ser tão mais tradicionais quanto imperceptível – de tão trivializada – é a sua manifestação. E é a esses princípios, a maior parte dos quais não estão normalizados, que os indivíduos de diferentes gerações, muitas vezes inconscientemente, conformam as suas condutas, os seus percursos e os seus imaginários. A tradição resulta, por isso, da relação entre uma realidade cultural e espacial e a fabricação da sua identidade num tempo longo. Nessa medida, a tradição é um fenómeno através do qual práticas e valores culturais consolidados alimentam a promessa de continuar a conferir sentido e relevância a um modo de vida ou a uma comunidade. Numa cidade milenar com uma universidade de séculos este é um aspecto relevante. A tradição é uma espécie de memória colectiva de que falava Maurice Halbwachs. Ela permite manter com o passado uma relação contínua e ininterrupta. O espaço urbano é o suporte de transmissão dessa memória colectiva, na medida em que as características que lhe dão forma e que tornam uma comunidade distinta de outra comunidade são transmitidas por uma memória viva e não por uma memória erudita. Rituais, como as praxes de curso, as praxes de trupe, as cerimónias de doutoramento; festas, como a

Queima das Fitas ou o Cortejo da Latada; cerimónias imponentes, como a Abertura Solene das Aulas ou os doutoramentos *Honoris Causa*; edifícios, como a Biblioteca Joanina, a Capela de S. Miguel, a Sala dos Actos ou as repúblicas; todos, e cada um à sua maneira, nos remetem para o vasto campo das tradições universitárias. Mas esta dimensão mais oficial das tradições universitárias, com todas as simpatias ou aversões que possa suscitar, com todos os consensos ou discordâncias que possa gerar, não deixa de ser uma versão estereotipada dessas tradições. Se quisermos encontrar aspectos vivos de um passado longínquo moldado por tradições universitárias não temos de procurá-los forçosa e preferencialmente nos monumentos, nem tão-somente nos lugares, nem tão-pouco nos grandes momentos, mas também em aspectos singelos e banais dos modos de vida. Naquilo que, de uma maneira ou de outra, configura uma tradição, muitas vezes intangível.

Aceitando o preceito de Jean Lefèvre, segundo o qual a tradição é um progresso que teve êxito (na versão de Chesterton, a tradição é a democracia dos mortos) e que, por isso, a mais sublime das tarefas da tradição é a de devolver ao progresso a cortesia que ela lhe deve, permitindo que o progresso desponte da tradição tal como a tradição irrompeu do progresso, vale a pena destacar dois aspectos que nos

revelam o que são tradições universitárias. E que nos dão simultaneamente conta da relação que um estatuto patrimonial pode e deve manter com essas tradições.

Por um lado, a tradição é um saber que só é útil se souber ajustar-se a cada geração e a cada momento da história. Perdendo a sua capacidade de adaptação, a tradição destrói parte do seu valor instrumental e criador, ficando condenada a sair da esfera do vivido para a esfera do exibido com evidentes derivas folclorizantes. Mas mesmo que grande parte dos princípios tradicionais se vá ajustando às mudanças, a verdade é que certos aspectos tradicionais estão inevitavelmente condenados a deixar de fazer parte das práticas quotidianas. Nesses casos, formas mais convencionais de patrimonialização, como a musealização, por exemplo, são possíveis e desejáveis, de modo a reforçar o sentido de continuidade. Instrumentos e objectos de ensino e de aprendizagem, artefactos das práticas académicas formais e informais, formas diversas de expressão de uma identidade e de um espírito de colectividade, espaços ligados à organização e manifestação das práticas sociais dos agentes da academia, não fazendo já parte do quotidiano das tradições universitárias, são essenciais para consolidar o sentimento de sustentabilidade cultural de uma comunidade. Porém, porque é essa a sua missão sublime, para se adequarem e continuarem a

moldar as práticas quotidianas é necessário que as tradições saibam ser fiéis a elas próprias, sem deixarem de ser permeáveis às dinâmicas dos tempos que correm.

Por outro lado, é conveniente não perder de vista que o progresso de Jean Lefèvre, e todo o progresso em geral, tem o seu preço. Assim como a democracia de Chesterton tem os seus aspectos sórdidos. Nesse sentido, é forçoso reconhecer que a tradição não é apenas feita de esperanças activas e contumazes. Mas que, nas acções de depuração que permitem a sua consolidação, as tradições são também feitas de lutas e de violências. As tradições são uma espécie de memória colectiva exactamente na medida em que se apresentam como a matéria-prima necessária para que se possa fazer do futuro algo de menos cruel que o passado. Neste aspecto, as acções de patrimonialização devem dirigir-se especificamente ao espaço urbano. Porque é sobretudo aí que a memória colectiva está inscrita. É aí que ela, glorificando certos episódios ou permitindo lembrar outros menos dignificantes, se mantém viva, funcionando como consciência crítica do passado e como uma promessa de futuro.

Patrimonializar para assegurar a sustentabilidade cultural.

Recorrendo de novo a um preceito de Jean Lefèvre, poder-se-á dizer que a patrimonialização das tradições universitárias tem de basear-se no princípio que não há um único

grande projecto que não manifeste antes de tudo fidelidade ao passado, assim como não há uma única grande recordação que não transporte consigo uma promessa qualquer. Uma cidade como Coimbra não pode viver de grandes recordações se elas não forem simultaneamente um ingrediente de um projecto que transporte consigo uma promessa. Patrimonializar as tradições universitárias é um projecto maior na medida em que permite reconhecer a importância de um legado ancestral para a sustentabilidade cultural de uma comunidade, mas também porque esse reconhecimento transporta com ele a esperança de reconciliar a cidade com ela própria e com o seu passado.

Coimbra dá de si própria uma imagem de cidade dual e dividida. Dividida entre a Alta erudita amarrada à Academia, com a Universidade a ocupar o topo da colina e as repúblicas a reforçarem o poder simbólico dominante, e a Baixa popular aliçada no comércio e nos serviços. Dividida, pelo Mondego, entre a margem direita e margem esquerda. Dividida socialmente entre doutores e futricas com consequências evidentes na cadência da cidade e na segregação dos seus espaços. Dividida entre um centro histórico que se estende da Alta à Baixa e as áreas urbanas recentes em constante e rápida expansão. Dividida e dispersa em pólos universitários que acompanham o crescimento da malha

urbana. Dividida por ser muitas vezes encarada como cidade que divide, na medida em que se converte como um local de passagem onde se fica uns anos até os estudos acabarem. Na sua marca de cidade que tem mais encanto na hora da despedida, Coimbra alimenta um sem número de memórias individuais sem que o somatório delas seja capaz de dar forma a uma personalidade colectiva que se converta numa base inequívoca de sustentabilidade cultural.

Patrimonializar as tradições universitárias pode ser a pedra de toque para avivar e consolidar essa personalidade colectiva e para ajudar a cidade dividida a tornar-se uma cidade unida. Um processo de patrimonialização torna-se necessário para evitar um relacionamento fugaz e inoperante com as tradições e para construir uma relação funcional e criativa entre tradições e cultura. As tradições, acima de tudo, para se tornarem um catalisador da comunidade local, têm de ser percebidas como um processo e não como acontecimentos ou objectos quase isolados e localizados que emergem como que *ex nihil*. Sendo um centro de difusão do saber que se estende ao país e ao mundo, por onde passaram grandes vultos da história portuguesa, Coimbra tem de oferecer a quem nela habita e a quem aí busca uma formação de nível superior o sentimento e a possibilidade de se tornar parte efectiva de uma

comunidade cultural secular. Sem essa possibilidade, as tradições universitárias não serão mais que um momento, uma forma sem conteúdo ou um projecto meramente pessoal passível de todas as formas de banalização.

Por isso é necessário que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se estenda ao espaço urbano, designadamente à Alta da cidade. Não, como acontece em muitos casos, para que o reconhecimento patrimonial venha consagrar um não-lugar e uma margem que já teve uma importância elevada e central no passado, mas pela relevância que esse reconhecimento pode ter para o presente e para o futuro da cidade. A Alta não é apenas um lugar nem um centro à espera que lhe seja prestado um tributo. Deve, pelo contrário, ser encarada como um hiperlugar e um hipercentro, na medida em que tem de aspirar a ser simultaneamente um lugar, uma apropriação e uma prática colectiva de práticas sociais extraordinárias que assumam uma certa dimensão venerável e espectacular. Mais do que remeter para a esfera íntima ou para práticas quotidianas ordinárias que a aproximariam de outros centros da cidade, a Alta deve ser capaz de suscitar um investimento colectivo. Um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve levar ao reconhecimento da Alta como invólucro e como cerne dessas tradições, no sentido de a afirmar

como base necessária para assegurar a sustentabilidade cultural de Coimbra. Uma patrimonialização desta natureza é passível de converter a Alta em protótipo da vida urbana e de a tornar um lugar exemplar, de modo a que possa simbolizar uma promessa de futuro diferente para a cidade. Por essa via, patrimonializada enquanto suporte de transmissão de uma memória e de uma personalidade colectiva, a Alta participa no desígnio maior de uma comunidade cultural. Ou seja, a capacidade de uma comunidade em criar e em manter lugares de centralidade que possam ser propostos aos locais e aos estranhos como lugares a admirar e a venerar.

Além disso, os hiperlugares devem procurar tornar-se uma referência não só para a comunidade local mas também para a humanidade, porque essa é uma condição necessária para fazer emergir localmente a auto-estima que anima toda e qualquer comunidade cultural. Por isso, um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve estar orientado para assegurar a sustentabilidade do espaço urbano que enquadra e dá forma a essas tradições.

Nesta perspectiva, o rumo recente da Alta, previsivelmente agravado num futuro próximo pela deslocalização de faculdades e de estudantes, configura uma situação de risco passível de impedir a germinação de uma relação simbiótica forte entre

patrimonialização e tradições universitárias. A promessa de um futuro diferente, que um projecto baseado na patrimonialização de uma grande recordação do passado pode transportar consigo, é a promessa de confirmar a sustentabilidade cultural da Alta. Acções que assegurem um equilíbrio entre a função residencial e a função de lazer, que concretizem uma possibilidade de gestão integrada de equipamentos turísticos e culturais, que permitam que a Alta funcione como espaço de criatividade artística, que conduzam ao seu desenvolvimento como centro de florescimento empresarial para jovens, que tomem possível a disponibilização de serviços altamente competitivos para a comunidade académica, que facilitem a mobilidade e o acesso à Alta, afiguram-se como prioritárias para que os laços entre as tradições universitárias e uma cultura vivida e sentida não definham.

Porque a Alta transporta e simboliza os signos de uma recordação maior é desejável que ela transporte também os germes de uma esperança audaz. Resta-nos, por isso, formular o desejo de que se cumpra o sentimento expresso por Jean Jaurès a respeito do poder criador das tradições. “Ser fiel à tradição, é ser fiel à chama e não à cinza”.



Entrevista a
António Galopim de Carvalho

António Galopim de Carvalho “Portugal é um país de faz-de-conta”

A escadaria carunchosa serpenteia pelos patamares de paredes descascadas. Numa das salas do edifício anexo ao Museu Nacional de História Natural de Lisboa (MNHN), estantes ferrugentas abraçam a mesa de madeira onde o geólogo António Galopim de Carvalho, de 75 anos, rabisca à mão um maço de folhas escritas a computador.

Pede tempo para acabar o trabalho, o mais recente de 45 anos de combate em prol da ciência. Dois minutos depois está pronto. Fala baixo, a voz trémula. A mão em concha junto à têmpora esquerda faz o que o ouvido já não é capaz. Começam as questões. O tom de voz aumenta, os braços orquestram as respostas. Duas perguntas depois, já o tampo da mesa salta por debaixo dos punhos do defensor das pegadas de dinossauros. Disseca o “país de faz-de-conta” onde escolheu viver, Portugal.

R·L *Como despertou para a ciência?*

A.G.C. Aos 16 anos tive um professor que ensinava Geologia com muito entusiasmo. Pôs-nos a trabalhar no laboratório e a ir buscar rochas ao campo. Fizemos uma colecção de rochas e minerais e essa semente ficou-me.

R·L *Gostava da escola?*

A.G.C. Não. Nunca fui bom aluno.

R·L *Porquê?*

A.G.C. Só entrei para a escola na 3.^a classe. A minha mãe ensinou-me a ler em casa e, como ia mal preparado, estampeimei-me. A escola tinha má fama porque batiam muito. Nem tanto ao

mar, nem tanto à terra. Hoje, então, é o laxismo absoluto.

R·L *Por que é que diz isso?*

A.G.C. Com o 25 de Abril, o receio de um certo conservadorismo ou de um prolongamento do regime repressivo do passado fez com que se excedesse em liberdade. Os meninos não podem ser maltratados nem repreendidos. A educação tem sempre de ser repressiva.

R·L *A que se refere?*

A.G.C. Reprimir é ir contra a crença do outro onde é necessário. Mas o Ministério tirou a autoridade aos professores, porque autoridade era autoritarismo e o autoritarismo era fascista. Então, caiu--se no extremo oposto.

R·L *Inscreveu-se em Biologia, mas desistiu.*

A.G.C. Queria Geologia, mas o meu pai entendia que não tinha futuro. Ninguém sabia o que era a Geologia e hoje também praticamente ninguém sabe. Fui para Biologia e estampeimei-me. Os meus pais ficaram muito incomodados e disseram-me: “Se não queres estudar, vais trabalhar”. Estive três anos na tropa e só depois de casado e empregado é que me matriculei em Geologia. Fiz o curso em três anos e fui aluno de 18 e 19.

R·L *No relatório de avaliação do serviço militar disseram que não lhe poderiam ser atribuídas tarefas que exigissem discernimento mental.*

A.G.C. Fui um péssimo militar, por resistência. Não sou contra a instituição militar, mas sou antimilitarista.

R·L *Porquê?*

A.G.C. O militarismo é uma espécie de marialvismo enfiado. Fiz a tropa em tempo de paz, com marchas, botas engraxadas, amarelos polidos, cabelo muito bem cortado, fato impecável, continências muito bem batidas, espinha dobrada. Detestei.

R·L *Manifestava esse desagrado?*

A.G.C. Sim. Como cadete, tive zero em disciplina e em aprumo militar. No estágio, em 120, fui o 8.º a contar do fim.

R·L *Apesar da má experiência na escola, acabou por se tornar professor.*

A.G.C. A minha má experiência como aluno foi para mim a melhor experiência como professor, porque percebi como é que se devem tratar os alunos.

R·L *Como é que os tratava?*

A.G.C. Com afecto de tal maneira grande que, quando se iam embora e vinham os do 1.º ano, sentia uma certa raiva e dizia: “Por que é que estes tipos agora vêm aqui ocupar o lugar daqueles que se foram embora?”.

R·L *Aprendeu algo com os alunos?*

A.G.C. As relações humanas, sobretudo. As nossas aulas eram uma conversa e, de vez em quando, falávamos de Geologia. Nos exames, não perguntava e ficava calado à espera. Começava a dissertar sobre um assunto e o aluno ou pegava na conversa ou não pegava. Se não o fizesse, eu ia falando e, quando chegava ao fim do exame, dizia “Mas

tu afinal não sabes nada. Depois voltas cá em Outubro”.

R•L *Como é que os outros professores encaravam essa forma de ensino?*

A.G.C. Não sei.

R•L *Há pouco disse que há laxismo excessivo na educação. Que outros problemas existem?*

A.G.C. O ensino era intensivo, com o uso, quase abuso, do esforço da memória. Hoje não. Não exercitar a memória para as funções cerebrais é o mesmo que não exercitar os músculos para as físicas. Mas o problema vem de cima. O Ministério nem sempre tem estado acompanhado dos pedagogos mais indicados para conduzir o sistema educativo. Veja-se agora o ensino do Português. Reformularam todos aqueles conceitos que a gente tinha. Estão a fazer perder tempo às crianças com meia dúzia de coisas que só interessam mais tarde aos linguistas, quando não se lhes ensina a falar e a escrever português. Desde o Veiga Simão [Ministro da Educação Nacional entre 1970 e 1974] que o ensino nunca mais prestou. Os estudantes têm estado a ser infantilizados. Não há uma cultura de exigência. As noções de responsabilidade e esforço diário não existem em Portugal.

R•L *Mas não devem ser os professores a inculcar isso?*

A.G.C. Há uma geração que foi mal preparada pela universidade. Estão a preparar muito mal os licenciados no ramo de ensino. Muitas vezes podem ser muito bons na Física, na Química ou na Matemática, mas não aprenderam praticamente nada em termos de Pedagogia e de Didáctica. A instrução primária e o

liceu eram mais exigentes e com melhores resultados. O problema era que, como existia um sistema repressivo, o professor que castigasse os alunos não era mal visto.

R•L *Como é que viveu a ditadura?*

A.G.C. [Risos] Agora não se pode avaliar o que foi. Entre os 17 e os 44 anos, eu ia falar com um colega e ele dizia-me: “Olha aquele contínuo é da PIDE, cuidado não digas isto, leva este papel ao fulano tal”. E ficava toda a noite com medo de ter tido um papel no bolso.

R•L *Era crítico do regime?*

A.G.C. Sempre.

R•L *Combateu-o?*

A.G.C. Dava a minha perminha. Transmitti informações secretas, mas nunca peguei em armas.

R•L *Nunca participou activamente na política.*

A.G.C. Lutei pela liberdade, mas não em guerras partidárias. Sou um homem de esquerda, democrata, portanto, que entende que todos têm direito à palavra. É uma grande divergência que tenho em relação ao Partido Comunista. De resto, sinto-me melhor com as classes populares do que com as eruditas. Não convivo bem com o elitismo universitário. Na Universidade de Lisboa vivemos muito de fardas e de cerimónias, de pompas e circunstâncias. E, afinal, a expressão da universidade não é a farda, mas o valor intelectual.

R•L *E as elites convivem bem consigo?*

A.G.C. Sim. Uma coisa é o afecto que tenho em relação às pessoas, outra coisa é concordar ou não com modos de viver:

R•L *Como foi despedir-se da docência?*

A.G.C. A minha foi a última lição mais concorrida da história da universidade, 1200 pessoas assistiram. Foi uma aula sobre Geologia e sociedade.

R•L *Qual é a relação entre ambas?*

A.G.C. [Risos] Tudo o que está aqui à nossa volta depende do substrato onde depois pomos os pés, quer seja o ferro, o vidro ou o cimento, ou mesmo a madeira, porque a árvore não existia se não houvesse solo e rochas. A Geologia é a ciência que estuda esse primórdio da vida sobre a Terra e infelizmente está muito mal tratada no nosso sistema de ensino.

R•L *Porquê?*

A.G.C. Por ignorância dos governantes.

R•L *A que se deve essa ignorância?*

A.G.C. É uma questão de atraso de civilização. Portugal é um país de faz-de-conta. Andamos a brincar. Se me disserem que é por causa da religião católica, não me parece, porque há países católicos que estão desenvolvidos, como a França. Foi por causa da Inquisição? A Inquisição também esteve em Espanha. Foi o fascismo? A Alemanha, a Itália e a Espanha tiveram mais fascismo que nós. Deve ser da nossa alma lusitana. Portugal vai salvar-se quando a Europa nos absorver.

R•L *É europeísta?*

A.G.C. Sou. Se não fosse a Europa estávamos de tanga.

R•L *Se entende que Portugal é um “país de faz-de-conta”, por que é que não emigrou?*

A.G.C. Estive em França três anos. Podia ter lá ficado, mas não quis.

R•L *Porquê?*

A.G.C. Gosto do nosso sol, dos espaços, das pessoas, da arquitectura, do campo, da cultura e da gastronomia.

R•L *Como se pode reverter o atraso do país?*

A.G.C. Não tenho cultura política para ter uma opinião. Pressinto, e às vezes desperto uma certa falta de simpatia, que o primeiro-ministro está a querer fazer aquilo que ninguém foi capaz. Mas devia olhar para educação. Há muita coisa que se podia mudar que não custa dinheiro.

R•L *O quê?*

A.G.C. Os programas, a autoridade dos professores, uma porção de coisas. Também se podia usar a televisão pública para dar educação cívica, que é o que o não há. O português continua a cuspir no chão, a levar o cão a defecar na rua, a deitar papéis para o chão, a fingir o parceiro da frente na lista de espera do hospital. Depois do 25 de Abril, nunca se utilizou a televisão para elevar culturalmente e em termos de cidadania o português.

R•L *Não gosta da televisão de hoje?*

A.G.C. Tirando meia dúzia de programas, não presta. Mas o panorama não é só nosso. A televisão produz embalagens para fornecimento público, porque quer ganhar dinheiro.

R•L *Mas em entrevistas disse que a comunicação social é uma aliada. Até já colaborou em programas televisivos.*

A.G.C. Faço a distinção entre as televisões do Estado, que têm uma função pública, e as privadas, que têm uma

função industrial e comercial e que, como vivemos em liberdade, podem fazer o que quiserem. Mas, por que é que a televisão pública tem de competir economicamente com as outras? Se o Estado já cobra impostos para tanta coisa, que cobre mais uns tantos para que se prescindia da publicidade ou que seja feita de forma mais suave. Mas que arranje programas que ensinem o português a ser gente.

R•L *Ele ia aderir?*

A.G.C. Sim. Quando fazem uma campanha qualquer, ou para a aquisição de fundos ou para salvar Timor ou contra o tabaco, as pessoas aderem.

R•L *E seria suficiente?*

A.G.C. Não sei, mas era melhor do que aquilo que se fez, que não foi nada.

R•L *Há pouco disse que a classe política era ignorante relativamente à Geologia.*

A.G.C. A ignorância dos temas geológicos grassa de uma maneira geral na população portuguesa e os governantes estão dentro desta situação de grande incultura geológica.

R•L *Por que é que se deve saber Geologia?*

A.G.C. Por que é que se deve saber História de Portugal e não se há-de saber História da Terra? Saber por saber é tão importante em qualquer ramo. Se o povo português soubesse Geologia, quando falava da co-incineração sabia do que estava a falar. E, afinal, há um grupo político que é contra e um que é a favor.

R•L *É contra ou a favor?*

A.G.C. A favor, porque não tem os riscos que a oposição diz.

R•L *A questão não está suficientemente clara aos olhos do público?*

A.G.C. Não é estranho haver duas comissões científicas, uma independente e outra feita por pessoas de Coimbra, que vêm ao terreno lutar pela co-incineração? Mil vezes piores são os escapes dos automóveis.

R•L *A co-incineração parece-lhe uma solução viável.*

A.G.C. Provavelmente, para a pequeníssima quantidade de resíduos tóxicos que produzimos, esse tipo de tratamento é o mais viável. Ainda somos um paraíso ecológico na Europa devido ao nosso atraso e não à nossa ética.

R•L *Se é uma solução óbvia, por que é que a questão se dilui na luta entre facções?*

A.G.C. O mundo político é a capacidade do grupo que está contra outro de demonstrar por "a" mais "b" que aquele está errado. Mas só há uma verdade e está no campo científico, só que este ou é manipulado pelos grupos partidários, ou está alheio e não intervém, ou não tem voz.

R•L *Porquê?*

A.G.C. Provavelmente não tem os meios de comunicação social que os políticos têm.

R•L *Mas fez uso dos meios de comunicação social para defender as pegadas de dinossauro de Carenque.*

A.G.C. Aí está a ignorância do professor Cavaco Silva, do Pacheco Pereira e do Miguel Sousa Tavares em termos de Geologia e Paleontologia. Sempre se bateram contra o meu interesse em defender as jazidas com pegadas. São pessoas altamente intelectualizadas, mas

altamente ignorantes do problema. Por que é que defendem o património histórico e não o património natural? Porque não sabem qual é o valor cultural dele. Uma rocha, por mais simples que seja, é um documento de um acontecimento. Mas estas preocupações deste mundo muito restrito das Ciências da Terra não estão no coração de quem as não estudou.

R·L *Então por que é que a jazida foi salva?*

A.G.C. Tiveram receio de estragar uma coisa que já estava marcada por toda a gente como importante. Os estrangeiros vinham cá e diziam: “Então mas vocês vão estragar isto que nós lá fora conservamos e salvamos?”. Foi por vergonha. Mas fui eu que criei essa onda nacional, porque consegui pôr os meios de comunicação do meu lado.

R·L *Carenque foi salvo, mas não é visitável.*

A.G.C. Já lá vão 20 anos e nunca consegui que qualquer outro governo ou que a Câmara de Sintra [CMS] gastasse o que é necessário para pôr aquilo visitável. A água já deve estar a fazer os seus estragos, mas continuo a lutar. Ainda noutro dia estive com o presidente da CMS, que diz que a questão não está esquecida, mas que agora com as dificuldades financeiras que há, a coisa não anda. No entanto, continuo a pensar que, se houvesse uma cultura geológica enraizada em Portugal, havia interesse em fazê-lo.

R·L *Mas a luta pelas jazidas deu frutos.*

A.G.C. Quando salvei as pegadas da Pedreira do Galinha na Serra de Aire era primeiro-ministro o Guterres, que

teve sensibilidade, porque é engenheiro de formação, e a ministra do Ambiente, a Elisa Ferreira, era uma entusiasta, por isso arranjou-se o dinheiro. Se fossem insensíveis, as pegadas desapareciam transformadas em brita.

R·L *Foi director do Museu Nacional de História Natural (MNHN) entre 1992 e 2003.*

A.G.C. Entre 1983 a 1992 fui apenas director do Museu Mineralógico e Geológico. Depois, com o estatuto do novo MNHN, tinha de haver um director geral e então escolheram-me. Quando me jubilei em 2001, o reitor pediu-me para continuar e ainda o fiz, mas depois apeteceu-me sair.

R·L *Como foi ser director do MNHN?*

A.G.C. Foi bom. Foi sempre uma direcção muito participada, com um director que não é elitista. Falávamos de tudo o que era preciso, mas com muito afecto.

R·L *O que de mais positivo tirou dessa experiência?*

A.G.C. O enriquecimento humano e o serviço prestado. O museu pode gabar-se de ter prestado um serviço bom. Saiu do anonimato total. Herdei-o a seguir ao incêndio [de 1978] e não havia nada. Teve de renascer e sobretudo chamar público. Hoje quando o museu faz uma feira, vão milhares de pessoas.

R·L *Como era o financiamento?*

A.G.C. Muito mau. A partir de certa altura auto-financiámo-nos.

R·L *Como?*

A.G.C. Através das exposições. O orçamento sempre foi muito pequenino, era ainda o de 1985. Agora até é menos. Só há dinheiro para pagar os vencimentos.

Quando uma grande exposição de dinossauros mecânicos veio cá em 1992, as câmaras estavam cheias de dinheiro e os autocarros delas chegavam a vir aqui três a quatro vezes por semana com as escolas. Tivemos 360 mil pessoas em 11 semanas. Fizemos 84 mil contos de bilheteira, mas pagámos a Londres metade. Se tivéssemos dinheiro à partida tínhamos alugado a exposição por 18 mil contos.

R·L *Como foi gasto o dinheiro?*

A.G.C. Construímos um anfiteatro, comprámos duas viaturas e fizemos durante anos e anos aquilo que o orçamento geral do Estado não deixou, como investigação e mandar bolseiros para fora.

R·L *Se as pessoas são ignorantes em termos de Geologia, como explica que tenham aderido à iniciativa?*

A.G.C. Foram as escolas. Os pais vinham por causa das crianças. As que viram essa exposição ficaram para sempre ligadas ao processo. Muitas delas são hoje alunos das licenciaturas de Geologia.

R·L *Por que é que as pessoas se interessam por dinossauros?*

A.G.C. A primeira vez que se falou nos dinossauros foi em 1841. O que é dinossauro? “Dinos”, terrível, “Sauros”, lagarto, porque em Inglaterra se tinha encontrado partes de esqueletos de grandes dimensões que eram atribuíveis a répteis. E um lagarto de 10/12 metros era uma coisa terrível, medonha. Hoje estamos a viver a época romântica e daí todo o fascínio de algo desconhecido, de algo que existiu e que já não existe.

R·L *Quando é que se interessou por esse tema?*

A.G.C. Nunca tinha estudado dinossauros e, quando foi preciso lutar por

Carenque, tive de começar a falar na rádio, nos jornais e na televisão, e a fazer palestras em muitas escolas do país. Naqueles três ou quatro anos ia estudando e escrevi livros de divulgação para as crianças e para os adolescentes. Não sou um paleontólogo de dinossauros. Nunca fui, nem quero ser.

R·L *Que outras áreas o fascinam na Geologia?*

A.G.C. Trabalhei sempre num problema que é o da relação que há entre a evolução do relevo e a deposição das rochas sedimentares. Os materiais que a erosão leva vão-se depositando em camadas sucessivas nas zonas baixas à medida que o relevo se destrói. A Serra da Estrela já não é aquilo que era, mas os seus sedimentos estão na bacia do Mondego, na Cova da Beira, na Beira Baixa. No fundo, é estudar nos sedimentos a evolução do relevo

R·L *Por que razão estuda esse tema?*

A.G.C. Sobretudo pelo interesse pelo conhecimento. Ao estudar o fundamental, o saber pelo saber, acabei por descobrir coisas que depois mostraram ter interesse de aplicação, nomeadamente materiais, como tipos de argilas, que têm utilizações especiais. A ciência fundamental vai à frente, mas no rasto desse trabalho vão ficando conhecimentos dos quais outras pessoas interessadas em Geologia aplicada conseguem tirar utilidade.

R·L *Disse que o Orçamento de Estado (OE) não permitiu, entre outras coisas, fazer investigação. Como está o museu agora?*

A.G.C. Muito mal. Não tem dinheiro. Fez-se uma exposição dos dinossauros

com penas e, como temia, sofreu a crise, porque o nosso grande público é as escolas, e as câmaras não cediam autocarros. As crianças tinham de pagar a viagem e nem todas podem fazê-lo.

R·L *Qual o estado da ciência portuguesa?*

A.G.C. Está a desabrochar e o ministro Mariano Gago tem grande papel nisso.

R·L *Porquê?*

A.G.C. É a pessoa certa no lugar certo. No OE para 2007, é o único Ministério que aumentou substancialmente as verbas. Não é por acaso, nem por visão de outros governantes, mas porque ele mostrou à sociedade que é fundamental que se invista na ciência.

R·L *Mas o investimento do OE na educação, inclusive no ensino superior, e na cultura decresceu.*

A.G.C. Pois. É o problema da conjuntura. Pode ser que o museu obtenha através da ciência o dinheiro que não consegue através do ensino superior.

R·L *Disse há pouco que não lhe apeteceu continuar na direcção do museu. Porquê?*

A.G.C. A responsabilidade administrativa ocupa muito tempo e eu queria fazer outras coisas. Também já deixei os projectos de investigação. Tenho escrito livros e estou a trabalhar num dicionário de Geologia.

R·L *Continua ligado ao museu.*

A.G.C. Sou voluntário. Mantenho a ligação com os projectos de musealização do património natural. Estamos a construir o Museu do Quartzo em Viseu, uma iniciativa que comecei e que continuo a assegurar. Já passou as fases mais

díficeis. Está a construir-se o edifício com dinheiros da câmara e fundos que se conseguiram no Ministério da Ciência.

R·L *Disse que escreve. Tem livros publicados, inclusive de ficção.*

A.G.C. É um prazer. Às cinco, seis da manhã acordo com uma ideia que quero passar a escrito.

R·L *Também se dedicou à pintura e à escultura.*

A.G.C. Sim, mas desde que comecei a escrever, deixei de ter necessidade de pintar ou de desenhar. Também faço carpintarias, coisas de velho, e invento receitas.

R·L *Quais são os seus projectos de futuro?*

A.G.C. Com 75 anos a gente pensa que se durar mais cinco não é mau. Portanto, tirando o apoio que estou a dar a autarquias como Évora, Sesimbra, Sintra e Viseu, como forma de contribuir para a valorização ou salvaguarda do património natural, a minha ocupação é fundamentalmente escrever.

R·L *Qual acha que é o seu maior contributo?*

A.G.C. Há pessoas que são receptores universais e que dão muito pouco para aquilo que receberam. Eu considero-me um receptor/emissor, porque tudo o que aprendo acabo por passar a outrem sob a forma escrita ou falada.



Ilha do Fogo: o “spritu de burcan” (espírito do vulcão)

A Ilha do Fogo, vista num mapa, tem a forma de um ovo estrelado, com a gema ocupada por uma ampla cratera de um vulcão antigo, a partir da qual outra erupção fez ressaltar um cone vulcânico que atinge 2829 metros de altitude – o Pico do Fogo.

A cidade mais importante – São Filipe – fica a escassos vinte minutos de avião da Praia, capital da República de Cabo Verde. Com cerca de 6500 habitantes, a cidade, que conserva a memória dos tempos coloniais nas fachadas coloridas dos sobrados com varandas de madeira recortada, é a porta de entrada para a estrada que sobe para a cratera principal, cuja área foi classificada recentemente como Parque Natural do Fogo. Neste planalto negro e árido, implantado a uma cota que ronda os 1800 metros de altitude, cercado no lado oeste pela Bordeira, o bordo em meia-lua da grande cratera, vive o povo da Chã das Caldeiras, que parece ter sido ali deixado por uma qualquer nave espacial, que confundiu aquela paisagem com a da Lua. E o engano é compreensível.

O POVO DA CHÃ

Em Monte Cruz, a cerca de trinta quilómetros a este de São Filipe, uma curva apertada anuncia-nos a

entrada do Parque. De repente, o grande vulcão negro ergue-se, silencioso, à nossa frente, emudecendo-nos a alma com a sua beleza e porte. Uma placa de madeira, de *design* apurado, exhibe “Parque Natural do Fogo”, e à sombra dela deparamo-nos com um grupo de crianças alouradas, de tabuleiros de madeira à cabeça, que se precipitam para nós para nos venderem artesanato feito em lava. Olham-nos com receio, habituadas à indiferença dos turistas germanófilos que por ali passam, mas o sorriso triste adoça-se, quando lhes falamos em português, e escancara-se completamente, depois de lhes oferecermos rebuçados.

A surpresa é grande. Não estão habituadas a que falem com elas, e muito menos a serem presenteadas com algo. A vida na Chã é um desafio diário à sobrevivência e ali, as crianças, são-no por pouco tempo. Mal aprendem a andar, começam a trabalhar: carregam lenha, carregam água, carregam comida para os animais, carregam o tabuleiro com cristais de enxofre que vendem aos turistas por um euro. A infância não é um direito para as crianças da Chã, de olhos claros e tez morena, crestadas pelo sol escaldante do dia e pelo frio cortante da noite. Ter um rádio a pilhas é um luxo, mas só para algumas.

Ao longo da estrada de cerca de dez quilómetros que atravessa a cratera no sentido norte-sul, mais crianças

se precipitam à nossa passagem e a notícia de que tínhamos “carrame-los” fez surgir do nada a imensa criança que vive na Chã, onde não há médico nem enfermeiro, somente uma Unidade Sanitária de Base, a que um agente, vindo de São Filipe, se desloca uma vez por mês. Em caso de doença, a população recorre ao chá de Cravo-Brabo, uma espécie endémica, e à magia dos cristais de enxofre do vulcão. Garantem que tudo cura, menos a morte.

O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

As crianças proliferam na Chã. Na estrada, nos telhados toscos dos casebres, atrás dos morros de lava solidificada, de qualquer lado se ergue uma cabeça de caracóis alourados. O “Fatinho” é o pai da maior parte delas. De nome verdadeiro Caetano Veloso, tem 44 anos e 40 filhos de sete mulheres diferentes. De sorriso matreiro, sob uns olhos pestanudos da cor do mel, vive actualmente só com três, que se distribuem por outras tantas casas de blocos de lava, paralelas à estrada que liga a Portela à Bangoeira. Leva a dianteira relativamente a outros homens da Chã que, em média, contam com mais de 25 filhos cada. Alimentam-se a partir de um solo vulcânico árido onde, por milagre, se

produz feijão-congo, vinho, aguardente, café e até couve portuguesa. Os agricultores associaram-se e, com a ajuda de uma ONG italiana, fundaram a Cooperativa de Vinhos Chãs da Caldeira, que vende localmente e distribui para todo o país o famoso vinho do Fogo. Chove uma vez por ano, e as águas pluviais são recolhidas em cisternas semeadas nas vertentes da Bordeira. Não existe electricidade e as poucas casas que praticam turismo de habitação possuem geradores que funcionam a partir das oito da noite até ao momento dos turistas se deitarem. A estas casas acorrem os locais para verem os jogos do Benfica na televisão, dar dois dedos de prosa e embalarem a solidão com mornas e coladeras de improviso. É o caso da residência de Marimarse, uma mulata delgada com anéis de ouro em todos os dedos das mãos, que desde há seis anos mantém uma relação “casa-separa” com o francês Patrick, proprietário da “Pedra Brabo”, a única pensão da Chã, e que nos surpreende com jantares de deuses. Garopa com molho de natas e estragão ou banana *flambé* são apenas alguns dos pitéus com que aqui, em pleno deserto de cinza, podemos ser brindados. O pasmo é inevitável, atendendo a que, por estes lados, se toma banho de água gelada à baldada, a maior parte das vezes à luz de velas. O encantamento acontece quando perscrutamos o vulcão sob os últimos raios de luz: o monstro negro exhibe um cume alaranjado e despede-se, com uma tranquilidade inquietante, até ao dia seguinte.

FILÓSOFOS DA CRATERA

Manuel Montrond tem 76 anos disfarçados numa tez morena e lisa, com um fio de bigode branco na ponta do lábio superior. Bisneto de franceses, descende de uma das quatro famílias que, em 1917, se instalaram nas terras inóspitas da Chã das Caldeiras, hoje com pouco mais de um milhar de residentes, dispersos pelos dois aglomerados contíguos: Portela e Bangaieira.

Assistiu a duas erupções, em 1951 e em 1995, e afirma não ter qualquer receio em viver numa cratera vulcânica. “O vulcão é mais amigo do Homem, do que o Homem é amigo dele”, afirma com ar filosófico, e acrescenta “Ele avisa 15 dias antes da erupção, para podermos sair da Chã”. Para ele, os sintomas de iminência de uma erupção são claros: primeiro sente-se um movimento tranquilo, quatro a cinco vezes ao dia, que vai aumentando todos os dias, até se ouvir um ruído semelhante ao da chegada de um homem embriagado numa mota, que desata a bater à porta de casa. “É um barulho igual ao amor de um rapaz por uma rapariga”, explica.

Fez a 3ª classe nos tempos coloniais, dos quais manifesta saudade, muito em surdina. “Eram tempos em que um homem sentia vergonha debaixo dos cabelos da cara”, desabafa. E queixa-se do abandono a que está votado o povo da Chã, que nem em campanhas eleitorais merece a visita dos candidatos. “Podiam, ao menos, vir cá a cima e mentir, sempre dava algum conforto”, reclama. E acrescenta, referin-

do-se à hora da morte: “Vou fazer esta crítica, até que o fogo saia do meu corpo”.

Silvino Montrond tem 25 anos e é sobrinho-neto de Manuel Montrond, uma família que já vai na sétima geração. Assistiu à erupção de 1995, que destruiu as povoações de Boca Fonte e Monte Beco, e descreve-a como o espectáculo da sua vida. A curiosidade que então sentiu sobre a origem de tal fenómeno guiou-o para a licenciatura em geologia, que está prestes a terminar no Instituto Superior de Educação na Praia. O seu maior sonho era escalar o Everest, conhecer os Açores, viajar em Marrocos. Para já, contenta-se em conhecer o mundo através da Internet. Um dia, quem sabe, poderá vir a Portugal e conhecer a Universidade de Coimbra.

Vera Alfama, que estava no Fogo em 95, no âmbito de uma visita de estudo, assistiu à inesperada erupção e, desde então, ficou cativa da magia do Fogo. Hoje é professora de Silvino e está a terminar uma tese de mestrado sobre o património geológico da ilha, e é ela quem nos guia pelo sítios de interesse geológico do Parque Natural. Sonha poder contribuir para a valorização da região, divulgando o seu trabalho para o mundo português, e estimulando as autoridades locais a desenvolverem projectos que envolvam as comunidades da Chã no turismo de habitação. Mas a tarefa não é fácil. O recém-nomeado director do Parque, Alexandre Rodrigues, não dispõe de instalações, nem de recursos humanos ou financeiros. O regulamento também não está aprovado,



e todo o investimento no parque é feito pela cooperação alemã, como e onde quer.

Berthold Seibert, consultor principal da empresa alemã GOPA, falamos nos projectos futuros: construir trilhos para os montanhistas alemães que pretendem escalar o Pico e editar um guia turístico em alemão. Não resisto a perguntar: “E não haverá uma edição em português?”. A resposta é clara: não há mercado para uma edição em português. E justifica com a tradição montanhista de alemães, suíços e austríacos, compradores potenciais do guia, acrescentando, ante a minha insistência numa edição em português que enriqueça o património editorial cabo-verdiano, e que dê verdadeiro sentido ao conceito de cooperação: “Nós já cá estamos desde 1976!”. O argumento, com laivos de aquisição de direitos por usucapião, conduz-me à introspecção: e nós, portugueses, que aqui estivemos desde o século quinze, onde estamos agora?

• O ESPÍRITO DO VULCÃO

Ir ao Fogo é subir até ao Pico. Mas a escalada do vulcão necessita de várias horas de intenso esforço físico e da ajuda de um guia local. Quando se chega ao cume, a vista sobre a Chã é soberba e é possível identificar claramente os vários episódios de vulcanismo da ilha, magnificamente preservados nos diferentes tons de castanho das lavas que se espriam sobre a grande cratera. A visão intensifica-se

pelo odor intenso a enxofre que é emanado por umas quantas fumarolas incrustadas na vertente do vulcão e que nos dão conta de que ele está activo, apesar do ar dormente. A descida do vulcão é alucinante e exige a técnica inerente às descidas nas pistas de neve, convenientemente adaptada ao deslize com botas sobre “lapilli”, material piroclástico expelido durante as erupções e que assume a textura da gravilha. Uma vez conquistado o Pico e acabada a visita ao Parque, é hora de partir da Chã, rumo a São Filipe, e deixar para trás milhentas mãos infantis que, em grande algazarra, nos acenam até a Hiace desaparecer numa curva da estrada.

Ao descolar da pista de São Filipe, o avião dá uma volta e, de repente, avista-se de novo o vulcão, emergindo das nuvens. Não acredito que subi àquele Pico, que fura o céu, e me deixou com três dias de dores musculares, depois de uma escalada penosa ao longo de quatro intermináveis horas.

Reflecto nas estatísticas na voz de Carmen Montrond, mais conhecida por Zú, funcionária do Centro de Visitantes do Parque, inaugurado em 2003: acolhe cerca de 1000 visitantes/mês, maioritariamente alemães e franceses, seguidos de belgas, italianos e espanhóis e garante que 90% dos habitantes do Fogo nunca escalou o vulcão. O mapa topográfico e os postais que vende são edições alemãs, que nunca vi à venda em nenhum outro local de Cabo Verde ou do mundo lusófono. A revolta é inevitável. Terei que a conter: este não é o meu país, não

tenho que opinar. Mas esta pátria também é minha porque é terra de gente que fala a minha língua, apesar da realidade esbarrar violentamente com a voz do poeta: a Ilha do Fogo é o paraíso dos montanhistas germanófilos, ponto final. Chegam em voos *charter*, directamente do Sal, para escalar gratuitamente um vulcão, inserido num Parque Natural sem recursos, e habitado por gente que nada tem. Mas para os lusófonos, que têm o dom de poder e querer comunicar com o povo da Chã das Caldeiras, o Fogo é mais do que um santuário do vulcanismo atlântico. É terra de cinza vulcânica e de filósofos esquecidos pelo mundo, que contam apenas com a fidelidade do amigo vulcão. “O vulcão é como uma namorada”, diz Manuel Montrond, o adivinhador de erupções. E acrescenta: “Precisa que o vigiemos para o conquistar”. Colo o nariz à janela do avião, que acelera os motores rumo a Santiago. O vulcão afasta-se, desfoca-se no horizonte e desaparece nas brumas. Sinto que deixei ao abandono o povo da Chã, diariamente invadido por uma classe privilegiada de turistas do planeta que, por ter acesso a informação em alemão e apoio logístico local em alemão, julga poder usufruir, em exclusivo, do “espírito do vulcão”. Ajeito-me na cadeira do avião e fecho os olhos, e é então que o “spritu de burcan” me invade irremediavelmente. “Escreverei sobre isto... em português!”, juro a mim própria.

Tradução, da autoria de Adelaide Chichorro Ferreira (Grupo de Estudos Germanísticos), para a *Rua Larga*, de um poema de Heine usado para ilustrar um exercício sobre as horas, no Curso Livre de Alemão II, no 2.º semestre de 2006-2007.

Diz-me quem foi que em tempos inventou os relógios

Quem foi que inventou os relógios, diz?
O tempo cortado em horas, minutos, quem quis?
Foi um homem frio que p'la noite invernosada dentro
em cisma triste, sentado, lá fez surgir tal invento.
E contava dos ratos o clandestino chiar
e do caruncho o tão pasmamento picar...

Diz-me quem foi que em tempos o beijo criou?
Foi uma boca feliz que em branda brasa folgou...
Beijava só, sem qualquer pensamento ou ensaio.
E tudo se passou num bonito mês de Maio:
Da terra saltou, sereno, um arco-íris de flores
O Sol riu-se, ameno, e as aves trinaram p'las cores.

Sag' mir, wer einst die Uhren erfund

Sag' mir, wer einst die Uhren erfund,
Die Zeitabtheilung, Minute und Stund'?
Das war ein frierend trauriger Mann.
Er saß in der Winternacht und sann,
Und zählte der Mäuschen heimliches Quicken
Und des Holzwurms ebenmäßiges Picken.

Sag' mir, wer einst das Küssen erfund?
Das war ein glühend glücklicher Mund;
Er küßte und dachte nichts dabey.
Es war im schönen Monath May,
Die Blumen sind aus der Erde gesprungen,
Die Sonne lachte, die Vögel sangen.

[O poema data de 1830, um ano antes da partida de Heine para o exílio em Paris, e pertence ao ciclo "Neuer Frühling" da colectânea "Neue Gedichte" (1844). O texto é o da edição de Klaus Briegleb: "Sämtliche Schriften", Bd. IV, München, Hanser Verlag, 1971, p. 309.]

LUGAR DOS LIVROS

Olhares sobre o lazer

TÍTULO: *Olhares sobre o lazer*

EDITOR: Rui Machado Gomes

AUTORES: Rui Machado Gomes, Ana Martinho, Nuno Gustavo, Raquel Costa, Paulo Gonçalves, João Teixeira Lopes, Paula Magalhães, Eduardo Borges Pereira, Paulo Amaral, Rodrigo Antolin Ramalho

EDIÇÃO: Centro de Estudos Biocinéticos.

Coimbra, 2007

Este livro, coordenado por Rui Machado Gomes, professor da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, resulta da selecção de alguns trabalhos monográficos realizados durante as duas primeiras edições do mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local daquela faculdade.

O livro está dividido em duas partes. A primeira, *Novos e Velhos Lazeres*, propõe cinco artigos que discutem a temática das práticas culturais de lazer numa perspectiva bastante variada, mas tendo como referência comum a identificação dos contextos que lhe dão significado. O que sobressai desta diversidade é um panorama dos lazeres que põe em diálogo as tradições e as mudanças no uso e representação de diferentes práticas culturais, que vão da cultura erudita à cultura popular ou da cultura escolar à cultura de massas.

A segunda parte do livro, *Determinantes e Contextos do Desporto e do Lazer*, propõe-nos uma reflexão em torno dos factores que introduzem nos lazeres, especialmente

os lúdicos e desportivos, a inelutável marca da diferença. Por trás de uma cultura de massas e de consumo que nos faz crer na homogeneidade das práticas, existe uma marca de distinção em função da classe social de pertença, do capital cultural, do género, da escolaridade, da idade e do *habitat*. As evidências empíricas e as reflexões que os cinco textos desta parte do livro nos oferece transporta-nos para várias realidades socioespaciais do território nacional, mas tendo a escola como campo privilegiado de observação.

A obra inaugura uma linha editorial do Centro de Estudos Biocinéticos que, para além da colecção *Lazer*, se desenvolverá em outras três colecções, *Educação, Desporto e Actividade Física e Saúde*.

Vítimas e Violências na Lisboa da I República

TÍTULO: *Vítimas e Violências na Lisboa da I República*

AUTORA: Maria Rita Lino Garnel

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2007

Vítimas e Violências na Lisboa da I República é um livro que ambiciona responder a duas questões principais: apurar o papel da violência nas relações sociais e perceber o que, na Lisboa desse tempo, significava ser vítima, quem era ela,

o que fazia, porque o fora e como era olhada pelos poderes. A investigação apoiou-se numa fonte inexplorada: os exames directos e de sanidade efectuados, pelos peritos do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, às vítimas de crimes contra a segurança, nos anos de 1912 e de 1926. A investigação conclui que a vítima, ainda que fosse essencial a afirmação do poder, foi muito pouco considerada, quer pelo Direito, quer pela Medicina Legal, saberes e poderes mais preocupa-

dos com a repressão do agressor. A origem popular, a profissão, o comportamento, o traje, o analfabetismo e a linguagem reforçavam a convicção de que pouco separava o ofendido do ofensor; ambos encerrados num mesmo mundo de desvio. E para assegurar o monopólio da violência pelas elites no poder, à medida que a violência popular era criminalizada, escondia-se e esquecia-se a dimensão sociabilitária da agressão.

Método e Métodos do Pensamento Filosófico

TÍTULO: *Método e Métodos do Pensamento Filosófico*

COORDENADOR: Diogo Ferrer

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2007

O Colóquio da Revista Filosófica de Coimbra, “Método e Métodos do Pensamento Filosófico” realizou-se em 27 e 28 de Abril de 2006, no Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As actas do Colóquio percorrem o problema do método

da filosofia em diversas investigações histórico-sistemáticas desde Platão até ao séc. XXI. Esta obra reúne abordagens diferentes sobre um tema fundamental para todo o pensamento filosófico, quer se posicione este na observância de um qualquer método, quer reivindique a sua autonomia frente ao próprio conceito do método. Da perspectiva dialéctica, transcendental, fenomenológica, hermenêutica, analítica, da história conceptual ou da teoria dos sistemas, e procurando expor pontos essenciais destes métodos

ou modos da filosofia, os autores realizam uma reflexão, plural e singular, sobre aquilo que se faz quando se filosofa, ou como se persegue o objecto do pensar, quando sistematicamente se estuda um problema filosófico, i.e., sobre o próprio «conhece-te a ti mesma» da filosofia. Com esta reflexão plural sobre os métodos do pensamento filosófico, inicia-se uma série especial, sem periodicidade regular, da *Revista Filosófica de Coimbra*.

Profetismo e Espiritualidade de Camões a Pascoaes

TÍTULO: *Profetismo e Espiritualidade de Camões a Pascoaes*

AUTOR: Maria Luísa de Castro Soares

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2007

No início do nosso estudo, tentámos inscrever o profetismo e o messianismo na diacronia da literatura portuguesa e verificámos que a permanência dos fenómenos parece assegurar a sua importância na *intelligentsia* e na mitogenia nacionais. Mas a espiritualidade portuguesa é igualmente a criação, os conteúdos da escrita poética de

Camões e de Pascoaes. Foi o que realçámos, em análise individual, ns Capítulos I e II do nosso trabalho. No Capítulo III, subsidiário dos anteriores, encarámos os autores de forma comparativa e concluímos ser Pascoaes devedor de Camões “eterno Pai” da consciência nacional. Na verdade, Camões é um pilar incontornável que se projecta objectivamente, em relação paragramática intertextual ou por diversos modos de assimilação, na criação literária de Pascoaes. Por alusões próximas, por reflexos concretos e discretos, por uma linha de continuidade ideológica: o paragramatismo lusíada. Ao partir desta particular projecção

para uma ideia geral, concluímos ser Camões, juntamente com Pascoaes, profetas do espírito de nacionalidade, de uma mística portuguesa, em permanente demanda da cidade ideal, que nos últimos limites se confunde com Deus. Os dois poetas são profetas não tanto por predizem o que há-de vir e ser, com base numa inspiração divina, mas porque revelam o eterno, aquilo que ultrapassa os condicionamentos do espaço e do tempo. São profetas pela expressão da espiritualidade portuguesa – que contém um ideal de humanidade – e pelo messianismo fundamental ou sentido permanente de redenção.

Progresso e Religião – A República no Brasil e em Portugal (1889/1910)

TÍTULO: *Progresso e Religião – A República no Brasil e em Portugal (1889/1910)*

COORDENADOR[ES]: Amadeu Carvalho Homem, Armando Malheiro da Silva, Artur César Isaía

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra, Editora da Universidade Federal da Uberlândia Coimbra, 2007

Trata-se como é referido no subtítulo de uma conjugação de esforços de pesquisa e de interpretação comum de historiadores portugueses e brasileiros que, antes de mais, se insere no âmbito de um programa de comemorações científicas do centenário República em Portugal, a que a experiência brasileira ocorrida em 1889 não foi de todo estranha. Depois há o destaque de duas problemáticas essenciais ao republica-

nismo aquém e além mar que são a afirmação do Progresso político e económico e as interacções do religioso com a utopia reformista republicana e positivista, bem como o ataque laicista à Igreja Católica apostólica e romana. O estudo destas problemáticas por especialistas com provas dadas conferem um valor inestimável ao projecto editorial e torná-lo-ão um título de referência obrigatória em Portugal e no Brasil.

Decisão. Perspectivas Interdisciplinares

TÍTULO: *Decisão. Perspectivas Interdisciplinares*

COORDENADOR[ES]: Carlos Henggeler Antunes, Luís Cândido Dias

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra Coimbra, 2007

Este livro revisita o ciclo de conferências sobre “Decisão”, organizado pelo III-UC, INESC Coimbra e FEUC, cujas sessões tiveram lugar em Outubro e Novembro de 2005, que contaram com a participação de quatro cientistas de mérito internacionalmente reconhecido, os Profs. Alexis Tsoukiàs (Paris), John Broome (Oxford), Ralph Keeney (Duke) e Paul Slovic (Oregon). Estes cientistas apresentaram quatro perspectivas diversas acerca do tema do ciclo: as da investigação operacional, da filosofia, da análise de decisões e da psicologia, respectivamente. Cada um dos artigos dos conferencistas convi-

dados foi seleccionado pelo seu autor como um dos que melhor representaria a perspectiva apresentada na sua palestra. O texto de Slovic descreve a importância que o afecto tem na determinação de juízos e decisões, defendendo que a confiança depositada nesses sentimentos pode ser caracterizada como uma Heurística Afectiva. O artigo de Tsoukiàs apresenta uma visão retrospectiva sobre a evolução da teoria da decisão para uma metodologia de ajuda à decisão, considerando o autor que todas as teorias da decisão partilham uma característica comum – a utilização de linguagens formais e abstractas e de um modelo de racionalidade, defendendo uma abordagem científica para a ajuda à decisão em problemas enfrentados por indivíduos e/ou organizações. O texto de Keeney sintetiza algumas das principais ideias que preconiza para intervir em situações de decisão,

neste caso em situações de definição de políticas públicas, advogando e ilustrando a importância de basear a intervenção na eliciação dos valores do público e na sua modelação através de uma função de utilidade multiatributo. O texto de Broome pretende ilustrar os moldes em que o problema de tomada de decisões pode aparecer no âmbito da Filosofia, debruçando-se sobre um tema de longo debate entre filósofos: pode um raciocínio culminar numa acção ou apenas pode culminar numa crença? Cada um destes artigos, traduzido para a língua portuguesa, é acompanhado por um comentário de um autor português, respectivamente: Armando Mónica de Oliveira, Manuel Matos, João Clímaco e António Manuel Martins. O livro inclui ainda um capítulo introdutório que oferece uma breve panorâmica das disciplinas que se entrecruzam na palavra *Decisão*.

Murphy - Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo. N.º 2

TÍTULO: *Murphy - Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo.*

NÚMERO: 2

EDITORES: Paulo Varela Gomes, Maria Helena Barreiros

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra, 2007

Murphy é uma revista académica bilingue (português-ínglês) de his-

tória e teoria da arquitectura e do urbanismo, publicada anualmente a partir de Março de 2006, pela Imprensa da Universidade de Coimbra no quadro das actividades do Departamento de Arquitectura da UC. O nome *Murphy* referencia o arquitecto irlandês James Murphy que em 1795 publicou os primeiros textos e desenhos de divulgação da arquitectura portuguesa na Europa, entre os quais um álbum fundador

do movimento neo-gótico internacional que dedicou ao Mosteiro da Batalha. *Murphy* publica ensaios sobre a história do universo construído e projectado de matriz portuguesa e sobre a teoria da arquitectura do passado e contemporânea. Tem distribuição internacional que inclui os centros de excelência mundiais em matéria de arquitectura, urbanismo e história da arte. Mais inf.: <http://www.uc.pt/murphy>

Nos bastidores da ciência. 20 anos depois.

TÍTULO: *Nos bastidores da ciência. 20 anos depois.*

AUTOR: Sebastião Formosinho Sanches Simões

EDIÇÃO: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra, 2007

Se bem que não seja a imagem que emerge da comunicação social, a área científica mais forte no nosso país é a Química - a ciência da vida real, que também é uma «ciência verde», intimamente ligada à transformação radical do estilo de vida que levou a um considerável aumento de esperança de vida da humanidade. A Química não só é o domínio com maior produtividade e maior impacto científico de Portugal, como nele dispomos de seis universidades no *top 10* mundial em citações científicas. Independentemente do mérito pessoal de

Sebastião Formosinho e seus colaboradores, não admira que seja neste mesmo domínio que estes cientistas, ao terem desenvolvido contra o consenso científico vigente um novo modelo teórico (ISM) para estimar a velocidade das transformações moleculares, possam ter sobrevivido por vinte anos ao confronto científico com um dos paradigmas vigentes que mereceu o Prémio Nobel da Química em 1992, na pessoa do Prof. Rudolph Marcus. E conseguiram “vencer” a Natureza ao verem uma das suas mais arrojadas previsões, feita em 1991, ter sido confirmada e publicada em 2006. Encerraram neste ponto um ciclo no combate científico que travam, apesar de ainda não terem convencido amplamente a comunidade da validade e eficácia das suas ideias. Já surgem, porém, sinais de viragem em algumas “auto-

ridades científicas” da comunidade dos químicos. A razão tem a sua força, mas não basta!

Mediante um percurso de facetas autobiográficas, de análise epistemológica e sociológica, de controvérsias científicas de bastidores, do bosquejo das dificuldades de produzir ciência e fazê-la valer nos custos-de-contexto português, o leitor irá percorrer uma história de fortes contrastes e de perspectivas surpreendentes, imprescindível para quem quiser penetrar em «o que é isto de ser um cientista?».

No último capítulo o autor presenteia-nos com o seu modo de “ver”, com algum auto-distanciamento, mas com grande humanização, um internamento hospitalar, porque a longevidade vem à mente quando se pensa em qualquer caminho de ribalta.



O
R
B
U
T
U
O

DIA 16 [TERÇA-FEIRA] • IMPRENSA DA UNIVERSIDADE - RUA DA ILHA

17.00 – ABERTURA DO ELUC 2007

17.15 – ASSINATURA DE PROTOCOLOS

17.30 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO **NOVA EDUCAÇÃO NA NOVA CIÊNCIA PARA A NOVA SOCIEDADE. FUNDAMENTOS DE UMA PEDAGOGIA CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA**, DE DUARTE COSTA PEREIRA (UP), POR ANTÓNIO DIAS FIGUEIREDO E LUÍSA VEIGA

DIA 17 [QUARTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

17.30 – LANÇAMENTO DO LIVRO **AVALIAÇÃO NUTRICIONAL E COMPOSIÇÃO CORPORAL**, DE RAQUEL SILVA (UFP)

18.00 – MESA-REDONDA SOBRE **AS FACES INVISÍVEIS DA VIOLÊNCIA NA CONJUGALIDADE**, COM JOÃO REDONDO, PAULA GARCIA E JORGE COSTA SANTOS

DIA 18 [QUINTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – LANÇAMENTO DO LIVRO **PROGRESSO E RELIGIÃO. A REPÚBLICA EM PORTUGAL E NO BRASIL**, DE AMADEU CARVALHO HOMEM, ARMANDO MALHEIRO DA SILVA E ARTUR CÉSAR ISAÍÁ [IUC]

DIA 19 [SEXTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – LANÇAMENTO DO LIVRO **DROGAS E COMPORTAMENTOS DE ADICÇÃO: UM MANUAL PARA ESTUDANTES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE**, DE LAURA M. NUNES E GLORIA JÓLLUSKIN (UFP)

18.15 – MESA-REDONDA SOBRE **TABACO E AMBIENTE: OPÇÕES INADIÁVEIS**, COM ANA FIGUEIREDO, CARLOS ROBALO CORDEIRO, JOÃO PEDROSO DE LIMA E ANTÓNIO JORGE FERREIRA

DIA 22 [SEGUNDA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – MESA-REDONDA SOBRE **CIÊNCIAS E CULTURAS**, COM ROMERO BANDEIRA, ERNESTO DE MELO E CASTRO, SEBASTIÃO FORMOSINHO E JOSÉ AUGUSTO BERNARDES

DIA 23 [TERÇA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

17.30 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO **HISTÓRIA DA LUZ E DAS CORES**, DE LUÍS MIGUEL BERNARDO (UP), POR CARLOS FIOLEAIS

DIA 24 [QUARTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – MESA-REDONDA SOBRE **DEPRESSÃO: A EPIDEMIA DO SILÊNCIO**, COM JOÃO RELVAS, CARLOS BRÁS SARAIVA E MANUEL QUARTILHO

DIA 25 [QUINTA-FEIRA] • IMPRENSA DA UNIVERSIDADE - RUA DA ILHA

15.00 ÀS 18.00 – COLÓQUIO: **O LIVRO DO MANUSCRITO AO DIGITAL**

- JOSÉ DE FARIA COSTA, MARIA HELENA COELHO, MARIA JOSÉ AZEVEDO SANTOS, MARIA DA GRAÇA PERICÃO

- MARIA MANUEL BORGES, RUI BEBIANO, MANUEL PORTELA E PEDRO BARBOSA

DIA 26 [SEXTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – LANÇAMENTO DO LIVRO **POLÍTICAS DE SAÚDE: ENSAIOS PARA UM DEBATE NACIONAL**, DE PAULO KUTEEV-MOREIRA (UFP)

18.15 – MESA-REDONDA SOBRE **POLÍTICAS PARA A SAÚDE ORAL**, COM ROSÁRIO MALHEIRO, AMÉRICO AFONSO E JOSÉ PEDRO FIGUEIREDO

DIA 29 [SEGUNDA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – LANÇAMENTO DO LIVRO **SABERES PARA COMPARTILHAR - PARTILHAR SABERES**, DE EDUARDO J. M. CAMILO E F. JAVIER GÓMEZ TARIN (UBI)

DIA 30 [TERÇA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.30 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO **DECISÃO: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES**, DE CARLOS HENGGELER ANTUNES E LUÍS CÂNDIDO DIAS (IUC), POR JORGE PINHO DE SOUSA

DIA 31 [QUARTA-FEIRA] • COIMBRA EDITORA - ARCO DE ALMEDINA

18.00 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO **ANATOMIA RADIOLÓGICA DO ENCÉFALO E MEDULA**, DE J. CRUZ MAURÍCIO (UBI)

ORGANIZAÇÃO: IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA • COIMBRA EDITORA **APOIO:** DIRECÇÃO DE EDUCAÇÃO MÉDICA DA FMUC • CURSO DE CIÊNCIAS DOCUMENTAIS DA FLUC • GRUPO VIOLÊNCIA: INFORMAÇÃO, INVESTIGAÇÃO, INTERVENÇÃO • CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA • DELEGAÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO CENTRO • CAVES MESSIAS • A POUSADINHA • PASTELARIAS VASCO DA GAMA

PARTICIPAÇÃO: EDARQ (EDITORA DO DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA) • EDIÇÕES DA FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO • EDIÇÕES DA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO • EDIÇÕES DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO • EDIÇÕES DA FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO PORTO • EDIÇÕES INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO • EDIÇÕES IPAM • EDIÇÕES ISPGAYA • EDIÇÕES UNIVERSIDADE DAS ILHAS BALEARES (ESPANHA) • EDIÇÕES UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA • EDITORA DA UNIVERSIDADE DO PORTO • EDIUAL (EDITORA DA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA) • FAUP PUBLICAÇÕES – EDIÇÕES DA FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO • FEUP EDIÇÕES (FACULDADE DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO) • IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA • INSTITUTO PIAGET EDITORA • IST PRESS (EDITORA UNIVERSITÁRIA DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO) • PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE DE VALÊNCIA (ESPANHA) • SECÇÃO DE DIFUSÃO E DISTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE ENSINO À DISTÂNCIA (ESPANHA) • SECTOR EDITORIAL DA UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO • SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE DE EXTREMADURA (ESPANHA) • SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE DE OVIEDO (ESPANHA) • SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE VALÊNCIA (ESPANHA) • SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA DE SALAMANCA (ESPANHA) • SERVIÇOS GRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR • UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO - EDIÇÕES

Prémio

UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

PATROCÍNIO DO BANCO SANTANDER-TOTTA

APOIO DO JORNAL DE NOTÍCIAS

EDIÇÃO DE 2008



DESTINATÁRIO DO PRÉMIO > PERSONALIDADE DE NACIONALIDADE PORTUGUESA QUE SE TENHA DISTINGUIDO
POR UMA INTERVENÇÃO PARTICULARMENTE RELEVANTE E INOVADORA NAS ÁREAS DA CULTURA OU DA CIÊNCIA
VALOR DO PRÉMIO > 25 000 EUROS **APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATURAS** > ATÉ 21 DE NOVEMBRO DE 2007
MAIS INFORMAÇÕES > <http://www.uc.pt/premiouc>



 Santander Totta

**Jornal de
Notícias**

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Assinatura anual da Revista Rua Larga (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 15
Outros: 18 • Avulso (cada número): 5 (IVA incluído) • Números Anteriores: 5

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, Para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35 /ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60 /ano

Assinaturas através da Rede UC, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais

*A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades *Parceiras* ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades *Aliadas* assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

mais informações em <http://www.uc.pt/gats>





MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



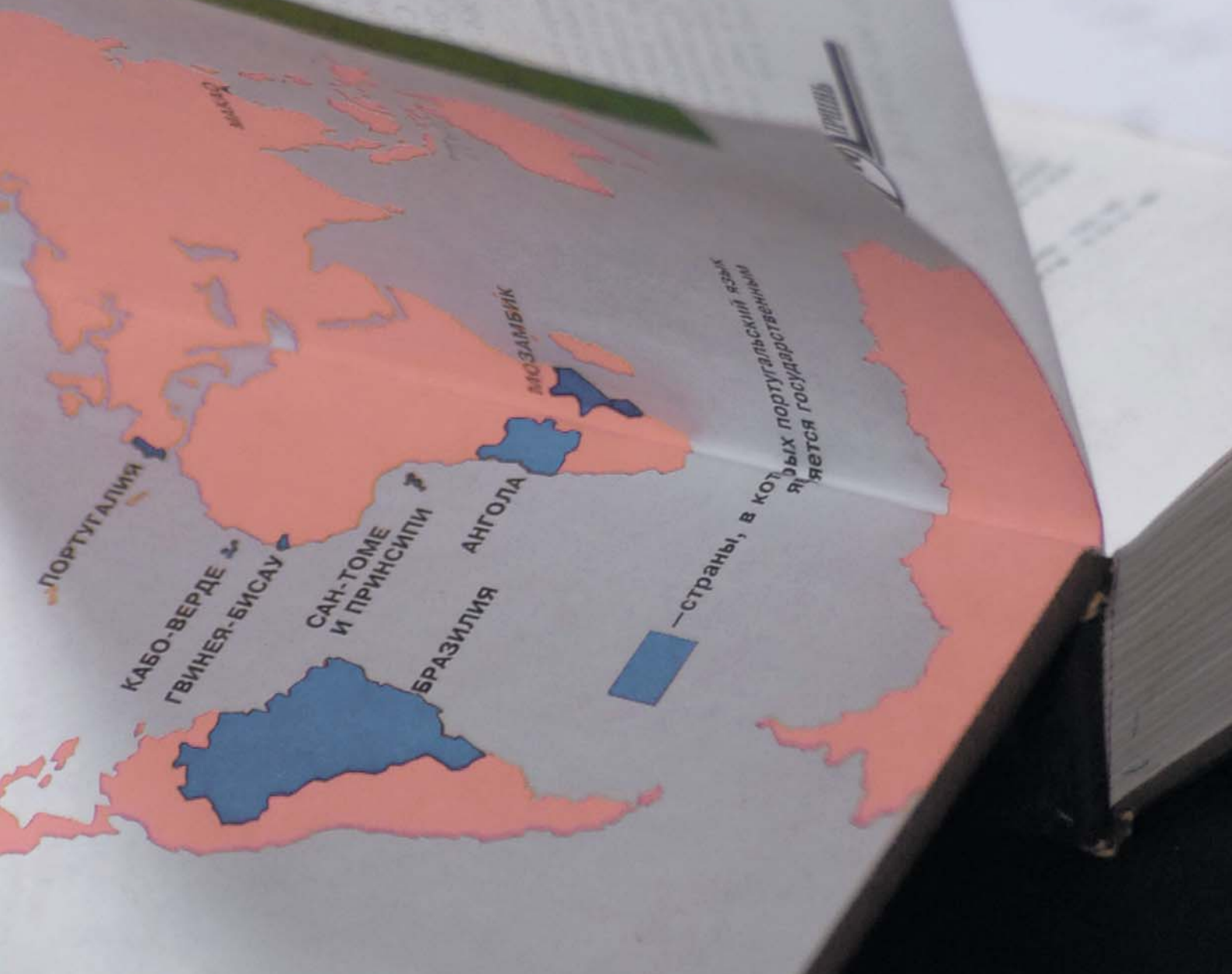
MILHÕES DE SONHOS

Millennium
bcp

A vida inspira-nos

Por diferentes causas

Marisa Soares
Raquel Carvalho
Helder Almeida
Martha Mendes



Histórias com nomes

As quatro histórias de voluntariado que se seguem encerram muitos rostos. De pessoas que dão e de pessoas que recebem, sendo esta relação, no concreto dos casos, tantas vezes baralhada. Os voluntários, como se pode ler nas páginas deste caderno temático, são quem acaba por sentir que recebeu mais, provavelmente por esperar exactamente o contrário. 2007 é o ano europeu da igualdade de oportunidades para todos. A *Rua Larga* celebra-o, na última edição do ano, prestando homenagem às mulheres e homens que entregam algum do seu tempo a outros. São voluntários que, de tantas formas, tentaram levar oportunidades a quem, por algum motivo, se viu pri-

vado delas. Nomes que permanecem anónimos mas que o não são na vida de quem beneficia dessa dádiva. Milhões de nomes em todo o mundo, representados por estas pessoas que animam o Instituto Português de Oncologia, as aulas de Português para estrangeiros da paróquia de S. José, os idosos da Alta de Coimbra e algumas comunidades em África: Ana, Armando, Conceição, Filipa. Francisco, Gabriela, Ildefonso, Octávio, Olívia, Paula, Ricardo, Sara, Sofia, Tiago, Vera, Zurita.

Clara Almeida Santos e João Figueira
Docentes da licenciatura em Jornalismo, FLUC



Os “anjos da casa”

“Voluntário: pessoa que se compromete a cumprir determinada tarefa ou função sem ser obrigada a isso”. Se a definição do dicionário bastasse, ficavam por contar as histórias que enriquecem a vida do voluntário. A ligação aos doentes vai muito além do vínculo a uma casa: os voluntários não têm sítio certo, pertencem ao lugar onde alguém precisa deles.

“Temos de saber ouvir com um sorriso e ter disponibilidade. Nem que estejamos a arder de pressa por dentro”. Quando um doente a aborda, Olívia Mendes pode levá-lo à sala da consulta, dar-lhe leite e bolachas para acalmar o estômago, ou simplesmente ouvir os seus medos e angústias. Mas sempre com boa disposição e um abraço. “É muito importante que o doente sinta a nossa mão”, explica a voluntária do Instituto Português de Oncologia (IPO) de Coimbra. A passagem de Olívia pelo hospital de oncologia começou muito tempo antes do voluntariado. Ia visitar e acompanhar pessoas amigas, doentes com cancro. “Nessa altura, sentia a falta de um suporte humano”, conta. Hoje, dez anos depois de se ter tornado voluntária, diz com um sorriso que conhece “muitos segredos dos doentes desta casa”, porque se criam laços fortes e desinteressados entre o voluntário e o doente. “Muitas vezes, os doentes mais facilmente partilham connosco os seus problemas do que com as pessoas conhecidas”, diz Olívia com orgulho, lembrando as estórias de corredor. “Há que saber ouvir, sem fazer comentários nem perguntar nada. Se nos pede uma opinião, podemos dar se acharmos que o doente precisa dela para continuar a viver feliz”. Mas quando despe a bata, fica tudo ali. “Não podemos levar nada para casa”, remata.

À entrada de cada unidade, um carrinho equipado com leite, café, água e bolachas espera os doentes e familiares que chegam pela primeira vez, ou aqueles que já vêm há muitos anos. “Nós damos-lhes um miminho”, diz Olívia, responsável pelo serviço de

cafeteria. A conduzir os carrinhos estão as senhoras da bata branca e fita azul em forma de “V”. Não confundir com os médicos e enfermeiros. Os voluntários não dão injeções nem comprimidos. Não podem curar o corpo, mas ajudam na cura da alma.

Normalmente, os doentes aceitam bem a presença do voluntário. Mas há também aqueles que criam uma “carapaça de resistência”, como diz Olívia. Mas no instante seguinte o doente acaba por desabafar os seus problemas, e cai por terra a primeira máscara de defesa. Muitas vezes, depois, vêm pedir desculpa por terem rejeitado a primeira ajuda de que, no fundo, tanto precisavam. O reconhecimento chega de várias formas. “Por exemplo, no outro dia, um doente que não vinha à consulta há dois meses disse-me: “Já tinha saudades de aqui vir. Vocês são os anjos desta casa!”, recorda Olívia, com um brilho de alegria no olhar.

“Temos que ter sempre um sorriso nos lábios, fazer de conta que tudo está a correr bem. Mas muitas vezes, quando saímos de ao pé dos doentes, estamos a sofrer”, diz o voluntário Armando Silva. A jovialidade nos gestos e no sorriso não deixa transparecer os seus 72 anos, passados, desde cedo, a lidar com a doença. A mãe, depois a mulher. Também ele esteve do lado de lá. Depois de se reformar, decidiu dedicar-se totalmente ao voluntariado. Os dias começam às sete da manhã, só regressa a casa ao fim do dia. Faz voluntariado no IPO, nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) e ainda numa creche. Afinal, não basta ter sempre um sorriso e uma palavra de consolo. Há que ter disponibilidade.

Armando e Olívia coordenam a equipa, desde o início. “Se não for programado e orientado, o voluntariado não corre como deve”, diz Olívia. “As coisas têm que ser feitas com calma, pelo menos aparentemente, porque os doentes precisam de pessoas tranquilas, que não estejam a olhar para o relógio”, continua. Mas o dia começa cedo, e para alguns a manhã é passada

a correr. Os carros da cafetaria são preparados por volta das oito horas. Depois, começam a chegar os doentes, e há que levá-los à sala da consulta. “O hospital é composto por vários blocos, e as pessoas sentem-se perdidas quando chegam aqui”, explica Olívia Mendes. Para além dos serviços de cafetaria e de guia, os voluntários fazem ainda a distribuição de jornais aos doentes internados nas enfermarias.

A maioria dos voluntários faz serviço só de manhã, mas há quem fique até à tarde. É o caso de Zurita Melo. Voluntária no IPO há seis anos, está na unidade de cuidados paliativos há quatro. “Quando abriu a unidade, todas nos inscrevemos por curiosidade, mas só duas foram seleccionadas”. Depois de uma entrevista com o pessoal médico, foi escolhida pelo seu perfil. “Muito alegre, bem disposta e emotiva”, é como se define. Para além disso, diz ser corajosa. O que não é sinónimo de insensível. “Eu choro muito”, confessa. Zurita lembra que, no início, era muito complicado. “Eu só lidei com a parte material da vida, faltava-me este lado humano”, explica. Hoje está reformada, mas trabalhou até aos 49 anos como bancária. Ali, o dinheiro é pouco importante. “Quem vive lá fora não está preparado para lidar com este mundo. Há que ser muito humilde com o doente”, afirma.

Lidar com a morte do doente exige muita preparação e espiritualidade. Quando são pessoas mais jovens, as interrogações são maiores. Em teoria, o voluntário deve fazer o “burn out”. Não pode “queimar-se”, ou seja, deve manter uma distância emocional em relação à situação do doente. Mas ninguém disse que era fácil. Fazer voluntariado não é uma maneira de passar o tempo. O voluntário tem de ter sensibilidade para lidar com o doente nos vários estádios da doença. “Vemos muitos doentes sem cabelo, queimados, mutilados ou entubados. Muitas pessoas têm dificuldade em confrontar-se com essas situações”, explica Zurita.

A “sementinha” que só mais tarde dará fruto

Os jovens têm mais dificuldade em comprometer-se e cumprir. Por isso, há quem fale em “voluntariado

jovem e voluntariado adulto”. É o caso de Ildefonso Nunes, voluntário nos HUC. Entrou para o voluntariado através da Liga dos Amigos dos HUC (LAHUC), há seis anos. Daqui, só sairá “em quatro tábuas”, garante. Sobre o “voluntariado jovem”, Ildefonso, com 65 anos, considera que “é uma sementinha” que fica no coração dos jovens, que só dará fruto daí por 30 ou 40 anos. “Enquanto estudantes, ainda conseguem fazer um bocadinho. Mas quando a vida começar a apertar, o voluntariado passa. Quando estiverem reformados, lembram-se do voluntariado que fizeram e vão continuar”, explica.

As motivações dos jovens são, em grande parte, diferentes das dos adultos. “É para fazer curriculum”, garante Gabriela Condesso, assistente social responsável pelo voluntariado na LAHUC. Isso explica que haja muitas inscrições entre Setembro a Dezembro, no início do ano escolar. Há uma faixa etária dos 18 aos 23, composta por estudantes do ensino superior, que ocorre em massa à LAHUC. “Existe uma grande lista de espera”, explica Gabriela. Na sua maioria estudantes de Serviço Social ou de Psicologia, os jovens não são, por norma, voluntários estáveis. Não há neles um desejo de continuidade. Muitos pensam que podem pôr em prática a teoria do curso. “Estão completamente errados”, afirma. “Outros vêm por saber que, no fim, podem pedir um certificado, que lhes dá créditos no mundo do trabalho”, esclarece a assistente social. Mas só o leva quem merece. “O voluntário que vem aqui uma vez por mês não pode ter o mesmo curriculum nem a mesma aceitação que aquele que vem uma vez por semana”, comenta Ildefonso. Ser voluntário não é andar a passear pelo hospital com a bata vestida, de vez em quando. Exige dedicação.

Marisa Soares
Aluna finalista de Jornalismo da FLUC

Abraços sem braços e sem toque

“Nem sei muito bem como vim parar a Portugal”, confessa Fallou, com um olhar ligeiramente perdido e esboçando um sorriso. Este imigrante senegalês, 45 anos, já não se recorda como é que chegou a Portugal, mas lembra-se com clareza de todos os receios que sentiu: “tinha medo de tudo, era um mundo muito diferente e estranho”; e diz a rir, como que troçando de si próprio, “tinha medo de comer carne de porco e até de beber bebidas alcoólicas”. A estas dificuldades somava-se o facto de não saber uma palavra em português.

Num país desconhecido os olhares cúmplices escasseiam e a sensação de estar só angustia e aprisiona. Chega a meter medo. O aprender a língua daqueles que nos rodeiam surge como uma forma de atribuir significado a todo esse mundo por descobrir, impondo-se mesmo como uma questão de sobrevivência. É quase como escavar, em busca de raízes, até encontrar o que há de nosso naquele país e naquelas gentes. Depois de percebida esta necessidade, quase imperativa, o passo seguinte a dar é óbvio: procurar um local onde aprender a língua. No entanto, este passo é sempre mais pesado, para o qual se pensa serem necessárias umas pernas demasiado longas. As hipóteses que surgem são também pouco encorajadoras. Muitos imigrantes olham para as coisas de uma forma vertical, como se tudo ficasse lá no alto. Assim, as escolas oficiais são vistas como instituições longínquas, dificilmente atingíveis. E talvez o sejam, pois muitas não estão preparadas para ensinar português a estrangeiros. Junta-se a isto, a vergonha, o receio da recusa, o comodismo, as dificuldades financeiras e, no caso dos imigrantes ilegais, possíveis complicações jurídicas. Um rol de obstáculos que dificultam a procura de um local, onde aprender português.

Até 2001, em Coimbra, a situação era assim, antes de um grupo de professores voluntários começar a dar aulas de português a imigrantes, num espaço cedido pela Paróquia de S. José. A partir de um simples conjunto de boas vontades, surgiu o Projecto de Apoio ao Imigrante (PAI). Com o correr dos anos, o número de alunos foi diminuindo, mas o objectivo definido inicialmente mantém-se: ensinar português, com vista a uma melhor integração dos imigrantes no meio.

Durante a semana, a porta lateral da paróquia de S. José abre-se pontualmente às 20h30 e permanece aberta, durante hora e meia, a todos os que quiserem aprender português, independentemente da idade e nacionalidade. Esta informalidade faz com que as mesas pequenas e verdes, já muito usadas, sejam ocupadas por pessoas diferentes, quase todos os dias. Porém, existe uma mão cheia de alunos, que vão regularmente às aulas. Depois de um dia de trabalho, esses imigrantes pegam nos resquícios de coragem e lançam-se na aprendizagem do português. Sentados nas cadeiras da sala de aula, ignoram o tempo e o mundo que está para além das paredes. Ali, num silêncio trespassado por poucas vozes, aprendem a conjugação dos verbos, lutam contra o próprio aparelho fónico, mostram curiosidade pelas palavras.

E é assim para Fallou, já lá vão seis anos, altura em que começou a frequentar as aulas leccionadas pelos professores voluntários. O imigrante senegalês olha para os receios iniciais e vê-os muito ao longe, desvanecidos pelo tempo. Passados 21 anos desde a sua chegada, Fallou, comerciante ambulante na região de Coimbra, sente-se “totalmente integrado” no país que o acolheu, mas a batalha da aprendizagem da língua portuguesa ainda não foi totalmente vencida. Através do PAI, essa vitória parece estar, agora, ao alcance de poucas palavras.



Printed text from a notebook page, including a heading and several lines of text.

Present	Past
Coming	Came
Going	Went
Doing	Did
Seeing	Saw
Knowing	Knew
Thinking	Thought
Feeling	Felt
Believing	Believed
Remembering	Remembered
Forgetting	Forgot
Understanding	Understood
Not understanding	Did not understand

Present	Past
Working	Worked
Playing	Played
Studying	Studied
Reading	Read
Writing	Wrote
Speaking	Spoke
Listening	Listened
Watching	Watched
Listening	Listened
Watching	Watched
Listening	Listened
Watching	Watched

Os cabelos brancos denunciam a idade de Octávio Silvestre, 63 anos, e a figura alta e magra revela uma vivacidade quase juvenil. Foi professor do ensino básico. É, desde há seis anos, professor voluntário. Depois da reforma, diz, “achei não devia deixar os meus conhecimentos na gaveta e decidi ocupar o meu tempo da melhor forma possível, dando aos outros aquilo que eu sei”, revela Octávio. A voz compassada e serena traduz a experiência de vida deste professor, que passou largos anos a ensinar crianças com deficiência mental. Ora, o ensino de português a imigrantes, em regime de voluntariado, surgiu como mais um desafio, ao qual Octávio decidiu atender, tal como já havia feito noutras ocasiões, mesmo antes da reforma. “É como se existisse um bichinho”, explica Octávio Silvestre, que o impele a seguir o caminho do voluntariado.

Esse “bichinho” parece não visitar muita gente ou, talvez, muitos lhe fechem a porta abruptamente. Contudo, a vontade de ajudar o outro ainda sobrevive numa sociedade sem caras e sem nomes, que vive na pressa do tempo.

Contra a corrente, Conceição Riachos, também professora voluntária, valoriza “a criação de laços entre as pessoas” e deixa transparecer nas palavras a vontade de pegar ao colo e afagar todos os que precisam, afirmando que não sabe viver de outra forma. Educadora de infância, já reformada, Conceição envolveu-se, assim, sem hesitar, no PAI.

Na memória, guarda “homens de olhos muito vermelhos, cansados, com as mãos calejadas do trabalho” a assistirem às suas aulas. “Quando comecei, os alunos eram sobretudo imigrantes de Leste, que vinham trabalhar na construção civil e precisavam do português para o seu dia-a-dia”, recorda. Actualmente, já há uma “outra geração”, afirma Conceição Riachos, sublinhando que “no último ano, a maior parte dos alunos eram as mulheres e os filhos dos imigrantes, que permaneceram em Portugal”.

Proveniente da Moldávia, Helena, 49 anos, pertence a essa nova geração. O marido é médico e veio para Portugal há seis anos, porque a Moldávia estava a pas-

sar por um período difícil. Cansada do espaço indizível que os separava, Helena veio ter com o marido em Fevereiro do ano passado. Na Moldávia, “ficaram duas filhas a estudar na universidade, um trabalho bastante bom e uma vida agitada”, revela Helena com um olhar, por momentos, distante.

Ultrapassadas algumas dificuldades emocionais, a imigrante segue o caminho já percorrido pelo marido: aprende português para em Dezembro fazer o exame de acesso à Ordem dos Médicos e começar a exercer a sua profissão de sempre. Até lá, Helena e o marido continuam separados, ele na Madeira e ela em Coimbra, porque ambos acharam que este seria o melhor local para ela estudar português.

Dos primeiros dias em Portugal, a imigrante moldava recorda-se de achar a língua nacional “completamente diferente de qualquer outra que já tinha ouvido”. O tempo criou a habituação e Helena já fala relativamente bem português, mas confessa ter “mais facilidade na escrita do que na oralidade”.

São muitas as histórias, algumas menos felizes do que esta, das quais se lembram os professores voluntários. É com “muitas saudades” que Sofia de Vaz Serra, 30 anos, licenciada em português-francês, se recorda dos três anos que passou como professora voluntária e só “a falta de tempo” a fez abandonar o projecto. Viajando pelas memórias, a professora lembra, enternecida, as festas de Natal, “os jogos de mímica” necessários até que os alunos percebessem o que ela pretendia dizer, o olhar atento e “o esforço das pessoas” que assistiam às suas aulas. Foi isto que ficou, recortes de tempo, pedaços de satisfação por se ser útil a outro e um modo diferente de encarar a vida, na qual as proporções dos problemas são definidas por nós.

O que os professores ganham naquelas aulas, como se sabe, não é um salário. Ganham abraços sem braços e sem toque. Ganham a alegria de ver alguém a aprender português a uma velocidade estonteante. Ganham a ternura daqueles seres, que têm, quase sempre, um rosto diferente.

São do Leste europeu. Vêm da China ou do Japão. Incorporam o cheiro e as cores de África. Envergam fatos indianos. São cidadãos do mundo. As peles

morenas misturam-se com as peles brancas, e os olhos castanhos passam a azuis ou a verdes, o cabelo deixa de ser louro e escurece. Nessa babilónia que é o mundo, as línguas foram feitas para ser aprendidas e, cada uma delas, não é mais que o conjunto de todas as outras.

Na troca de saberes entre culturas, as barreiras quebram-se, com maior ou menor facilidade, lembrando

que a única raça que existe se chama Humanidade. É pela humanidade que Conceição Riachos nunca se arrependeu de sair de casa em dias de frio e de chuva para dar as aulas de português, porque tem para si que “valeu sempre a pena”.

Raquel Carvalho
Aluna do 4.º ano de Jornalismo da FLUC



Sessenta minutos contra a solidão

Na alta de Coimbra, para lá do bulício da vida académica, muitas vidas são feitas de doença, miséria e, sobretudo, solidão. Todas as semanas, um grupo de estudantes partilha pelo menos uma hora do seu tempo livre com idosos que vivem isolados do mundo, este mundo que se diz uma “aldeia global”. São sessenta minutos que podem fazer toda a diferença

Fernanda dos Prazeres Pereira, ou simplesmente dona Fernandinha, tem 92 anos e vive sozinha na Alta de Coimbra. Há muito que lhe morreu o marido e o filho único. Sempre que fala neles, chora. É doente, não vê de um olho, é quase cega do outro e falta-lhe a memória. Em casa, de onde quase nunca sai, os contactos telefónicos mais importantes têm de estar escritos a letras garrafais. Um deles é o de Vera.

Uma vez por semana a Vera, de 21 anos, visita a dona Fernandinha, faz-lhe companhia, conversa com ela, ouve os seus medos e os seus queixumes e ajuda-a no que for preciso. Desta vez são as operadoras do *help phone* que lhe estão sempre a ligar. Vera sossega-a: “Não se preocupe, era pior se não ligassem!”. Uma vez por semana Vera interrompe o pesado tic tac dos vários relógios espalhados pela casa minúscula. E pelo menos uma vez por semana a dona Fernandinha sente-se menos só.

A Sara tem 22 anos e anda sempre com um sorriso rasgado na cara, mas há pelo menos uma situação em que o sorriso desaparece: “quando a senhora morreu senti-me mal. Pensei que podia ter ido lá mais vezes. Senti-me impotente. Ver a casa sem ela fez-me sentir triste”, desabafa Sara ao falar de dona Alice, uma idosa que tinha esquizofrenia e vivia sozinha na Alta. “Ela passava o dia a cozinhar porque pensava que tinha hóspedes em casa e então cozinhava e cozinhava e depois ficava muito zangada porque ninguém vinha comer a comida que fazia”, lembra entristecida. O que têm em comum Vera Francisco e Sara Lima? Ambas são estudantes universitárias – Vera de Bioquí-

mica e Sara de Biologia – e voluntárias na Comunidade de Apoio aos Idosos da Alta de Coimbra (CAIAC). E ambas partilham experiências semelhantes: dividem o seu tempo livre com alguns idosos que vivem sós.

A CAIAC tem três anos e, conjuntamente com as Irmãs Criaditas dos Pobres (uma congregação diocesana – ver caixa) dá apoio aos idosos da Alta coimbrã. Para além de tratarem de algumas questões domésticas – lavam loiças, fazem camas, varrem chãos – acompanham os idosos ao médico, ao banco e à farmácia. Mas, acima de tudo, os voluntários levam um pouco de conforto humano e uma palavra amiga a casa dos idosos.

Apesar do grupo estar inserido numa organização de cariz religioso – o Centro Universitário Manuel da Nóbrega (CUMN) – a CAIAC decidiu este ano abrir-se a todos os que queiram fazer voluntariado sem olhar a credos religiosos.

Inicialmente, o grupo teve de escolher entre trabalhar com crianças ou com pessoas mais velhas. Escolheram os idosos e a razão salta à vista: “havia mais gente a trabalhar com as crianças. E achei que o desafio com os mais velhos era mais difícil mas também mais interessante”, afirma Sara. A acrescentar a isto, o facto de o grupo estar sediado numa freguesia com uma população muito envelhecida e onde as casas estão muito degradadas.

Semanalmente, cada membro do grupo, acompanhado por uma Irmã das Criaditas dos Pobres, visita um idoso e passa com ele cerca de uma hora. Pode parecer pouco, mas Filipa, outra voluntária, explica que “para aquelas pessoas ter ali alguém todas as semanas dá-lhes uma tranquilidade muito maior, fá-los sentir mais seguros”. Apesar de tudo, esta é uma segurança com calendário. Nas férias do período lectivo, os jovens que não são de Coimbra ausentam-se. Os mais velhos ficam.





Filipa Teixeira tem 25 anos e é recém-formada em Medicina. Também ela teve vontade de fazer algo mais para além do curso universitário e por isso se juntou à CAIAC. “Faz-me bem ajudar as outras pessoas. Senti esta necessidade quando andava a estudar para o exame da especialidade”, justifica-se.

A necessidade de que Filipa fala é um denominador comum aos jovens que fazem parte da CAIAC, todos falam da vontade em ajudar, em fazer algo, o sentimento de ser útil a alguém, ao próximo. E para os idosos da alta, sempre escondidos nas suas velhas casas, muitos abandonados à sua sorte, estes jovens fazem-lhes falta.

Sara fala também de “uma certa admiração pelas pessoas mais velhas, pelo seu conhecimento e experiência de vida” e de “um desejo de aprender e de contactar com uma realidade que, não assim tão longe, será a nossa”. Sara conclui: queremos “contrariar uma certa visão egocêntrica da realidade”.

Nos casos de solidão o simples facto de haver alguém que esteja disponível uma hora para conversar e se preocupar pode fazer toda a diferença. “Quando a Vera me telefona a dizer que vem cá fico morta que ela chegue para conversar com ela”, desabafa a dona Fernandinha, a sorrir.

A dona Fernandinha está sempre desejosa que alguém a visite. Em sua casa têm lugar de destaque algumas fotografias com estudantes com quem fez amizade. “Uma pediu-me que a deixasse tratar-me por avó”, conta enlevada e saudosa da jovem que já terminou o curso. Agora, sozinha e quase cega, passa os dias deitada numa cama que está sempre aberta e que outrora já foi destinada a duas pessoas. Por vezes, vem para a entrada ver os estudantes que ainda passam e alimentar um gato que ali faz as suas refeições. Quando Vera anuncia que se está a fazer tarde, a dona Fernandinha ainda tenta adiar a partida: “Ó Verinha tem de ir já? Eu gostava que ficasse mais um bocadinho!”. Quando finalmente se resigna ao inevitável, dona Fernanda pede para Vera voltar depressa porque “se ainda estiver viva cá estarei para a ver!”. O silêncio da casa espera-a novamente. Uma vez lá dentro, esperará pacientemente os sessenta minutos de companhia que a tiram semanalmente da solidão.

Helder Almeida
Aluno do 4.º ano de Jornalismo na FLUC

A cozinha dos pobres

O homem, um imigrante africano cheio de tinta, poeira e salpicos de cimento, e cheio de fome, toca à campainha freneticamente. Ao fim-de-semana a Cozinha Económica está fechada, mas as Irmãs Criaditas dos Pobres têm sempre algo a dar, seja uma sandes com queijo da CEE, umas sardinhas fritas no pão ou uns pastéis que uma padaria das proximidades dá.

Durante a semana, a Cozinha Económica está sempre cheia. “Antes vinham mais os pedreiros, os varredores, os carregadores da estação, gente digna, que não mendigava. Hoje é diferente, à cozinha vão muitos mendigos, muitas prostitutas, drogados e imigrantes. Hoje o mendigar é quase uma profissão”, denuncia a Irmã Lucinda, superiora da comunidade e encarregada geral do refeitório da Cozinha Económica.

Por um €1,40 toma-se uma refeição completa, “forte”, como a classifica a Irmã. Sopa, arroz, feijão e carne fazem parte da dieta principal. No entanto, “quem não puder pagar come à mesma”.

O refeitório da Cozinha Económica é gerido pelas Criaditas (integrado na Cozinha está também um centro de dia para idosos, mas é gerido pela Segurança Social), uma congregação diocesana nascida em Coimbra nos anos 30.

Segundo conta a Irmã Lucinda, a ideia era “ajudar as famílias pobres, que não tinham que comer, e ao mesmo tempo evangelizar, dando aos pobres uma orientação cristã”.

Apesar de serem poucas (resumem-se a pouco mais de trinta Irmãs), as Criaditas dos Pobres levam a sua obra a todo o país: Aveiro, Portalegre, Amadora, Rabo de Peixe (nos Açores), para além de Coimbra. Recentemente foi ainda criada uma obra no Maranhão, no Brasil.

Vão para dar e acabam por receber

*“Vivemos todos sob o mesmo céu,
mas nem todos temos os mesmos horizontes”*

Konrad Adenauer

Francisco tem 34 anos. Em 2005 trocou o cargo de professor assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por um desígnio. Agora, que o cumpriu e regressou, é um dos 410 mil rostos do desemprego em Portugal. Tiago é um estudante universitário apaixonado por fotografia. Ana é uma psicóloga de voz terna e olhos verdes, tão grandes quanto brilhantes. Paula é licenciada em engenharia Geológica. Tem 30 anos mas aparenta ter 20. Quem olha para a mulher de estatura baixa e cabelo curto, em desalinho, não tem como prever a guerreira que o ar miudinho oculta. São pessoas diferentes. Têm vivências, idades, memórias e personalidades distintas. Mas há um denominador comum a todos. Foram voluntários em África. Melhor: “são” voluntários em África. Porque de lá “nunca se regressa em definitivo”. Ao que Francisco Choupina chama irracionalidade, Ana Marques chama apelo. Independentemente dos rótulos, ambos concordam que o que os levou a deixar tudo e a partir para África foi um desejo muito forte de ser útil a quem mais precisa. Nenhum dos dois se considera especial. Partiram por eles. “Porque sentia que tinha de ir”, explica Ana, determinada.

Francisco e Ana foram juntos para Benguela, sul de Angola. Ana esteve “em missão” um ano e meio, Francisco quase dois. Choupina é mais inquieto do que a companheira. Ao contrário dela, a quem o trabalho em África trouxe alguma paz, ele parece ainda meio perdido entre os dois continentes.

Quando questionado sobre os motivos que o levaram a abandonar uma promissora carreira como docente universitário, a resposta sai-lhe espontânea: “um longo percurso de insatisfação fez-me renunciar ao comodismo em que vivemos”. No entanto, reco-

nhece que “é um grande mistério o motivo que leva uma pessoa a desacomodar-se desta forma”.

O ex-professor assegura que agora não imagina a vida “sem ter passado por esta experiência” e “não suportaria” a ideia de não poder regressar a África. Talvez a inquietação lhe venha mesmo das saudades do continente-mãe. Da vivência como voluntário ficou-lhe a certeza: “o tempo mais bem gasto é o que se gasta com as pessoas”.

A missão em Benguela foi organizada pelos Leigos Para o Desenvolvimento, uma Organização Não Governamental, de cariz católico. Através dos voluntários, os Leigos actuam em África e Timor-leste, ao serviço do progresso dos países mais carenciados. Apesar da instituição se reger pelo “espírito evangélico” e procurar “construir um mundo cada vez mais justo, fraterno e humano”, uma pessoa que não seja católica não pode ir em missão. “Porque não se sentiria identificada com o grupo”, justificam, em uníssono, Ana e Francisco.

Ana define a experiência de missionária como “uma outra vida”. E garante que os principais problemas de adaptação surgem não na chegada a África mas no retorno a Portugal. “Choca ouvir as pessoas queixarem-se de coisas que para mim deixaram de fazer sentido”. Durante a vivência de voluntariado – porque é “vivência” e não “experiência” que os voluntários lhe chamam – aprende-se a relativizar os problemas e a dar valor ao que é realmente importante. “Às pessoas”, acrescenta Francisco.

Ricardo Carmona e Tiago Lino estão de partida para São Tomé e Príncipe. Ambos são estudantes universitários. Ricardo tem 23 anos e está em Engenharia Civil, Tiago tem 21 e estuda Arqueologia. Vão partir no âmbito do projecto Bússola, iniciativa que teve início em Setembro de 2003, quando um grupo de



Fotografia cedida pela *Bússola*

jovens universitários de Coimbra decidiu definir um plano de voluntariado de Verão. O ponteiro desta bússola indica o caminho para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Durante um ano, a Bússola assegura a formação necessária ao projecto em África. Para além das reuniões quinzenais, que têm como objectivo unificar e preparar o grupo, a formação engloba acções de voluntariado, sempre em Coimbra, em orfanatos, na Cozinha Económica ou no apoio de rua à noite.

Quem está de partida evita as expectativas porque teme que estas prejudiquem a acção. Levam como único sonho “dar continuidade ao que tem sido feito”. Ricardo, tal como Tiago, sabe que não vai mudar África. Realiza-se em “plantar uma semente”, mesmo sabendo que este é um trabalho a longo prazo, cujos frutos dificilmente vai colher.

“Modificar a má imagem que os africanos têm do homem branco” é, no entanto, um objectivo definido. “O branco nunca é visto com bons olhos”. O peso da História sente-se na “desconfiança” com que os africanos ainda vêem chegar os europeus. “Mas esta realidade está a mudar aos poucos”, assegura Tiago.

Embora jovens, ambos têm noção de que “os bens materiais nos fazem, por vezes, desligar daquilo que é verdadeiramente importante na vida”. Os olhos de Ricardo e Tiago brilham de entrega e convicção quando pensam no que vão dar de si ao próximo em terras distantes.

Uns voluntários chegam trazidos por outros. Os “velhos” contam estórias aos “novos” que fazem despertar “o sonho de África” – o desejo de aventura e do imprevisto, da “África Minha” do cinema – mas, acima de tudo, a vontade desmesurada de dar, só por dar, sem receber nada em troca. Só quem ainda nunca partiu acredita que vai apenas dar. Quem já viveu o voluntariado em África sabe bem que aquilo que se recebe é “infinitamente maior” do que aquilo se dá.

As memórias africanas destes voluntários estão arrumadas na cabeça e no coração de cada um deles. De um lado, as más, de outro, as boas.

De um lado os “bairros”, comunidades de refugiados de guerra, que se deslocam para as imediações das grandes cidades à procura de alguma segurança. A proximidade da morte. Um funeral que passa entre dezenas de crianças a brincar na rua, porque estes desfiles de dor são parte do dia-a-dia. O lixo, que está em toda a parte, nas lixeiras de céu aberto, na ausência de latrinas. A convivência caótica de pessoas e animais. Uma epidemia de cólera de grandes dimensões. Países que (sobrevivem numa insegurança diária: armas à solta, minas por todo o lado, fome, miséria. Gente cujo orçamento diário ronda os 45 cêntimos. O fosso colossal entre as poucas pessoas que têm muito e a imensidão de pessoas que não têm nada. Uma aula com menos dois alunos que no dia anterior pisaram uma mina. Um outro aluno que “teve mais sorte e só perdeu um braço”.

De outro lado ficam as recordações boas. “Mágicas”. As aulas dadas a alunos-esponja que, curiosos e ávidos de saber, querem absorver tudo o que é dito. Os “meninos de chocolate”, doces como o mel, afetuoso, felizes apesar de tudo. Crianças de uma criatividade sem igual. “De desperdícios constroem coisas geniais”, garante, ainda incrédula, Paula Melo, voluntária em Moçambique. Nesta caixa de memórias fica também a alegria de uma gente que, aos olhos europeus, não tem razão nenhuma para sorrir. A magia do programa de alfabetização de adultos: mães de 40, 50 e 60 anos a escreverem, do nada, o nome dos filhos pela primeira vez.

“É um milagre”, sintetiza Ana Marques. “Damos às pessoas aquilo que ninguém lhes pode roubar: um lugar na história delas e da sua comunidade e a consciência de que podem quebrar este círculo de pobreza dramático”. O milagre de Ana tem banda sonora: o riso dos “meninos de chocolate” que corriam atrás dela pelos bairros a chamar-lhe “Catchindeli”. “A pequena branca”, no dialecto local.

Martha Mendes
Aluno do 4.º ano de Jornalismo da FLUC

Deliberações do Senado

• SESSÃO PLENÁRIA DE 23 MAIO 2007

Deliberação n.º 31 de 23 de Maio
Aprova a Moção do Senado da Universidade de Coimbra sobre o Projecto/MCTES de Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior. A proposta, (Doc. n.º 22/2007), foi apresentada pelo Reitor.

•

• SESSÃO PLENÁRIA DE 06 JUNHO 2007

Deliberação n.º 32 de 6 de Junho
Aprova a criação do Curso de Pós-Graduação em Planeamento e Gestão Urbanística Municipal e respectivas taxa de candidatura e propinas: Taxa de candidatura - 50 euros. Propinas - 2 000 euros. A proposta, (Doc. n.º 24/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 33 de 6 de Junho
Aprova o valor das taxas a cobrar pela FCDEF-UC aos participantes nos cursos de formação contínua de professores, em 2007. A proposta, (Doc. n.º 23/2007), foi apresentada pela Faculdade de ciências do Desporto e Educação Física.

Deliberação n.º 34 de 6 de Junho
Aprova o valor das propinas da Formação Pós-Graduada nos períodos lectivos com início em 2007: Programas de Doutoramento e 3.º Ciclos de Estudos: nos termos do n.º 2 do Despacho n.º 915/2005, de 14 de Dezembro de 2004, publicado no Diário da República, 2.ª Série, n.º 9, de 13 de Janeiro de 2005, alterado pelo Despacho n.º 13391/2006, de 24 de Maio de 2006, publicado no Diário da República, 2.ª Série, n.º 121, de 26 de Junho de 2006; Cursos de Mestrado e 2.º Ciclos de Estudos: 2 500 euros (dois mil e quinhentos euros); Cursos de Pós-Graduação e Curso de Especialização em Estudos Neerlandeses: 1 250 euros (mil duzentos e cinquenta euros); Cursos de Especialização em Ciências Documentais e em Tradução: 1 000 euros (mil euros) anuais. A proposta, (Doc. n.º 27/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 35 de 6 de Junho
Aprova as medidas a aplicar tendo em vista a promoção do sucesso escolar. A proposta, (Doc. n.º 31/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 36 de 6 de Junho
Aprova o Calendário Escolar para 2007/2008 - períodos lectivos e de avaliação. A proposta, (Doc. n.º 25/2007), foi apresentada pela Reitoria.

•

• SESSÃO PLENÁRIA DE 11 JULHO 2007

Deliberação n.º 37 de 11 de Julho
Aprova o valor das propinas e as vagas para os Mestrados da FCTUC oferecidos ao abrigo do Programa CMU-Portugal: Propinas do Mestrado em Engenharia do Software (MSE) - 10 000 euros. Propina do Mestrado em Informática e Projecto de Software - 7 500 euros. Vagas: 15 vagas para os dois Mestrados em conjunto, nos termos da proposta. A proposta, (Doc. n.º 34/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 38 de 11 de Julho
Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre, correspondente ao 2.º Ciclo de Estudos, em Ensino de Física e de Química no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. n.º 41/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 39 de 11 de Julho
Aprova a proposta de vagas e de propinas relativas aos 2.º Ciclos de Estudos ministrados na Faculdade de Ciências e Tecnologia. A proposta, (Doc. n.º 43/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 40 de 11 de Julho
Aprova a proposta de Regulamento de disciplinas isoladas, a vigorar na Fac. de Ciências e Tecnologia da UC. A proposta, (Doc. n.º 44/2007), foi

apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 41 de 11 de Julho
Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre, correspondente ao 2.º Ciclo de Estudos, em Energia para a sustentabilidade, de acordo com o Dec-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. n.º 46/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 42 de 11 de Julho
Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor, correspondente ao 3.º Ciclo de Estudos, em Energia para a sustentabilidade, de acordo com o Dec-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta, (Doc. n.º 47/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC.

Deliberação n.º 43 de 11 de Julho
Aprova a proposta de criação de MBA para Executivos e respectivas propinas: 4 450 euros, acrescidas de 250 euros pelas unidades curriculares de acesso. A proposta, (Doc. n.º 35/2007), foi apresentada pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 44 de 11 de Julho
Aprova o Regulamento de "Frequência de disciplinas isoladas" e respectivas propinas. A proposta, (Doc. n.º 37/2007), foi apresentada pela Fac. de Economia.

Deliberação n.º 45 de 11 de Julho
Aprova o aumento da propina anual em 250 euros dos seguintes cursos: Doutoramento em "Linguagens, Identidades e Mundialização"; Mestrado em "Dinâmicas Sociais e Riscos Naturais". A proposta, (Doc. n.º 38/2007), foi apresentada pela Fac. de Economia.

Deliberação n.º 46 de 11 de Julho
Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre, correspondente ao 2.º Ciclo de Estudos, em Métodos Quantitativos em Finanças, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta, (Doc. n.º 42/2007), foi apresentada pela Fac. de Economia.

Deliberação n.º 47 de 11 de Julho
Aprova a proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa ao Senhor Dr. António de Almeida Santos.

A proposta, (Doc. n.º 39/2007), foi apresentada pela Fac. de Direito.

•

• SESSÃO PLENÁRIA DE 12 SETEMBRO 2007

Deliberação n.º 48 de 12 de Setembro
Aprova o Regime de Estudante a Tempo Parcial. A proposta, (Doc. n.º 49/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 49 de 12 de Setembro
Aprova o Regulamento de Prescrições na Universidade de Coimbra. A proposta, (Doc. n.º 50/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 50 de 12 de Setembro
Aprova a criação do Observatório de Empregabilidade da Universidade de Coimbra. A proposta, (Doc. n.º 32/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 51 de 12 de Setembro
Aprova o enquadramento e características operacionais da Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra. A proposta, (Doc. n.º 33/2007), foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 52 de 12 de Setembro
Aprova o reajuste do quadro de pessoal não docente da Faculdade de Direito. A proposta, (Doc. n.º 40/2007), foi apresentada pela Fac. de Direito.

•